



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

GESSE DUQUE FERREIRA DE OLIVEIRA

**O INTERNAUTA E O FANTASIAR**

Belém, Pará  
2017



**GESSÉ DUQUE FERREIRA DE OLIVEIRA**

**O INTERNAUTA E O FANTASIAR**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Pará, com objetivo de avaliação para obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Roberto Ceccarelli

Belém, Pará  
2017

GESSÉ DUQUE FERREIRA DE OLIVEIRA

**O INTERNAUTA E O FANTASIAR**

Dissertação de Mestrado submetida ao Curso de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Pará – UFPA, como parte dos requisitos necessários à obtenção de título de Mestre em Psicologia.

Aprovada por:

Prof. Dr. Paulo Roberto Ceccarelli – UFPA – Orientador

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Graciela Haydée Barbero – UFMT – Membro externo

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Roseane Nicolau – UFPA – Membro Interno

---

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Conceito: \_\_\_\_\_

Belém, Pará  
2017

*Aos meus pais.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais por sempre terem acreditado e investido em um filho “dotô”. Por terem comprado aquele meu primeiro livro, “João e Maria”, que me fez encontrar um mundo na leitura. Agradeço ao meu irmão, por nossas brincadeiras, brigas, abraços e união. Agradeço também aos meus familiares, em especial, a minha tia Celma, minhas primas Mariana, Taylline e Thalita pelas energias positivas, mensagens, vídeos, além de todas ligações com cheiro de pequi, do Mato Grosso.

Agradeço ao meu orientador Paulo Roberto Ceccarelli, uma pessoa fantástica, humilde e aberta a escutar o que seus alunos têm a lhe dizer e instigá-los a defender e sustentar seus pontos de vista, mesmo se contrários ao dele.

Agradeço à Professora Roseane e à Professora Graciela por aceitarem participar das bancas de qualificação e defesa, o que contribuiu para o progresso do meu trabalho, com críticas pontuais e construtivas.

Agradeço à Clarice Lispector, Manoel de Barros e Carlos Drummond de Andrade pelo afago e a mão estendida nas horas difíceis, angustiantes, em que nada parecia dar certo, e que tudo era o escuro de portas fechadas.

Agradeço à Belém por ter me acolhido tão bem com seu brega, carimbó, açaí, peixe frito, breação e bolo podre. Agradeço a Roberta Pinho que me buscou no aeroporto, procurou apartamentos para eu alugar e, no fim, me recebeu em sua casa e dela fez meu lar. À Wanda que me aceitou como inquilino, me apresentando o melhor do baile da saudade.

Aos amigos, em especial à Aline que aprendeu a me dar um cheiro quando me encontrar e a dividirmos nossas desilusões, falhas e desejos. Ao Rogério, a quem pude instigar o desejo pela Psicanálise e ele, por sua vez, me ensinou sobre foco. Ao César por seu dom de amor.

Agradeço a CAPES pelo incentivo financeiro.

Agradeço a Universidade Federal do Pará pela confiança e possibilidade de questionar e produzir algo daí.

*Pedaço de mim*

*Oh, pedaço de mim  
Oh, metade afastada de mim  
Leva o teu olhar  
Que a saudade é o pior tormento  
É pior do que o esquecimento  
É pior do que se entrevar*

*Oh, pedaço de mim  
Oh, metade exilada de mim  
Leva os teus sinais  
Que a saudade dói como um barco  
Que aos poucos descreve um arco  
E evita atracar no cais*

*Oh, pedaço de mim  
Oh, metade arrancada de mim  
Leva o vulto teu  
Que a saudade é o revés de um parto  
A saudade é arrumar o quarto  
Do filho que já morreu*

*Oh, pedaço de mim  
Oh, metade amputada de mim  
Leva o que há de ti  
Que a saudade dói latejada  
É assim como uma fígada  
No membro que já perdi*

*Oh, pedaço de mim  
Oh, metade adorada de mim  
Lava os olhos meus  
Que a saudade é o pior castigo  
E eu não quero levar comigo  
A mortalha do amor  
Adeus*

*Chico Buarque de Hollanda*

## RESUMO

OLIVEIRA, Gessé Duque Ferreira de. **O internauta e o fantasiar**. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Psicologia – Universidade Federal do Pará, Belém, 2016, p. 110.

Esse trabalho começou com pontuais inquietações acerca da concepção de alguns teóricos sobre a suposta dicotomia entre relações virtuais e relações sociais. Alguns teóricos questionam a virtualidade, acreditando que a tecnologia veio para afastar os homens e tornar as relações rarefeitas e sem valor, as relações teriam se tornado narcísicas, sem o reconhecimento do outro. Neste contexto, procuramos discutir sobre o avanço da tecnologia nas mais diversas áreas, principalmente, na utilização da virtualidade associada à tecnologia para relacionamentos interpessoais. Primeiramente, recorremos ao histórico da computação e Internet, depois apresentamos alguns autores que tratam a tecnologia de forma positiva e outros, de forma negativa. Após isso, resgatamos o conceito de fantasia em Freud e Lacan para mostrarmos que a fantasia delimita a realidade de cada um, e que cada sujeito se utiliza de quaisquer ferramentas de acordo com seu desejo. No terceiro aspecto, resgatamos a noção da relação de objeto em Freud e Lacan, acabando com a ideia de uma relação dual, na qual houvesse um objeto que aplacasse o desejo, para assim mostrar que o que move a relação do sujeito com o mundo é justamente a falta de objeto. Por fim, utilizamos o filme *Her* (JONZE, 2013) para respondermos como, nesse caso, a fantasia foi capturada pela virtualidade.

Palavras-chaves: Fantasia; Virtualidade; Relações virtuais; Filme Her.

## ABSTRACT

OLIVEIRA, Gessé Duque Ferreira de. **The internet users and fantasy**. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Psicologia – Universidade Federal do Pará, Belém, 2016, p. 110.

This work began with some concerns about the design of some theorists about the supposed dichotomy between virtual relationships and partners relations. Some theorists have questioned the feasibility, believing that technology has come to draw men away and make the rarefied relations and worthless, relations would be narcissistic without the recognition of the other. We seek to discuss the advancement of technology in various fields, especially in the use of virtuality associated with technology to interpersonal relationships. First, we turn to the history of computing and Internet, then present some authors who deal with technology positively and others negatively. After that, we rescued the concept of fantasy in Freud and Lacan to show that fantasy delimits the reality of each, and that each individual uses any tools according to your wish. In the third aspect, we rescued the notion of object relations in Freud and Lacan, ending the idea of a dual relationship in which there was an object that placate the desire, showing that what moves the subject's relation to the world is just the absence of object. Finally, we used the film Her (JONZE, 2013) to demystifying virtual relationships.

**Keywords:** Fantasy; virtuality; virtual relationships; Her film.

## SUMÁRIO

1. Introdução	02
2. O computador, a internet e as relações virtuais	11
2.1 A virtualização	12
2.2 O surgimento do computador e da Internet	14
2.3 Sobre a virtualização dos relacionamentos	16
2.4 Bauman e a liquidez das relações	21
2.5 Algumas inquietações sobre Bauman	28
3. A fantasia e a Psicanálise	30
3.1 A teoria da sedução	31
3.2 Ciclo da fantasia	37
3.2.1 Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen	38
3.2.2 Escritores criativos e devaneios	42
3.2.3 Fantasias históricas e sua relação com a bissexualidade	43
3.2.4 Sobre as teorias sexuais das crianças	45
3.2.5 Romances familiares	47
3.2.6 Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico	48
3.3 Bate-se em uma criança: uma fantasia paradigmática	49
3.4 Lacan e a constituição do sujeito	53
3.4.1 O Estádio do espelho	54
3.4.2 Alienação e separação	56
3.5 De das Ding ao objeto <i>a</i>	60
3.6 Bate-se em uma criança: a releitura lacaniana	65
4. A relação de objeto	71
4.1 Freud e a relação de objeto	73
4.2 Lacan e a relação de objeto	79
4.2.1 Frustração, Privação e Castração	82
5. O filme <i>HER</i> e a fantasia	86
5.1 Play a melancholy song	86
5.2 Ela ou dela	90
5.3 Theodore e a fantasia dela	93
6. Considerações finais	98
7. Bibliografia	102

## 1. INTRODUÇÃO

É surpreendente a gama de autores renomados, dentre eles sociólogos como Bauman (2001, 2004, 2007, 2008, 2009), Lasch (1983) e até mesmo psicanalistas como Birman (1987), que constata um movimento narcísico, na contemporaneidade, no tocante aos relacionamentos sociais. Segundo esses autores, poderíamos compreender o narcisismo como um investimento libidinal em si, ou uma força centrípeta, ou mesmo como uma onda individualizadora e egocêntrica, que estaria desgastando, fragmentando e enfraquecendo as relações sociais.

A compreensão desses autores acerca do narcisismo, um tema tão central na obra freudiana, nos faz pensar que, talvez, eles não tenham levado em conta, que, como já ressaltara Freud (1914) em seu célebre artigo *À guisa de introdução ao narcisismo*, o narcisismo faz parte do desenvolvimento psicosssexual e perpassa todas as relações, não sendo sinônimo de individualismo ou mesmo egocentrismo: o termo narcisismo não anula o reconhecimento do outro.

Da mesma forma que o sujeito recobre libidinalmente seu *Eu*, ele investe libido em outros objetos e tem seu *Eu* investido libidinalmente por outras pessoas também. Freud (1914), ao pontuar duas formas de amar nesse texto – a saber a forma por anaclítica e a forma narcísica –, deixa claro que em última instância toda forma de amar (ou relacionar-se) é narcísica, já que os relacionamentos se laceiam de forma reflexiva com a libido.

Esses autores, talvez mesmo por terem elidido essa importante contribuição freudiana, não cansam de anunciar um futuro desolador para as relações humanas, principalmente, por causa do surgimento de novas formas de comunicação e interação sociais possibilitadas pela Internet, na qual, segundo eles, o investimento no *Eu* se apresenta como imperativo.

Esses discursos de forma sistematizada sobre a Internet, na verdade, começaram na década de 90, nos Estados Unidos. Desde os primórdios, as pesquisas apontavam, sobretudo, aspectos negativos. Visto que, vários estudos revelavam que as pessoas que utilizavam o computador para se relacionarem estariam ficando solitárias e

substituindo vínculos fortes por fracos. Ou seja, estariam trocando relações fortes, construídas corporalmente por ligações frágeis mediadas por uma tela de computador.

Embora houvesse uma avalanche de críticas, tornou-se interessante notar que tais pesquisas passaram a ser questionadas, nos anos 2000, nos próprios Estados Unidos. Apesar disso, ainda vemos a mídia brasileira na contramão desses estudos, sendo unânime ao subestimar os relacionamentos virtuais e apresentar a Internet como fonte de perigo (NICOLACI-DA-COSTA, 2002, 2005).

Nessa discussão, entende-se que a Internet e a telefonia celular são formas de redes de telecomunicação com aspectos semelhantes. Embora fossem convergentes, no começo de suas difusões, a reação a ambas geraram diferentes posicionamentos. Os celulares foram percebidos como um prolongamento da telefonia fixa e a Internet foi compreendida como um fator de ruptura com as maneiras tradicionais de se relacionar (NICOLACI-DA-COSTA, 2005).

Como ressaltado acima, grande parte dos teóricos afirmam que a Internet isola, deprime e, por vezes, aliena. Torna as pessoas egocêntricas, as restringem em seus quartos frios e escuros, degradando as “relações normais”, além de provocar o medo generalizado de se relacionar (NICOLACI-DA-COSTA, 2002). Por vezes, percebemos que o principal incômodo para os teóricos críticos da Internet seria a falta de relações corpóreo-materiais que ela suscita, configurando-se até uma heresia das relações sociais para esses pensadores.

Para termos noção de um desses discursos pessimistas, podemos apresentar algumas ideias do psicanalista Birman (1997). Embora em nenhum momento ele nos informe o que seria a fundamentação da existência humana, acredita que a existência humana ficaria destituída do que é fundamental por causa da maquinização da vida. A tecnologia, segundo ele, provocaria um esvaziamento da existência humana.

Birman (1997) define, ainda, a tecnologia como o instrumento da morte, no qual as pessoas ficariam angustiosamente aprisionadas. Assim, a nova era seria pautada na autoconservação freudiana “onde a individualidade se mantém nas referências estritas do seu *Eu* e não pode arriscar nada na sua existência (BIRMAN, 1997, p. 227)”.

É imprescindível continuar com as críticas à Internet sem trazermos Zygmunt Bauman (2004) à discussão, pois ele define as relações virtuais como moldes para todos

os tipos de relacionamento. As relações atuais são relações de redes, nas quais se pode ter contato com todos a qualquer momento e das quais podemos nos desconectar facilmente, enfatizando que se relacionar e se desconectar com facilidade fez com que as relações perdessem valor.

Na contra mão de toda essa problemática, um questionamento pontual foi realizado por Prestes (2005 APUD DONNAMARIA & TERZIS, 2009) sobre as críticas feitas em relação ao uso da Internet nas relações sociais. Em sua pesquisa *Sobre a evolução de vínculos conjugais originados na Internet*, ele questiona “por que um relacionamento *online* deveria ter 100% de efetividade, quando o *offline* nos mostra outra coisa? (PRESTES, 2005, p.3 APUD DONNAMARIA & TERZIS, 2009)”, problematizando o paradigma de que os relacionamentos originados pela Internet teriam menos chances de se concretizarem e seriam menos sérios.

Apreciando as ideias dos autores citados, podemos perceber que Bauman (2004), principalmente em sua obra *Amor Líquido* e até mesmo o psicanalista Birman (1997) forjam um modelo único de relacionamento contemporâneo, além de entenderem as relações interpessoais de forma dual. Em nenhum momento, nessas análises, ressaltam a importância da fantasia dos sujeitos nas relações tanto corpóreas, quanto virtuais. Nem a concepção de que a Internet seria mais uma das inúmeras ferramentas culturalmente criadas para dar vazão à pulsão.

Eles só ressaltam que há um medo generalizado de se relacionar e que investir em si é uma tendência. Devemos nos atentar que, embora na época de Freud não houvesse Internet, já percebíamos desde seu estudo de caso *Fragmentos da análise de um caso de histeria* (FREUD, 1905 [1901]) que as fantasias mediavam as relações, ou mesmo muito antes com a carta sessenta e nove dirigida a Fliess (FREUD, 1950 [1892-1899a]). E a partir disso, não restringiríamos as fantasias às relações corpo-a-corpo, mas a todo tipo de relação. Dessa forma, entendemos que a Internet será utilizada por cada um em ressonância com o lugar que ela ocupa na dinâmica psíquica.

Ao se falar de fantasia, é interessante notar como a realidade é algo intrínseco e singular. Já que, podemos passar pelas mesmas experiências, mas cada sujeito insistirá em percebê-la de um determinado modo, com certas defesas, desejos ou distorções. Abarcando para o plano individual, temos absoluta e segura certeza de que algum fato ocorreu conosco, contudo depois podemos descobrir que não passavam de fantasias.

Dessa forma, podemos assegurar o que dizemos com base em nossa análise pessoal. Quantas certezas e dogmas não cansamos de levar à análise e depois saímos com a sensação de que tudo criamos para nos defender e proteger?

Freud desde o início da sua obra percebeu que a realidade seria de importância psíquica, não material. Ousamos dizer que a fantasia foi a possibilidade do nascimento da Psicanálise. Só com essa descoberta foi possível compreender a magnitude da importância da realidade psíquica na etiologia da neurose, conforme admitido pelo próprio Freud na carta sessenta e nove a Fliess (FREUD, 1950 [1892-1899a]) e em seu *Um estudo autobiográfico* (FREUD, 1925 [1924]).

Salientamos que, antes, Freud (LAPLANCHE & PONTALIS, 1900) procurava uma cena determinante e traumática de sedução real de um adulto a uma criança para justificar a etiologia das neuropsicoses. Já que no começo de sua investigação, Freud (1893-1895) percebeu que a fala de suas pacientes se dirigia a vivências sexuais infantis de sedução por um adulto. Essa descoberta fez com que Freud relacionasse os sintomas às experiências sexuais que teriam ocorrido na infância e que haviam sido esquecidas por suas pacientes (FREUD, 1896a, p. 164). Poderíamos, aqui, fazer um paralelo entre a Teoria da Sedução para Freud e as interpretações maléficas que alguns intelectuais dão à utilização da tecnologia nos relacionamentos humanos. Mas, são questões que faltam abordagem e discussão.

Todavia, Freud (1950 [1892-1899a]) passou a não acreditar mais em sua *neurótica*, pois viu que no inconsciente não haveria indicações de realidade, de modo que não se conseguiria distinguir entre a verdade e a ficção carregada de afeto. Haveria a possibilidade de os pais serem temas da fantasia sexual. Os sintomas não eram mais derivados das lembranças infantis, existindo a fantasia entre os sintomas e as impressões infantis (FREUD, 1906 [1905a]).

Em seu texto considerado por Marco Antônio Coutinho Jorge (2010) como o metapsicológico da fantasia, Freud (1911) nos revela que um tipo de atividade ficou submetido apenas ao Princípio do prazer: o fantasiar, que já começara com o brincar das crianças e mais tarde prosseguira para o devanear adulto.

A subversão freudiana, apresentada acima, de trauma para fantasia e da infância para o infantil deixa uma marca inacessível ao saber consciente. É a partir da lógica da fantasia que o sujeito pode edificar uma ficção sobre a causa de seu desejo.

Lacan tenta resolver a questão da estrutura da realidade caracterizando o conceito de fantasia fundamental como enquadre da realidade, já que não há saber instintivo para o sujeito (PACHECO, 2012).

Para Lacan, a realidade é simbólica e imaginária, construída pela fantasia, que sempre tenta neutralizar o real insuportável (JORGE, 2010). Para ele, a realidade psíquica tem estrutura de ficção e se resolve em sua formulação dos três registros da realidade humana: Real (R), Simbólico (S) e Imaginário (I). Eles estão unidos na topologia do nó borromeano de forma que se um se desfizer, os outros se desfazão.

Esses devaneios, romances, histórias, contos dotados de extremo prazer e vergonha que ora forjamos, ora não sabemos que o fazemos, deformam nossa realidade imediata, nossa percepção, nos fazendo ver o que desejamos. A fantasia, em geral, é uma cena inconsciente. Há desejos que querem ser realizados imperiosamente, e nosso *Eu* forja uma cena na qual esses desejos serão realizados sem que nos coloque em risco (NASIO, 2007).

Temos falado tanto de fantasia e seria bom frisar que a fantasia como realidade psíquica não bloqueia o acesso à realidade, ela só regula a relação do sujeito com a realidade (JORGE, 2010).

A fantasia, ou melhor, a fantasmática de um indivíduo seria responsável pelos sonhos, pelos sintomas, pelo agir, pelos comportamentos repetitivos, por todo o dinamismo do indivíduo. Ela modela e estrutura o conjunto da vida do indivíduo (PORCHAT, 2005, p. 25).

A partir de todo o apresentado, esta dissertação buscou investigar as relações entre a fantasia do internauta e as conexões virtuais. Para tanto, analisamos o filme *Her* de Spike Jonze (2013). Esse filme se passa na cidade de Los Angeles, em um futuro próximo. O personagem principal, Theodore Twombly, trabalha escrevendo cartas para outras pessoas. Foi casado durante algum tempo, mas separou-se. Ainda abatido por causa do término, segue sua vida um pouco melancólico e sem romances, até que adquire um sistema operacional (*OS – Operational System* em inglês) com inteligência artificial. Surge Samantha por quem Theodore se apaixona.

Esse filme nos suscitou vários questionamentos, desde nosso primeiro estudo sobre a importância da fantasia nas relações virtuais (OLIVEIRA & CECCARELLI, 2015). Nessa publicação, apresentamos a relevância de se considerar a realidade psíquica tanto nos relacionamentos corpóreos quanto nos virtuais. Também nos chamou a atenção a falta desse do conceito de fantasia na análise de alguns críticos da Internet.

Acreditamos que esse filme, por si só, nos proporcionaria uma relevante discussão no tocante dos estudos das relações virtuais *versus* materiais. Mesmo sabendo que as fantasias mediam todas as relações, virtuais ou reais, esse filme se torna ímpar numa possível análise do personagem com sua fantasia, justamente porque ele se apaixona por Samantha. Embora também possamos considerar Samantha como um sujeito desejante e, até, poderíamos pensar a relação dos dois, mediada por um telefone.

Temos, em uma cena específica, o fato de Samantha querer “ter um corpo” e contrata alguém para se passar por ela com Theodore. Mas é a fantasia de Theodore que não suporta isso. Pensamos que todas essas oscilações na relação ou no jogo erótico dos dois, toda a comunicação e interação podem nos ajudar a pensar em como a fantasia se deixa perceber nas relações virtuais.

Diante da crítica dos teóricos da Internet, introduzindo a fantasia como componente principal e extremamente relevante na análise dos relacionamentos, ainda ressaltando a importância da fantasia na relação da falta de objeto teorizada por Freud e Lacan, passamos a nos questionar de que modo a fantasia de Theodore seria capturada nas relações virtuais e que efeitos poderíamos inferir ao refletir sobre essa problemática.

Conforme apresentado, muitas pesquisas têm sido realizadas, entretanto, poucas são de caráter psicanalítico e que consideram a fantasia como mediadora, também das relações *online*. Tendo como ponto de intersecção a fantasia e o internauta, essa pesquisa se justifica pela importância em compreender os elementos que sustentam as relações nas ditas realidades virtuais. Este trabalho também procura contribuir para problematizar a pesquisa em psicanálise, bem como, fomentar sua evolução enquanto saber-prática.

Tivemos como objetivo geral investigar as relações entre o mundo fantasmático do internauta e as conexões virtuais. Entre os objetivos específicos se encontram apresentar os estudos de Freud e Lacan acerca da fantasia e da falta de objeto, analisar de que modo a fantasia interviria nas relações virtuais e que efeitos poderíamos inferir ao refletir sobre essa problemática, na análise do filme *Her*. Escolhemos como autores basilares para nos orientar nessa longa jornada Freud e Lacan, pela extensa obra e por terem-se debruçado na temática da fantasia, perpassando de uma forma ou de outra, todos os seus escritos.

Adentrando no escopo metodológico de nossa pesquisa teórica, entendemos que desde o início de seus estudos, Freud percebeu um sentido nas conversões de suas históricas e nas falas aparentemente *nonsense* e surreais das neuroses narcísicas. Seu saber nos dizia sobre o fato de que os processos mentais são em sua grande parte, ou, fundamentalmente, inconscientes e de que a sexualidade estava na etiologia das doenças nervosas. Por toda sua obra, podemos perceber Freud “observando, descrevendo, agrupando fenômenos, criando sua psicopatologia para além dos fenômenos, construindo a prática, abrindo portas para que outros, quanto queiram, necessitem ou desejem, passem (FERRARI, 2002) ”.

Diferentemente de outras áreas, o inconsciente (ou melhor dizendo, as manifestações do inconsciente, que são o objeto de pesquisa da psicanálise) e uma possível hipótese não podem ser estudados por meio de uma observação direta. É impossível prever a dinâmica psíquica responsável pela causalidade do inconsciente, sendo justamente o objeto de pesquisa em psicanálise que marca sua diferença em uma pesquisa psicanalítica. Ao falar de manifestações do inconsciente, estamos tratando aqui da realidade psíquica que equivale à realidade objetiva do sujeito, o que interessa à psicanálise é a dinâmica psíquica por trás do fenômeno observado (CECCARELLI, 2012).

Do ponto de vista da psicanálise, a realidade psíquica, ou o subjetivo, é o seu objeto de pesquisa, tendo o mesmo valor do objeto de pesquisa das ciências naturais. Muitas vezes, a realidade psíquica possui, na subjetividade de quem a anuncia, o mesmo estatuto que a realidade "objetiva" (CECCARELLI, 2012).

Assim já deixamos às claras que a leitura desse trabalho não será feita como deciframento de uma verdade última encontrada nas obras de Freud ou Lacan, mas será realizada como um trabalho de investigação de novas significações. A obra, a nosso ver, não possui uma verdade única que caiba ao pesquisador desvendá-la, mas como potencialidade de suscitar novas significações (MEZAN, 1995). O texto de Freud é renovado a cada leitura de um novo psicanalista. Com sua experiência analítica pessoal, ele vai poder desenvolver, recriar, renovar algum aspecto daquela obra (JORGE, 2007).

Por sermos seres pulsionais, nossa realidade é psíquica. Nossa realidade é simbólico-imaginária. Em toda construção da realidade, há um espaço impossível a ser enfrentado, a partir do inconsciente como resposta à falta de saber originária do sujeito

(GUERRA, 2011). Todo o nosso saber é construído ao redor dessa falta originária que recobre o Real em jogo, saber construído desde, e principalmente, por nossas teorias infantis que procuram responder ao enigma da sexualidade (CABAS, 2005).

Tendo em consideração que a dissertação versa sobre a fantasia e as relações virtuais com o objeto de estudo, que é um filme, Elia (2000) assegura que mesmo as pesquisas ditas teóricas devem ser consideradas pesquisas clínicas, devido ao seu objeto de estudo ser o inconsciente. Há as manifestações do inconsciente do pesquisador, além de que o pesquisador-sujeito também está ligado transferencialmente ao tema escolhido.

Ele evoca uma dimensão particular e marca a singularidade da pesquisa: a subjetividade do pesquisador, e as respostas que ele procura dar frente a angústia suscitada pelo (re)encontro de suas produções inconscientes com o tema a ser pesquisado (CECCARELLI, 2012).

Além disso, pelo fato de que tudo o que é humano trazer a marca do inconsciente, a Psicanálise teria o direito de se pronunciar sobre questões externas à situação analítica, já que, a Psicanálise se assenta sobre uma teoria do funcionamento psíquico. A teoria é ao mesmo tempo sobre a cultura e sobre como a psique se culturaliza, dessa maneira compreendemos que não há dentro e fora, mas um processo de culturalização:

Portanto, a investigação psicanalítica da cultura não somente é legítima, mas é também parte integrante da própria psicanálise, razão pela qual me parece inadmissível falar-se em “psicanálise aplicada” para designar esse trabalho (MEZAN, 1995, p. 62).

Dessa forma, por se tratar do inconsciente, toda pesquisa em psicanálise se configura como uma pesquisa clínica por causa, justamente, de o campo de pesquisa ser o inconsciente, cujo sujeito está incluso, além de que o saber em questão seguirá a mesma lógica inconsciente e será implicado pela transferência. Na psicanálise, não há como propor uma hipótese, já que o campo investigativo e o da descoberta coincidem, não importando o tema ou problema, fazendo com que o analista-pesquisador dirija sua escuta ao que visa o saber. O inconsciente não se deixa enganar pela metodologia clássica, para ele somente o método analítico (ELIA, 2000).

Seria útil frisar que o próprio Freud (ROSA, 2014) atravessou todos os campos do saber com a possibilidade da Psicanálise em extensão. Ele usou fenômenos coletivos para compreender os próprios processos individuais e se recusou à divisão indivíduo/sociedade, como podemos perceber em seus textos: *Totem e Tabu* (FREUD,

1913), *Psicologia das massas e análise do Eu* (FREUD, 1921), *O futuro de uma ilusão* (FREUD, 1927), *O mal-estar na civilização* (FREUD, 1930), entre outros.

Dessa forma, utilizaremos principalmente Freud e Lacan como meio de estudar a lógica inconsciente das relações virtuais, ao mesmo tempo em que pensamos trazer novas significações a essa temática. Tentaremos como Freud, ao analisar os discursos *nonsense* de suas histerias, promover novas reflexões e descobertas no campo psicanalítico.

Nossa dissertação será composta de cinco capítulos. Nesse primeiro capítulo, apresentamos nossos questionamentos e problematizações acerca da conexão fantasia e virtualidade, bem como nossos objetivos, autores e método de trabalho.

No segundo capítulo, intitulado *O computador, a Internet e as relações virtuais*, discutimos sobre a virtualização e sua apropriação pela tecnologia da informação. Apresentamos o contexto do surgimento da Internet e problematizamos o que os teóricos acreditam ter mudado na sociabilidade com o avanço tecnológico. Além de refletirmos um pouco sobre as ideias de Bauman, Lévi e Castells.

Já no terceiro capítulo, preocupamos em resgatar o conceito de fantasia em Freud e Lacan e sua importância para a construção da realidade. Realizamos uma revisão bibliográfica no que compete a Freud, desde a *Carta 69* (FREUD, 1950 [1892-1899a]) ao artigo *Uma criança é espancada* (FREUD, 1919). Em Lacan, também revisitamos essa fantasia fundamental, abordamos a constituição do sujeito e a extração do objeto *a*.

No quarto capítulo, aprofundamos nossos estudos na relação de objeto em Freud e na falta de objeto em Lacan. Trabalhamos com a relação entre pulsão e objeto. Em Lacan, especialmente, voltamos à falta de objeto.

No quinto capítulo, analisamos à luz da Psicanálise o filme *Her* (JONZE, 2013), no que compete ao que desperta a fantasia de Theodore em Samantha. Explicitamos o filme e nos aprofundamos na pulsão invocante.

## 2. O COMPUTADOR, A INTERNET E AS RELAÇÕES VIRTUAIS

Vivemos hoje em uma época na qual somos informados de acontecimentos em outros estados, em países distantes, simultaneamente ao ocorrido. Reuniões são realizadas pelo uso de plataformas de comunicação audiovisual. Correspondemo-nos instantaneamente com amigos pelo computador. Podemos namorar à distância ou mesmo procurar relacionamentos por aplicativos no celular. Sem dúvida a Internet nos propicia uma gama de formas de comunicação. Todavia saibamos que o nascimento da Internet é relativamente novo, sendo mais recente ainda a sua comercialização e seu uso como meio de comunicação.

Chamamos a atenção do leitor que o nosso intuito, nesse capítulo, é apresentar o contexto em que surgiu a Internet, bem como sua recepção pelo meio acadêmico, no tocante às pesquisas sobre as relações *online* e *offline*. De forma alguma, temos a intenção de apresentar um histórico exaustivo ou detalhado sobre o surgimento da Internet ou muito menos expor esse capítulo com uma linguagem que lhe é própria, no que se refere a sua tecnologia, siglas, funcionalidades, entre outros.

De maneira a nos situarmos na restrita bibliografia sobre o tema, optamos pelos mais reconhecidos autores. Consideramos, principalmente, as ideias de dois teóricos muito aclamados sobre o estudo da Internet. Dos quais escolhemos Manuel Castells (2003, 2013), que analisa a Internet do ponto de vista social e Pierre Lévy (2010, 2011), que a coloca sobre a filosofia da informação. Além disso, favorecemos também um capítulo especial ao pensamento de Gilles Lipovetsky (2005) e do sociólogo líquido Zygmunt Bauman (2001, 2004, 2007, 2008, 2009).

## 2.1 A VIRTUALIZAÇÃO

No final do século XX, houve uma modificação de nossa cultura material “pelos mecanismos de um novo paradigma tecnológico que se organiza em torno da tecnologia da informação (CASTELLS, 2013, p. 67)”. Por tecnologia, Castells (2013) entende “o uso de conhecimento científicos para especificar as vias de se fazerem as coisas de uma maneira reproduzível (p. 67)”. Podemos encontrar a tecnologia na microeletrônica, computação, telecomunicação, televisão, sendo um símbolo maior o celular e o computador.

Dessa forma, a tecnologia passou a se inserir em todos os domínios humanos, sem falar que moldou de forma definitiva a estrutura do novo veículo de comunicação. Interessante lembrar também que, quando foram inventados os computadores e, posteriormente, criada a Internet, era difícil prever a difusão que esses dois meios teriam, muito menos prever a grande virtualização da informação e da comunicação na vida (LÉVY, 2010).

O termo *virtual* para Lévy (2011) nos é um conceito essencial. Segundo ele, esse termo pode estar ligado ao sentido técnico; pode estar ligado ao sentido de uso corrente, no qual virtual é entendido como ilusório, irreal, porque lhe falta materialidade. Além disso, pode estar ligado ao sentido filosófico, no qual ele pode ser entendido como aquilo que existe em potência e é uma dimensão da realidade. Existe como um devir, ou seja, ainda não é um ato, mas pode se tornar. É um campo de forças que tende a se resolver em uma atualização.

Em filosofia, o virtual não se opõe ao real, mas ao atual. Virtualidade e atualidade são duas formas da realidade: “É virtual toda entidade ‘desterritorializada’ capaz de gerar diversas manifestações concretas em diferentes momentos e locais determinados, sem contudo estar ela mesma presa a um lugar ou tempo em particular (LÉVY, 2010, p. 47)”. Temos neste caso a árvore, que existe virtualmente (ou potencialmente) na semente.

Enviamos um e-mail ou um bilhete, por exemplo, solicitando a alguém que nos compre alimentos ou roupas. Esse pedido expresso pelo bilhete ou e-mail existe potencialmente, pois é preciso ser entregue a alguém para que seja cumprido o pedido.

Se ele não for entregue, nenhuma mudança será feita. Dessa forma, dizemos que o bilhete foi um campo de forças que precisou ser atualizado para gerar efeito.

Pensemos em uma ordem judicial. O “cumpra-se” de uma sentença judicial só terá efeito desde que seja entregue a quem a sentença se endereça. Se essa sentença se perder pelo caminho ou não for entregue, por quaisquer que sejam os motivos, a ordem de um juiz não terá algum efeito.

Notemos que o virtual não depende da informática para sua existência, embora a partir do final do Século XX, passem a estar relacionados. Não só as comunicações pela Internet poderiam ser consideradas virtuais, mas também a escrita, o telefone, um recado verbal para um amigo. Assim, percebemos que a virtualização não é um fenômeno recente.

Mas com a crescente informatização das atividades, a virtualização passou a ser mais importante no *ciberespaço*. Esse termo foi baseado no romance de Willian Gibson, intitulado *Neuromancer*. Para Lévy, ciberespaço é um "espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial de computadores e das memórias dos computadores (LÉVY, 2010, p. 94)". Para ele, uma marca importante a se destacar no ciberespaço é a transmissão de informações vindas de origens digitais ou endereçadas à digitalização. Ele insiste nessa codificação digital, pois é ela que garante o caráter virtual da informação, marca singular do ciberespaço.

Com um *ciberespaço*, construímos uma *cibercultura*. Um outro neologismo criado por Lévy. Ela se refere às práticas, atitudes, formas de pensar e valores que se desenvolveram com o ciberespaço. Existem duas ligações importantes entre o ciberespaço e a virtualização. A primeira é direta, a digitalização pode ser aproximada da virtualização. Podemos enviar por correio eletrônico, por exemplo, vários documentos, os quais independem de pontos fixos para serem acessados. O segundo é indireto, porque favorece outros movimentos de virtualização como o da comunicação (LÉVY, 2010).

Na verdade podemos perceber o enlaçamento desses três conceitos – ciberespaço, cibercultura e virtualização – da seguinte forma. A cibercultura como uma forma própria de agir, pensar e de se expressar, só pode se florescer no espaço de comunicação de interconexão mundial, ou seja, no ciberespaço. E a virtualização faz o

elo entre a cibercultura e o ciberespaço, na medida em que propicia a comunicação, troca de documentos, fotos, tendências de um lugar qualquer para qualquer lugar, sem demarcação tempo-territorial.

Ressaltamos assim que o ciberespaço sustenta uma forma de relacionamentos independentes de lugares geográficos e da coincidência dos tempos. Essa extensão acompanha e acelera uma virtualização geral da sociedade, dilatando o campo de ação dos processos de virtualização.

## 2.2 O SURGIMENTO DO COMPUTADOR E A INTERNET

Após termos apresentado um breve estudo sobre a virtualização, termos percebido que ela não dependeu da informática, mas que nela se ancorou (LÉVY, 2010), se faz necessário nos atentarmos ao surgimento dos computadores e da Internet, para depois nos centrarmos nos efeitos da Internet nas comunicações sociais.

Podemos encontrar como berço e nascimento dos primeiros computadores a Inglaterra e os Estados Unidos, em 1945. Essas máquinas eram reservadas ao ambiente refrigerado e muito grandes, se comparadas às de hoje. Eram capazes de armazenar programas que serviam à estatística, cálculos científicos e às grandes empresas, apesar de ter sido por muito tempo reservada aos militares para cálculos científicos. Os computadores disseminaram-se durante a década de 60, embora nesse momento, os pesquisadores não pudessem prever a grande virtualização da informação e comunicação, que afetaria a vida social por meio do computador (LÉVY, 2010).

Já a Internet surgiu do cruzamento da *big science*, da pesquisa militar e da cultura libertária na qual a liberdade individual era um fator supremo. Nasceu no final da década de 60 com a disseminação dos computadores e com o surgimento da ARPANET, que era uma rede de computadores criada pela *Advanced Research Projects Agency* (ARPA), em 1969. A ARPA fora planejada antes, em 1958, pelo departamento de defesa dos Estados Unidos. Tinha como objetivo utilizar a pesquisa universitária para se sobrepôr à União Soviética em relação à superioridade tecnológica militar. Seu principal interesse era financiar a ciência da computação e esperar que algo de interessante surgisse daí, ao mesmo tempo em que estimulava a pesquisa em computação interativa (CASTELLS, 2003).

Diante disso, podemos observar a Internet como uma união da inovação da contracultura, cooperação científica, iniciativa tecnológica e fusão da estratégia. Ainda, no período da Segunda Guerra que surgiram as principais descobertas tecnológicas, entre elas, o computador e o transistor, fonte da microeletrônica, se bem que podemos encontrar ancestrais da indústria e da ciência como o telefone e o rádio. Foi, durante a Guerra Fria, que o feito da União Soviética de ter lançado o primeiro Sputnik, no final dos anos 50, preocupou os Estados Unidos. E fez com que os Estados Unidos criassem um sistema de comunicação que fosse descentralizado e independente de qualquer ataque, principalmente, nuclear, e que pudesse ser ativado por qualquer pessoa em qualquer parte do mundo (CASTELLS, 2013).

Podemos resumir, nesse ponto, que os investimentos nos computadores e na Internet, desde o começo, foram para a supremacia militar dos Estados Unidos frente ao avanço da União Soviética como seu principal adversário. Primeiro, os computadores com suas funções de cálculos científicos militares, depois a Internet como uma forma de sistema de comunicação descentralizado que pudesse ser acessado em qualquer lugar, independentes de ataques inimigos, feito que era de extrema importância para se sobreporem aos adversários.

Pode-se considerar que houve uma virada considerável, na década de 70, quando o microprocessador (ainda uma unidade de cálculo lógico-aritmético) começou a ser desenvolvido e comercializado para os processos econômicos e sociais de grande alcance. Foi inaugurada uma nova fase de automação, na produção industrial, bem como a automação de bancos e seguradoras, entre outros. Desde então, a economia se apoderou do uso de aparelhos eletrônicos para aumento de produtividade (LÉVY, 2010).

Partindo do uso militar, o computador e a Internet atingiram outros espaços e objetivos. Passaram a ser usados em empresas, em fábricas de produção, como forma de proteção de patrimônios, ou mesmo para prevenir-se de roubos e garantir a segurança de diversos estabelecimentos.

Nos anos 80, com o fenômeno da “contracultura” o movimento social se apoderou da nova tecnologia e criou o computador pessoal. Até aí foi uma questão de tempo para surgirem os jogos e para a informática se fundir com as telecomunicações, mídia, cinema e televisão. No término da década de 80 e início da década de 90, as

diferentes redes dos anos 70 se juntaram umas às outras pelo movimento sociocultural, surgido pelos profissionais das grandes cidades e dos *campi* americanos (LÉVY, 2010).

Na década de 80, o departamento de defesa decidira comercializá-la financiando fabricantes de computadores. Até então, a Internet era restrita ao Departamento de Defesa dos Estados Unidos. A partir de fevereiro de 1990, a Internet foi retirada de seu contexto militar, e passou a ser privatizada e comercializada (CASTELLS, 2003).

Diante do exposto, percebemos o grande avanço que o computador e a Internet propiciaram ao mundo. Desde seu berço militar, passando a integrar processos econômicos e sociais de grandes portes, até serem fontes de lazer e comunicação entre pessoas.

### **2.3 SOBRE A VIRTUALIZAÇÃO DOS RELACIONAMENTOS**

Depois de termos apresentado a grande virtualização da informação, surgida no século XX, e os processos de criação do computador e Internet, nos ateremos à influência que esse trio exerceu na sociabilidade. Como já apresentado no início dessa dissertação, desde o surgimento do computador e da Internet, apareceram várias pesquisas que propuseram investigar suas influências na sociabilidade. E diante disso, a comunicação e os relacionamentos mediados pela Internet foram fonte de significativas discórdias no meio acadêmico.

Castells (2013), por exemplo, considera que a Internet proporcionou uma verdadeira revolução por tudo o que acarretou na sociedade, desde a disseminação da informação até a sua apropriação por outros setores da vida. Com essa convicção, ele denominou a sociedade de *Sociedade em Rede*, pois ela conecta informações, computadores e pessoas. Podemos perceber nessa *Sociedade em Rede* realmente uma conexão. Estamos conectados por uma máquina (computador ou mesmo celular) a outras pessoas, com as quais nos comunicamos, interagimos, informamos, somos informados e assim por diante, de maneira instantânea.

Castells (2013) ainda chega a subverter a suposta falta de interação social a respeito da Internet, presumida por alguns pensadores, que afirmavam que a relação

interpessoal já estava presente na criação da Internet, mesmo quando a preocupação principal era o avanço tecnológico. Importante ressaltar que não só a Internet foi alvo de polêmicas, mas as relações virtuais por telefone também geraram controvérsia sobre seu impacto social, embora não haja menção na literatura (NICOLACI-DA-COSTA, 2005).

Além das críticas de Castells (2013), conseguimos também, perceber que Lévy (2010) aponta uma contradição. Lévy nos mostra uma intriga entre as gerações: as mesmas pessoas que atacaram a cibercultura criticaram o rock na década de 50 ou 60; os próprios cineastas, antes satirizados, criticam o mundo virtual.

O mesmo receio sempre ocorreu, quando os mais modernos meios de comunicação foram inventados. As pessoas continuam a se comunicar verbalmente depois da invenção da escrita; o teatro continuou existindo depois da invenção do cinema; as cartas, e-mails e torpedos de amor não substituem os beijos dos amantes; assim como, as pessoas continuam a se falar cada vez mais via telefone, como se sabe, pela expansão também monumental das operadoras de celular. E não é de uma explosão de contatos entre as pessoas que estamos tratando? (FERREIRA-LEMOS, 2011).

As críticas de Lévy (2010) e de Ferreira-Lemos (2011) nos fizeram pensar e inferir que talvez haja uma angústia do novo e uma profunda rivalidade entre gerações. Seria interessante pensar o fato de esse *novo* reativar conteúdos recalcados nas antigas gerações. Hipótese inquietante que deixaremos para próximos estudos.

Essas críticas nos parecem mais a uma avó dizendo a sua neta que no tempo dela (da avó) o mundo era melhor, não havia tanta violência, havia lei, não havia tantos roubos. Esses discursos de que sempre a geração anterior era melhor.

Acredito que o verbo destruir seja muito forte e muito útil para expressar o quanto a Internet vem sendo atacada e bombardeada, simplesmente por possibilitar uma infinidade de contatos sem dependência geográfica. Embora a Internet propicie uma explosão de contatos, ela está sendo acusada de um atrofiamento social. Toda essa discussão nos fez lembrar de uma manchete de jornal com uma foto de vários homens, da década de 50, sentados em um trem no qual cada um lia seu jornal sem se comunicar com o outro. Qual diferença haveria para um grupo de pessoas sentadas em um ônibus, hoje, cada um com seu celular na mão?

Aparentemente, não percebemos nenhuma mudança na dinâmica psíquica desse grupo. A única diferença que conseguimos ver é o fato de essa cena acontecer em

décadas diferentes. Vemos nessas ideias nostálgicas de que o mundo antes da Internet era melhor, isto é, a mesma transformação fantasística que o adulto faz acerca de sua infância: uma infância perfeita, na qual na verdade, imperava o desamparo.

De acordo com Ceccarelli (2009): “o sentimento de estarmos atravessando um período particularmente conturbado e desorganizador se deve eminentemente a questões narcísicas, pois vivemos agora e é agora que somos ameaçados”. Dessa forma, estamos sempre criando novas representações para suportar o desamparo. Em uma época utilizamos os jornais; em outra, os celulares.

Mas é claro que encontramos diferenças entre ler um jornal e utilizar um celular com Internet. A Internet foi entendida como um fenômeno histórico na forma de se comunicar, que prescindiam tempo e espaço, substituindo as formas de interação humana territorialmente limitadas. Por outro lado, ela é vista por alguns pesquisadores como uma força narcísica e isoladora social, detratora da comunicação e do meio familiar, na medida em que os indivíduos se realizam numa sociabilidade aleatória (CASTELLS, 2003).

Em toda essa querela, Castells (2003) acredita que os sistemas tecnológicos sejam produzidos pela sociedade, que é estruturada culturalmente. A Internet não estaria fora, sua cultura molda o meio. As fontes culturais da Internet não se reduzem à tecnologia. Além disso, foram construídas comunidades virtuais que ajustaram o comportamento e organizações sociais, salas de bate papo, *chat*, entre outros. Para ele, ao mesmo tempo em que o individualismo está em ascensão, como surgimento de sistema de relações sociais centradas no indivíduo, é o indivíduo quem está criando a *Sociedade de Rede*.

Ou seja, a Internet não estaria à parte da sociedade, não estaria fora da cultura, ou nos aculturaria. Ela é reflexo do meio, moldada pela interação das pessoas, não só pelas pessoas que estão na rede, mas também pelas pessoas que não estão na virtualidade da Internet. Na verdade, ela é uma construção social que acompanha as mudanças socioculturais.

Outros estudos sobre a dicotomia Internet e sociedade, propõem que o internauta se coloca num lugar especial para realização de fantasias obscuras. O Internauta seria um anônimo atônito por realizar seus desejos sem ser percebido.

Todavia, muitas vezes a Internet não é isso: “É uma extensão da vida como ela é, em todas as suas dimensões e sob todas as suas modalidades (CASTELLS, 2003, p. 100)”.

Ele ainda acredita que a Internet teria um efeito positivo sobre a interação social. De forma geral, não há indícios de que a Internet leve a maior ou menor interação social. A maioria desses estudos foi realizada em diferentes contextos, momentos e estágios da difusão da Internet. Por fim, acredita que a “comunicação mediada pela Internet é um fenômeno social recente demais para que a pesquisa acadêmica tenha tido a oportunidade de chegar à conclusão sólida sobre seu significado social (CASTELLS, 2013, p. 442)”.

Lévy (2010) nos apresenta uma análise semelhante à de Castells. Para ele não podemos usar a metáfora de que a Internet impactou a sociedade. A tecnologia não seria algo ativo, separada da sociedade e da cultura, que seriam passivas. As relações não seriam criadas entre a tecnologia (causa) e a cultura (consequência), mas entre uma enorme quantidade de atores humanos que inventam, produzem, utilizam e interpretam de diferentes formas as técnicas.

Defendo, ao contrário, que a técnica é um ângulo de análise dos sistemas sócio-técnicos globais, um ponto de vista que enfatiza a parte material e artificial dos fenômenos humanos, e não uma entidade real, que existiria independentemente do resto, que teria efeitos distintos e agiria por vontade própria (LÉVY, 2010, p. 22).

Por uma via totalmente diferente, já o dissemos, o psicanalista Birman (1997) não vê essa profusão tecnológica com bons olhos. Ele acredita que, de modo geral, a tecnologia faria com que as pessoas perdessem a sensorialidade e memória na utilização das tecnologias de comunicação à distância. Também faria perder a proximidade e espontaneidade da interação social. A desafeição total que está em marcha e se instituiu como hábito da existência seria uma força motriz para a falta de pulsação, falta de alteridade.

Ainda segundo Birman (1997), a tecnologia pode possibilitar o imprevisível quando ela é utilizada por um sujeito que não suporta o vazio. Importante destacar que todo esse movimento social narcísico e vazio é efeito da terceirização da economia, na qual as individualidades precisam trabalhar sem parar. Não se pode perder tempo com o amor, com a sensorialidade, com o outro. É preciso trabalhar para sobreviver.

A lógica da terceirização da economia implica num projeto de construção da subjetividade e do mundo, uma construção de economia narcísica que desemboca na cultura do narcisismo: só se investe no outro se isso lhe trazer um considerável retorno (Birman, 1997). Essa cultura foi construída no ocidente desde o século XVII, uma idéia na qual o sujeito rompe suas relações com o cosmo. E ainda, rompe com valores e noções sociais.

Lanzarin (2000), por outro lado, acredita que as novas formas de tecnologia de comunicação não travam embates com as formas corporais de relacionamento humano. Ela acredita que os usuários podem melhor explorar suas fantasias na virtualidade por causa do anonimato que a Internet propicia. Os usuários têm total liberdade para construir suas imagens como quiserem, graças à acorporeidade. Mesmo assim, Lanzarin crê que as relações virtuais não se transpõem para as presenciais, as virtuais só se manteriam se o encontro for impossível, já que são o anonimato e a acorporeidade que possibilitam o jogo de fantasias pela Internet.

Turkle, em sua entrevista com Casalegno (1999), percebe que há uma necessidade muito maior dos especialistas em separar as dimensões *online* e *offline* do que os próprios cidadãos da Internet. Ela não é a favor da cisão real *versus* virtual, mas sim da dicotomia vida virtual e o resto da vida (para evitar o emprego da palavra real). Ela não banaliza o virtual, pois ela percebe que as pessoas gastam muito tempo e energia emocional no virtual, ao estudarem, conhecerem pessoas, jogarem em rede e ao realizarem reuniões por plataformas audiovisuais.

Turkle, dessa vez citada por Ferreira-Lemos (2011), pensa que “as relações reais poderiam ser consideradas aquelas em que a pessoa se sente suficientemente ligada à outra pessoa para lhe dar real importância, para poder ver no outro, parte de si (FERREIRA-LEMOS, 2011, p. 60)”. Além do que a barreira entre o espaço real e o virtual deveria é diluída, tornando-se realidade. Com essa concepção, não nos prenderíamos aos adjetivos real e virtual. Toda relação que fosse significativa para as pessoas seria real, independentemente de ser mediada por uma tela de computador.

Como já apresentamos, são muitos os estudos que colocam os internautas como solitários, reprodutores de relações vazias e sem sentido, angustiados na frente de um computador. Menezes (2014) tentando ser neutra em relação à Internet, sem ser convincente nos diz que:

A Internet deveria ser, então, um agente de união entre as pessoas. Deveria promover mais relações e intimidade. Entretanto, não parece que seja isso que ocorra. As pessoas se sentem cada vez mais sozinhas e chegam aos consultórios queixando-se de dores e sensações que não sabem descrever, sentimentos de solidão e desamparo que muitas vezes se agravam com a idade (MENEZES, 2014, p. 1-2).

Entretanto, de acordo com Ferreira-Lemos (2011):

Todos os objetos com os quais os sujeitos se relacionam tentam camuflar a falta que nos é intrínseca, como também é a solidão. O objeto é para sempre perdido, por isso sempre falta alguma coisa. É um equívoco pensar que somente sujeitos solitários sentam-se em cadeiras e navegam pelo ciberespaço em busca de preencher um vazio. O vazio é comum a todos os sujeitos (FERREIRA-LEMOS, 2011, p. 65).

Ferreira-Lemos (2011) consegue dar uma resposta plausível às críticas feitas, principalmente, por Birman (1987) e por Menezes (2014). Alertamos, nesse ponto, que o conceito de falta será trabalhado com mais objetividade no terceiro e quarto capítulos da dissertação.

Seria extremamente ilusório e inocente acreditar que somente os internautas tentariam preencher sua falta com perfis falsos, com muitos amigos nas redes sociais ou que somente eles seriam melancólicos solitários em busca de um objeto que preenchesse o vazio de suas existências.

Tanto professores, estudantes, adictos, fanáticos por literatura ou por esportes também tentam preencher o vazio de alguma forma, com algum objeto que não irá tamponar sua falta. Todos nós somos desamparados como afirma Freud (1921) em *O futuro de uma ilusão*, faltosos e solitários em busca de um sentido para a vida.

## **2.4 BAUMAN E A LIQUIDEZ DAS RELAÇÕES**

Apresentamos o surgimento da Internet e sua comercialização como força vital para as telecomunicações. Também expusemos as ideias de Castells (2003, 2013) e Lévy (2010, 2011). Além disso, introduzimos alguns autores e seus posicionamentos sobre o uso da Internet como forma de comunicação e interação social. Agora se torna necessário traçar alguns autores que discutem os relacionamentos, seja a pós-

modernidade como entendida por Gilles Lipovetsky (2005), seja a modernidade líquida de Zygmunt Bauman (2001, 2004, 2007, 2008, 2009).

Lipovetsky (2005), em sua análise do contemporâneo, afirma que a sedução se tornou um ingrediente importante na composição da nossa sociedade. Essa sedução se refere ao processo de personalização que é mais leve, mais suave, respeitando as inclinações e desejos individuais.

[...] a sedução se tornou um processo geral com tendência a reger o consumo, as organizações, a informação, a educação, os costumes. Toda a vida das sociedades contemporâneas passou a ser comandada por uma nova estratégia que destronou a primazia das relações de produção em favor de uma apoteose das relações de sedução (LYPOVETSKY, 2005, p. 1).

A sedução tem mais a ver com a forma que o sujeito compõe sua vida, por exemplo, a combinação de roupas, gírias, expressões, programas de televisão, esportes, alimentação, estudos e interesses. Dito dessa forma, qualquer um em qualquer lugar segue um processo de personalização silencioso que simula oferecer ao sujeito escolhas, ao invés de lhe dar ordens: “A sedução remete ao nosso universo de gamas opcionais, das nuances exóticas, da ambiência psicológica, musical e informativa, no qual cada um tem o prazer de compor à vontade os elementos de sua existência (LIPOVETSKY, 2005, p. 3)”.

Em sua análise bem poética sobre individualismo contemporâneo, Gilles Lipovetsky relata que toda atenção estaria voltada ao *Eu*, desde as câmeras e holofotes, com a exposição do indivíduo e com o desejo de ser apreciado, aos bisturis e *lasers*, com as cirurgias plásticas.

Tendo como búscula os relacionamentos e a interação social, Lipovetsky (2005) afirma que todo investimento se daria somente no *Eu*. Com toda essa mudança de investimento, Lipovetsky garante que: “Don Juan está bem morto. Elevou-se uma nova figura muito mais inquietante: Narciso, subjogado por ele mesmo em sua cápsula de vidro (LIPOVETSKY, 2005, p. 16)”. Narciso se vê como diferente e único na multidão, conjugável somente na primeira pessoa do singular do presente do indicativo, pois vive o momento, sem pensar no futuro.

Lembremos aqui de não confundir o termo sedução com Don Juan. Quando Lipovetsky introduz o termo sedução, ele quer dizer da possibilidade de construir seu modo de vida, sua práxis de forma leve, sem um controle social severo, sem amarras sociais. Embora veremos mais adiante que também as coisas não se passam bem assim.

Após nos ter trazido o conceito de sedução, ter-nos falado da morte de Don Juan e do nascimento do heroico e sempre feliz Narciso. Lipovetsky revela outras faces do ego narcísico. Expondo que, na realidade, Narciso experimenta um vazio de valores, de indiferença e apatia. Ele não planeja um futuro, não porque não quer, mas porque não consegue: “... os partidos políticos e as eleições ainda “interessam” aos cidadãos, porém na mesma medida (e talvez até menos) que a loteria, a previsão do tempo para o fim de semana ou os resultados esportivos (IBID, p. 22)”.

Os graus de indiferença se alastram por vários ambientes, mas:

Indiferença não quer dizer passividade, resignação ou mistificação... O homem *cool* não é nem o decadente pessimista de Nietzsche, nem o trabalhador oprimido de Marx; ele se parece com o telespectador tentando “assistir” um após outros aos programas noturnos ou com o consumidor enchendo seu carrinho... (p. 24).

Podemos perceber que o surgimento de Narciso evoca duas questões: a sedução, por um lado, e a apatia, indiferença e o vazio de valores, por outro. Além de um precipício de desamparo e angústia, fobia de se envolver, de se apaixonar, preferência a ser invejado do que ser respeitado. As relações interpessoais transformaram-se, de acordo com Lipovetsky (2005), em relações de dominações pelo medo mútuo.

“As relações humanas, públicas e particulares, tornaram-se relações de domínio e conflitos baseados na sedução fria e na intimidação (LIPOVESTSKY, 2005, p. 49)”. Podemos inferir a partir do apresentado o que Narciso diz: tenha inveja de mim, queira ser como eu, e a partir dessa conquista, o que eu passo a sentir por você (o que você ganha de mim) se resume ao desprezo, justamente, porque você não possui amor-próprio, não se tem como altar e prefere ser alguém como eu (inacabado, longe... muito longe de alcançar meu objetivo).

Lembremos que “Principalmente, nada de exagero, de excesso, de tensão que possam fazer a pessoa ficar fora de si; é o desdobramento sobre si mesmo, a “reserva” ou a interiorização que caracterizam o narcisismo, não a exibição “romântica” (LIPOVESTSKY, 2005, p. 47)”.

Se atentando para o fato de que:

O narcisismo joga e ganha em todas as tabelas funcionando concomitantemente como operador de despadronização e operador de padronização, sendo que esta jamais se reconhece como tal, mas se dobra diante das mínimas exigências da personalização: a normalização pós-moderna se apresenta sempre como o único meio de o indivíduo ser realmente ele mesmo, jovem, esbelto e dinâmico. [...] Contudo isso não quer dizer que o indivíduo está entregue a si mesmo, desembaraçado de todas as regras sociais. O processo de personalização não elimina as regras, apenas as degela impondo outras regras adaptadas ao imperativo de produzir exatamente uma pessoa pacificada. Dizer tudo, talvez, porém sem gritos; diga o que você quiser, só que não passe à ação; mas ainda, essa libertação do discurso, ainda que acompanhada por violência verbal, irá contribuir para a regressão do uso da violência física: hipervalorização das confidências íntimas e, correlativamente, esvaziamento da violência física – por esse deslocamento, o strip-tease psi se revela um instrumento de controle e de pacificação social (LIPOVESTSKY, 2005, p. 44-47).

Com isso, percebemos que Narciso não está entregue à própria sorte da sedução. Toda essa performance está atrelada a um vazio e a um controle do indivíduo que perpassa sua vida de forma silenciosa, invadem seus espaços sem que ele se dê conta da padronização à qual é imposto. É padronizado a se desdobrar sobre si mesmo, individualizando-se, separando-se do grupo social, pacificando-se. Diminuindo suas relações pelo medo e pela reserva. Trata-se muito mais de um retorno a si, de uma perda de confiança nas questões sociais.

Bauman (2004), por um outro viés, percebe as relações pessoais, na contemporaneidade, como relações de consumo. Semelhantes aos produtos, as relações interpessoais passaram a ser regidas pelo mercado. Somos consumidores e produtos ao mesmo tempo, prestes a sermos descartados.

Já que são trocas de mercado, não deveríamos sofrer por relacionamentos, nem criar expectativas sobre eles. Muito menos acreditar que haja cara-metade, já que, sempre serão feitas novas compras. Manter laços fixos impede de atingir novos horizontes, conhecer novas pessoas e é um empecilho à vida profissional. Todas essas histórias de amor, na contemporaneidade, dariam lugar a um *script*, no qual esse sentimento seria volúvel. A dinâmica de relacionamentos se apresentaria instável. Amar

e desamar seriam ações em tempos recordes. Amo-te e não te amo seriam bom-dias (BAUMAN, 2004).

Nessa nova época, o individualismo surge em cena, permitindo somente relacionamentos a distâncias seguras. De forma que não haja sofrimento, desilusões ou frustrações. De modo que possamos não sentir a insegurança que os relacionamentos fazem surgir. O indivíduo deve investir em si (BAUMAN, 2004).

Enquanto Lipovetsky (2005) entende o momento atual como pós-moderno, Bauman (2001) o compreende como moderno-líquido.

“Líquido-moderna” é uma sociedade em que as condições sob as quais agem seus membros mudam num tempo mais curto do que aquele necessário para a consolidação, em hábitos e rotinas, das formas de agir [...] Numa sociedade líquido-moderna, as realizações individuais não podem solidificar-se em posses permanentes porque, em um piscar de olhos, os ativos se transformam em passivos, e as capacidades em incapacidades. As condições de ação e as estratégias e reação envelhecem rapidamente e se tornam obsoletas antes de os atores terem uma chance de aprendê-las efetivamente (BAUMAN, 2007, p. 7).

Podemos metaforizar a ideia de Bauman sobre a sociedade líquida-moderna comparando-a ao macarrão instantâneo. Ele é feito em três minutos, produzido para um tempo em que as coisas acontecem de formas rápidas. E que, claro, as pessoas não dispõem de tempo o suficiente para realizar refeições mais elaboradas. Uma das principais marcas dessa sociedade líquida-moderna, além do consumo, seria a instantaneidade.

Por vezes, Bauman (2001) nos leva a pensar que não existam mais regras, pilares aos quais podemos nos referir, por isso a questão instantânea, por exemplo, o trabalho que não é mais sinônimo de progresso econômico. Em outros momentos, nos leva a pensar que há regras sim, mas estas estão submetidas agora ao mercado, ao capitalismo.

Essa sociedade líquido-moderna corresponde a uma profusão de cores e situações que somente se complementam, não se contrapõem. Refere-se à possibilidade de reinvenção de si mesmo, atualizando-se temporariamente. Você pode ser tudo e todos. O prazer é imediato e instantâneo, porém fraco em frente à potência e qualidade das próximas endorfinas a serem encarnadas. Pode-se estar em todos os lugares, principalmente, com a ajuda da Internet, que subtrai, reduz e ameniza distâncias. Uma sociedade marcada pelo individualismo, consumo, efemeridade, volatilidade, liquidez e fugacidade (BAUMAN, 2001, 2007, 2008).

O que marca, definitivamente, a modernidade líquida é a superação do espaço, tudo pode ser atingido em qualquer parte a qualquer momento, perdendo assim seu valor:

A mudança em questão é a nova irrelevância do espaço, disfarçada de aniquilação do tempo. No universo de software da viagem à velocidade da luz, o espaço pode ser atravessado, literalmente, em “tempo nenhum”; cancela-se a diferença entre o “longe” e “aqui”. O espaço não impõe mais limites à ação e seus efeitos, e conta pouco, ou nem conta. Perdeu seu “valor estratégico”, diriam os especialistas militares. [...] O tempo instantâneo e sem substância do mundo do software é também um tempo sem conseqüências. “Instantaneidade” significa realização imediata, “no ato” – mas também exaustão e desaparecimento do interesse (BAUMAN, 2001, p. 136-137).

As relações interpessoais vulgarizam-se fisicamente, sendo mais bem apreciadas quando na virtualidade. Surgem as redes sociais. No Orkut, um site de relacionamentos, havia há algum tempo na página inicial um aviso: “Você está conectado a tantos milhões de pessoas através de tantos amigos (um número insignificante frente a essas milhões de pessoas, no máximo 1000). Então, por que privar-se de sempre conhecer novas pessoas sempre mais interessantes (BAUMAN, 2004)?

Diferentemente de “relações”, “parentescos”, “parcerias” e noções similares – que ressaltam o engajamento mútuo ao mesmo tempo em que silenciosamente excluem ou omitem o seu oposto, a falta de compromisso –, uma “rede” serve de matriz tanto para conectar quanto para desconectar; não é possível imaginá-la sem as duas possibilidades (BAUMAN, 2004, p. 12).

Bauman (2004) trata aqui da facilidade e da desvalorização do relacionar-se, já que tudo está tão mais fácil, não há mais valor. Alude aos benefícios e malefícios, e da possibilidade de sempre se deixar as portas abertas para novas conexões e melhores relacionamentos. “Em nosso mundo de furiosa individualização, os relacionamentos são bênçãos ambíguas. Oscilam entre sonho e pesadelo, e não há como determinar quando um se transforma no outro (BAUMAN, 2004, p. 8) ”.

Levando em consideração essa compra e descarte das relações interpessoais, em que se deve *sim* ter vários amigos, várias relações, vários produtos para serem consumidos. Mas também se deve *atualizá-los*, momentaneamente (como as atualizações de fotos, vídeos, depoimentos, aplicativos, comunidades e do seu perfil, lembrando que as atualizações também competem o descarte do velho, do vergonhoso e

do inútil). O tempo é instável e os princípios vão e vêm: aprender com os erros dessa forma é bobagem (BAUMAN, 2001).

Além do tempo, espaço, insegurança, relacionamentos, efemeridade, Bauman (2007) nos remete aos valores que se tornaram camaleões, mutantes, rigidos pelo mercado:

Para se livrar do embaraço de ser deixado para trás, de ficar preso a algo com o qual ninguém mais quer ser visto, de ser pego cochilando e de perder o trem do progresso em vez de viajar nele, você deve ter em mente que é da natureza das coisas exigirem vigilância, não lealdade. No mundo líquido-moderno, a lealdade é motivo de vergonha, não de orgulho. Conecte-se ao seu provedor de Internet de manhã bem cedo e a principal notícia do dia vai lembrá-lo daquela verdade nua e crua: “Com vergonha de seu celular? Será que este é tão velho que você fica envergonhado ao atender uma chamada? Faça um *upgrade* para um aparelho do qual você possa se orgulhar.” O lado negativo da ordem de “fazer um *upgrade*” para um celular “*consumidoristicamente* correto” é, com certeza, a exigência de não voltar a ser visto, portanto aquele para o qual você fez um *upgrade* da última vez (BAUMAN, 2007, p. 17).

Dessa forma, as relações interpessoais, como Bauman (2001, 2004, 2007, 2008, 2009) nos fala, podem ser entendidas como relações de mercado, no qual as pessoas e intenções se tornaram produtos prontos a serem utilizados e descartados a qualquer promessa de melhoria aparente, já que o prazer é instantâneo e efêmero, ou melhor, líquido.

A vida líquida é uma vida de consumo. Projeta o mundo e todos os seus fragmentos animados e inanimados como objetos de consumo, ou seja, objetos que perdem a utilidade (e portanto o viço, a atração, o poder de sedução e o valor) enquanto são usados. Molda o julgamento e a avaliação de todos os fragmentos animados e inanimados do mundo segundo o padrão dos objetos de consumo (BAUMAN, 2007, p. 17).

Com essa forte individualização:

São os românticos incorrigíveis e infelizes que têm mais probabilidade de se tornarem os “elos mais fracos” nos jogos de outras pessoas, mais sensatas. A vida é um jogo de soma zero, e Deus ajuda quem se ajuda (BAUMAN, 2007, 141).

E assim, Narciso pergunta:

Por que eu não posso amar e vibrar? Desolação de Narciso, muito bem programado em sua absorção em si mesmo para poder ser afetado pelo outro, para sair de si mesmo, e no entanto, insuficientemente programado, uma vez que ainda deseja um relacionamento afetivo (LIPOVETSKY, 2005, p. 58).

## 2.5 ALGUMAS INQUIETAÇÕES SOBRE BAUMAN

Dando continuidade a nossa dissertação, depois de replicarmos Birman, chegamos a um momento no qual podemos expor algumas inquietações e discordâncias ao pensamento de Bauman.

Bauman (2001, 2004, 2007, 2008), como aponta Nicolaci-da-Costa (2005), é um sociólogo de renome mundial, em virtude de suas macroanálises a respeito das transformações sociais ocorridas pela rede de telecomunicação digital, entre elas a extraterritorialidade e a fluidez, tanto discutidas no capítulo anterior. As ideias de Bauman ocupam um lugar privilegiado na produção acadêmica. São formadoras de opinião nas pesquisas e suas macroanálises atuam como legitimadoras das microanálises das interações e relacionamentos na contemporaneidade.

Como já visto no capítulo anterior, Bauman apresenta uma visão pessimista sobre as relações interpessoais na modernidade líquida, a qual difunde uma profusão de contatos vazios. Ainda de acordo com Nicolaci-da-Costa (2005), Bauman define as relações virtuais como moldes para todos os tipos de relacionamento. Entretanto, a forma que Bauman realiza essa definição é um pouco obtusa: ele as define de modo confuso por oposição aos relacionamentos reais – os relacionamentos pós-modernos seriam fluidos e negativos, ao contrário dos modernos que seriam sólidos e positivos.

Além de generalizar as características das interações virtuais passageiras para todos os tipos de relacionamentos, a visão de Bauman não reproduziria simplesmente uma reedição das primeiras análises sobre a Internet – que eram negativas –, na época de sua propagação, mas seriam mais sérias.

É muito mais séria e tem efeitos muito mais graves por conta do seguinte conjunto de fatores: (a) ser uma visão recente e, portanto, não mais estar referida apenas aos primeiros impactos do uso de uma nova tecnologia; (b) ser uma visão que confunde as características de uso de diferentes tecnologias; (c) ser uma visão defendida por um intelectual do porte de Bauman; (d) ser uma visão que, apesar de proposta por um intelectual deste porte, ignora a ampla literatura já existente sobre os relacionamentos virtuais mediados por diferentes tipos de tecnologia; e, por último, (e) ser uma visão que, apesar de profundamente negativa e desprovida de fundamentação empírica, é adotada como modelo para todos os outros tipos de relacionamento contemporâneos (NICOLACI-DA-COSTA, 2005, p. 52).

Especificamente, no Brasil:

[...] esses impactos negativos são ainda potencializados: (a) pelo pequeno volume de pesquisas nacionais sobre o uso das novas tecnologias; (b) pela importação de dados estrangeiros sem que se leve em conta que, mesmo em se tratando de tecnologias universais, seu uso está sempre inserido em um contexto sócio-cultural específico; e (c) por aquilo que Schwarcz (1978) chamou de “torcicolo cultural”, que faz com que a produção internacional, principalmente aquela de um autor tão conhecido quanto Bauman, seja supervalorizada e assuma o status de verdade incontestável (NICOLACI-DA-COSTA, 2005, p. 52).

Interessante notar que na maioria das pesquisas e ideias, como a de Birman (1997) e Bauman (2004), ressaltam um passado de ouro perdido, uma sociedade que foi corrompida pelo uso tecnológico. Anteriormente, as sociedades eram perfeitas, amigas e solidárias, os relacionamentos eram duradouros, vivíamos em uma sociedade ideal, sem conturbações: ironicamente a sociedade era boa, mas a Internet a corrompeu. Admira-me lembrar que nessa *l'âge d'or* houve duas guerras mundiais, milhões de mortes, nazismo, fascismo e ditaduras.

### 3. FANTASIA E PSICANÁLISE

Fantasia, em alemão: *Phantasie*. É o termo para designar a imaginação, não tanto a "faculdade de imaginar" (o *Einbildungskraft* dos filósofos), mas o mundo imaginário e seus conteúdos, as "imaginações" ou "fantasias" em que se entrincheiram, habitualmente, o neurótico e o poeta (LAPLANCHE & PONTALIS, 1990, p. 15).

Após apresentarmos um estudo sobre a virtualidade e seus desdobramentos nas tecnologias de informação, na sociabilidade e relacionamentos, pretendemos nos aprofundar no estudo sobre a fantasia em Freud e Lacan. Para tanto, iniciaremos com o estudo de Freud com Charcot, no qual Charcot valorizava como etiologia da neurose a fisiologia, passando pelo estudo de Freud com Breuer, que acentuavam a teoria da sedução, para nos aprofundarmos na mudança paradigmática que concebe a fantasia como os bastidores do sintoma.

Depois do estágio com Charcot, em Paris, Freud (1893-95) passou a estudar a histeria com Breuer. Até então, Freud se apresentava como discípulo de Charcot. Charcot era referência francesa nos estudos sobre neuroses, especialmente a histeria. Interessante ressaltar que Charcot não se preocupava com os aspectos psicológicos, mas com a etiologia fisiológica. Para ele, a doença estava vinculada a deteriorações hereditárias do cérebro. Os outros fatores eram acidentais ou provocativos e não tinham importância (FREUD, 1956 [1886]).

O termo histeria, nessa época, ainda era indefinido e carregava, sobretudo, sinais negativos e preconceituosos. As condições funcionalmente relacionadas à vida sexual desempenham grande papel na etiologia da neurose. O trauma era uma causa incidente, frequente da doença histérica. Como forma de tratamento, destacava-se a hipnose e o método de Breuer, no qual se hipnotizava o paciente e o fazia remontar à pré-história psíquica da doença, compelindo-o a reconhecer a ocasião psíquica em que se originou a neurose (Freud, 1888).

Apesar de Charcot ressaltar os aspectos fisiológicos na etiologia da neurose, Freud e Breuer passaram a enfatizar a importância traumática, sustentando que o trauma deveria ser considerado como evento do presente. Desde então, a etiologia das neuroses passou a ser concebida como referência traumática e a histeria foi colocada no campo psicológico. O fato de valorizar o trauma foi de extrema importância, pois assim eles puderam justificar a hipnose como método de tratamento: indução e alívio dos sintomas (MOURA, 2007).

Quando Freud (1893-1895) e Breuer incluíram a histeria no campo psicológico, acreditavam que os fatores determinantes que levavam a aquisições de neuroses deveriam ser buscados nos fatores sexuais. Sendo que diferentes fatores sexuais produziriam diferentes quadros neuróticos.

### 3.1 A TEORIA DA SEDUÇÃO

Freud (1906 [1905a]), ao escutar psicologicamente as histéricas com suas sintomatologias intrínsecas (espasmos corporais, paralisias, cegueira) entre muitos outros sintomas histéricos, percebeu que, por meio do procedimento catártico, o discurso de suas pacientes se dirigia a vivências sexuais infantis de sedução por um adulto. Acompanhando essa nova concepção de etiologia, um grande material clínico mostrava um grande número de casos nos quais os pacientes foram seduzidos por adultos ou crianças mais velhas.

Essa escuta de Freud fez com que ele relacionasse os sintomas histéricos e obsessivos às experiências sexuais que teriam ocorrido na infância e que haviam sido *esquecidas* por suas pacientes. O retorno dessas lembranças, na época da puberdade, causaria os sintomas, e não as vivências propriamente ditas: “[...] tais traumas sexuais devem ter ocorrido em tenra infância, antes da puberdade, e seu conteúdo deve consistir numa irritação real dos órgãos genitais (por processos semelhantes à copulação) (FREUD, 1896a, p. 164)”.

As psiconeuroses (histeria e obsessão) teriam seu desencadeamento em duas fases. Na primeira, a criança sofreria a sedução sexual sem que isso fizesse nascer nela a excitação sexual. Só se deve percebê-la como sexual, em referência ao adulto. A cena não possui qualquer significação para a criança (LAPLANCHE & PONTALIS, 1990).

Já na segunda cena, que surge depois da puberdade, ela é menos traumática que a primeira. A segunda cena apenas evocaria a primeira por causa de alguns traços associativos. Seria a lembrança da primeira cena que iniciaria o aumento da excitação sexual, surpreendendo e desarmando o *Eu*, deixando o sujeito sem condições de usar uma defesa adequada ao exterior, fazendo com que o Eu opere uma defesa patológica: a lembrança é recalçada (LAPLANCHE & PONTALIS, 1990).

É necessário ressaltar que, nesse período, o que mais nos importa é que Freud (1896b) acreditava que a histérica e o obsessivo haviam vivenciado realmente uma

experiência sexual. A conduta passiva nessas cenas levaria a histeria; já a ativa, à obsessão. Essa primeira teoria do trauma ficou conhecida como *Teoria da sedução*.

Teoria da sedução sexual, a palavra deve ser por si só determinante: elaboração de um esquema explicativo da etiologia das neuroses e não pura constatação clínica da frequência dos fatos de sedução da criança, nem mesmo a simples hipótese de que tais fatos ocupariam, na série de traumatismos, um lugar preponderante (LAPLANCHE & PONTALIS, 1900, p. 26).

A ênfase dada a essa teoria fazia do sujeito alguém passivo frente à sexualidade que seria externa a ele. O pai se torna o personagem principal dessa teoria, a mãe aparecerá só mais tarde; ele é o acusado de perversão e histerização de suas filhas. De forma geral a sedução ocorria com as mulheres – (CECCARELLI, 2001).

Segundo Laplanche & Pontalis (1990), com a teoria da sedução, Freud estabeleceu uma ligação sem contestar entre a sexualidade, o traumatismo e a defesa. A sexualidade é traumática por natureza e só se pode falar de traumatismo e nele desvendar a origem da neurose levando em consideração a sedução sexual. Essa tese se afirmou entre 1895 – 1897, e mostra de forma evidente o papel do conflito defensivo na gênese da histeria e das psiconeuroses de defesa em geral. A teoria da sedução mostra que o traumatismo sexual é o único trauma capaz de levantar uma “defesa patológica” e esse fato mostra que o recalque se exerce sobre a sexualidade. O traumatismo provém tanto do exterior quanto do interior. Visto que, é do outro que a sexualidade surge; do interior que pulsa desse exterior interiorizado, dessa lembrança que sofrem os histéricos e na qual vemos a fantasia.

Para compreendermos melhor o caminho de Freud da sexualidade como etiologia nas doenças psíquicas, faz-se necessária uma digressão. Inicialmente, Freud estabeleceu dois grupos: a neurastenia que seria a neurastenia propriamente dita e a neurose de angústia, grupo também denominado de neuroses atuais ou comuns. E o segundo grupo, opositor do primeiro, as psiconeuroses de defesa, que compreendia a histeria, obsessão e as neuroses narcísicas (psicoses) (JORGE, 1988).

A característica das neuroses comuns era o fato de que seus sintomas não eram uma expressão simbólica e sobredeterminada, mas eram uma expressão da ausência ou da inadequação da satisfação sexual. Freud já havia percebido que a etiologia da neurastenia havia forte relação com a masturbação e poluição; por outro lado, na neurose de angústia, os fatores eram o coito interrompido e a excitação não consumada. Já nas

psiconeuroses, os sintomas eram a expressão simbólica dos conflitos infantis (JORGE, 1988).

Por causa do prejuízo sexual e da grande surpresa com a perturbação da vida sexual de seus pacientes, Freud sempre desconfiou que a sexualidade pudesse ser um dos fatores que causaria a neurastenia (compreendem a neurastenia e a neurose de angústia). Ele (FREUD, 1906 [1905a]) sempre soube que os fatores sexuais poderiam estar envolvidos com outros fatores, mas não imaginava que ele fosse o preponderante e único. Naquela época, Freud não sabia avaliar nem conceber um grau de normalidade sexual, por isso ele se prendeu na questão do prejuízo sexual. Em relação à psiconeurose (histeria, obsessão e neurose narcísica), Freud via a sexualidade como mais um fator, diferente da neurastenia, na qual o prejuízo sexual era fundamental no quadro clínico.

Contudo, Freud (FREUD, 1906 [1905a]) percebeu que na neurastenia e na neurose de angústia, havia uma relação entre os sintomas e certo prejuízo sexual. Na mesma época em que atribuía essa importância às neuroses simples, continuava a pensar uma teoria, na qual a sexualidade era mais um dos fatores que levava às psiconeuroses. Considerando a ligação estreita que há entre as psiconeuroses e as neuroses simples, foi questão de tempo para os conhecimentos adquiridos nas psiconeuroses se prolongarem às neuroses simples.

Em seus estudos e tratamentos com Breuer (FREUD, 1893-1895), nos quais era estudada a formação de sintomas por meio da hipnose, foi possível retirar a divergência que ocorria entre a histeria traumática e não traumática de Charcot. Nesse período, Freud chegou à conclusão de que os afetos haviam sofrido um represamento e foram impedidos de atingir a consciência, sendo a inervação somática, a única forma encontrada para se expressarem. Considerando a grande ligação entre psiconeurose e as neuroses simples, foi questão de tempo para os conhecimentos adquiridos em um campo passarem para outro. Também aconteceu com a histeria, que quanto mais se pesquisava a vida do paciente, mais se chegava à sua infância, relacionada à experiência sexual, postulando que a histeria reside em vivências sexuais da primeira infância.

Freud superestimou a frequência desses acontecimentos, já que, não foi capaz de estabelecer seguramente a distinção entre ilusão de memória sobre sua infância e os eventos reais, na vida dos histéricos: “A cena em que o sujeito se descreve seduzido por um camarada mais velho é apenas, de fato, um duplo disfarce: uma fantasia pura é convertida em lembrança real, uma atividade sexual espontânea mascarada de cena de passividade (LAPLANCHE & PONTALIS, 1900, p. 41) ”.

Apesar da tentativa de criar uma teoria baseada no trauma de uma sedução, Freud (1950 [1892-1899a]) conclui que estava equivocado, passa a não mais acreditar em sua *neurótica*. Apresenta vários motivos, entre os principais, encontramos: 1) o fato de que sua teoria da sedução não teria mais base sólida, pois deveria haver muito mais pais pervertidos que histéricas e 2) o de que no inconsciente não haveria indicações de realidade, de modo que não se conseguiria distinguir entre a verdade e a ficção que é catexizada com afeto, havendo a possibilidade de os pais serem tema da fantasia sexual.

Freud teria se forçado a abandonar a cena da sedução por um adulto como trauma psíquico, a qual não seria algo real, mas um produto da fantasia e uma máscara para a sexualidade infantil. Podemos perceber na teoria da sedução uma primeira tentativa de estabelecer uma relação entre o recalçamento e a sexualidade, ressaltando que seu abandono favoreceu a descoberta da sexualidade infantil (LAPLANCHE & PONTALIS, 1900).

Esse foi um momento decisivo em que Freud passou a conceber a fantasia. Contudo, anteriormente, já na carta 67 endereçada a Fliess, Freud (1950 [1892-1899b]) já confessava estar atormentado por graves dúvidas sobre sua teoria das neuroses.

Estes [os sintomas] já não apareciam como derivados diretos das lembranças recalçadas das experiências infantis, havendo antes, entre os sintomas e as impressões infantis, a interposição das fantasias (ficções mnêmicas) do paciente (produzidas, em sua maior parte, durante os anos da puberdade), que, de um lado, tinham-se construído a partir das lembranças infantis e com base nelas, e, de outro, eram diretamente transformadas nos sintomas (FREUD, 1906 [1905a], p. 261).

Como podemos também perceber na carta 61 (FREUD, 1950 [1892-1899c]), na qual Freud nos apresenta que a histeria remonta à reprodução de cenas, algumas às quais se poderia chegar direta ou indiretamente por meio das fantasias. Naquele momento, a histeria, a obsessão e a paranoia apresentavam os mesmos elementos e a mesma etiologia: fragmentos mnêmicos, impulsos derivados das lembranças, e ficções protetoras (fantasias).

As fantasias eram uma construção nas quais a distorção da memória pela fragmentação, especialmente, das relações cronológicas eram posta de lado (FREUD, 1950 [1892-1899e, p. 303]).

O objetivo parece ser o de chegar [retroativamente] às cenas primevas. Em alguns casos, isso é conseguido diretamente, mas, em outros, somente por um caminho indireto, através das fantasias. Pois as fantasias são fachadas psíquicas construídas com a finalidade de obstruir o caminho para essas lembranças. As fantasias servem, ao mesmo tempo, à tendência de aprimorar as lembranças, de sublimá-las. São feitas de coisas que são ouvidas e posteriormente utilizadas; assim, combinam coisas que foram experimentadas e coisas que foram ouvidas, acontecimentos passados (da história dos pais e dos ancestrais) e coisas que a própria pessoa viu. Relacionam-se com coisas ouvidas, assim como os sonhos se relacionam com coisas vistas. Nos sonhos, realmente, não ouvimos nada, nós vemos (FREUD, 1950 [1892-1899d, p. 303]).

Como percebemos, nesse primeiro momento, Freud considerou a fantasia, primordialmente, como defesa psíquica. Como fachadas que impedem o percurso para chegar às lembranças ou cenas infantis.

A correção desse erro (de entender as fantasias de sedução como cenas acontecidas psiquicamente) forçou Freud a rever o mecanismo dos sintomas histéricos. Esses sintomas não seriam derivados das lembranças recalcadas das experiências infantis, existindo a fantasia do sujeito entre os sintomas e as impressões infantis, que havia sido construída a partir das lembranças infantis e eram diretamente convertidas em sintomas.

Desde então aprendi a decifrar muitas fantasias de sedução como tentativas de rechaçar lembranças da atividade sexual do próprio indivíduo (masturbação infantil). Esclarecido esse ponto, caiu por terra a insistência no elemento “traumático” presente nas vivências sexuais infantis, restando o entendimento de que a atividade sexual infantil (seja ela espontânea ou provocada) prescreve o rumo a ser tomado pela vida sexual posterior após a maturidade (FREUD, 1906 [1905a, p. 260-261]).

Essa reviravolta em sua teoria é mencionada em *Um estudo autobiográfico*, no qual Freud (1925 [1924]) alega que esse erro poderia ter-lhe consequências fatais para o trabalho. Segundo ele, a maioria de seus pacientes reproduziam cenas de sua infância por serem seduzidos sexualmente por um adulto e, naquele momento, ele acreditara nessas histórias como fatos reais. Contudo, se viu na obrigação de reconhecer que essas cenas jamais haviam existido ou que eram fantasias de seus pacientes.

Segundo Amoedo (2009), com a teoria da sedução, o sintoma era algo do acaso, acidente da história, o sujeito se tornara vítima de algo do exterior. Essa fantasia era encenada porque a criança não conseguia lidar com esse excesso de estimulação pulsional. Por isso, a sexualidade é sempre traumática, porque excede a capacidade da criança de elaborar suas experiências vividas.

Já muito antes, em 1900, na publicação de *A Interpretação dos Sonhos*, Freud (1900) deixa claro que o inconsciente é a verdadeira realidade psíquica, ele nos é tão

desconhecido e incompleto como o mundo externo para nossos órgãos sensoriais. E que se olharmos para os desejos inconscientes, concluiremos, sem dúvida, que a realidade psíquica é uma forma especial de vivência, que não deve ser confundida com a realidade material.

Dessa forma, “gradualmente aprendemos a entender que, no mundo das neuroses, a realidade psíquica é a realidade decisiva [FREUD, 1917 (1916-17), p. 370]”. Assim, ainda que houvesse um trauma sexual, a fantasia por meio da qual é narrada a cena sexual se torna o mais relevante (MOURA, 2007). Com essa mudança em sua teoria, Freud percebeu que os sintomas não possuíam ligação com fatos reais, mas com as fantasias: “no tocante à neurose, a realidade psíquica era de maior importância que a realidade material (FREUD, 1925 [1924], p. 40)”.

Freud tentava se afastar da justificativa de que a neurose seria causada por fatores constitucionais e hereditários, mas no momento em que ele percebeu que sua Teoria da sedução havia sucumbido, se viu em uma encruzilhada: se a sedução como fator caiu por terra, os fatores constitucionais e hereditários teriam de voltar. Contudo, ele resolve esse dilema numa torção da “disposição neuropática geral” para “constituição sexual”. Essa concepção teórica de descartar o trauma sexual e conceber o sexual como infantil foi de grande importância, porque o sexual na infância é sempre traumático, e se o sexual é tido como traumático, a própria noção de trauma é excluída (JORGE, 1988).

Entre os sintomas e a lembrança infantil se interporiam as fantasias. Os traumas sexuais infantis foram substituídos pelo infantilismo da sexual. Junto com a suposição da sedução, caíram as influências acidentais. Com o recuo das influências acidentais da experiência para segundo plano, os fatores da constituição e da hereditariedade voltariam a predominar, porém com a diferença de que em sua teoria, ao contrário da visão que prevaleceu em outras áreas, a “constituição sexual” tomou o lugar da “disposição neuropática geral” (JORGE, 1988).

Novas informações permitiram descobrir que a vida e história sexual de pessoas normais, não acometidas pela neurose, não se diferenciava da dos neuróticos. Não importava as excitações experimentadas na infância, mas a reação a essas vivências, se elas foram recalçadas ou não. O neurótico adulto trazia consigo um recalçamento sexual do infantil, que se exteriorizava frente às exigências da vida, e o adoecimento era consequência do conflito entre libido e recalque, sendo seus sintomas compromissos entre as duas correntes (LAPLANCHE & PONTALIS, 1990).

Freud já havia apresentado isso em seus *Três ensaios* (FREUD, 1905a), no qual a disposição sexual constitucional é muito variável, a criança é tida como perverso polimorfo. Em seu resumo, Freud relata que houve dois pontos de vista que nunca negou: a importância do sexual e do infantilismo. No lugar das influências acidentais surgiram os fatores constitucionais e a defesa substituída pelo recalque sexual. Os sintomas surgiram como atividades sexuais dos doentes.

Seria interessante realizarmos aqui uma breve pontuação entre fantasia e verdade. Num primeiro momento da teoria psicanalítica, a fantasia é vista como algo que bloqueia a verdade, como algo que deveria ser ultrapassado para que se chegasse à verdade. Seria uma formação defensiva como a amnésia ou lembranças encobridoras, que se insere entre a análise e a verdade buscada por Freud. Posteriormente, a fantasia é concebida como fantasia de desejo, compondo o sintoma. Para depois ser entendida como constituinte da verdade do sujeito (ABEL, 2011).

Com o que apresentamos, percebemos que a fantasia se tornou um conceito extremamente importante na Psicanálise, que desde Freud no tratamento histérico se viu com uma realidade que não poderia ser considerada factual, mas psíquica (CARREIRA, 2009).

### 3.2 O CICLO DA FANTASIA

O que Freud entende por realidade psíquica: “Com muita frequência, nada mais do que a realidade dos nossos pensamentos, do nosso mundo pessoal, realidade que equivale à do mundo material e cuja eficácia, no tocante aos fenômenos neuróticos, é determinante (LAPLANCHE & PONTALIS, 1900, p. 20-21)”.

Depois de todo esse percurso árduo e subversivo, por tomar uma certeza de que as lembranças de sedução realmente ocorreram e passar a se pensar que essas ditas lembranças poderiam ser na *verdade* fantasias, principalmente, de defesa sexual, a temática da fantasia passou a ocupar a mente de Freud por um longo período, de 1907 com *Gradiva de Jensen* a 1911, com *Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico*.

Nesse período, Freud tratou em pequenos artigos a relação da fantasia com o sonho, o sintoma, ataque histérico, entre outros (JORGE, 2005). Jorge (2010) propõe denominar esse período de intenso desdobramento sobre a fantasia de “ciclo da fantasia”. A seguir, serão expostas obras tidas como compondo esse ciclo e a exploração

que Freud realiza delas. Esse ciclo é composto das obras *Gradiva de Jensen* (FREUD; 1907 [1906]); *Escritores criativos e devaneios* [FREUD, 1908 (1907)]; *Fantasia hísticas e sua relação com a bissexualidade* (FREUD, 1908a); *Sobre as teorias sexuais das crianças* (1908b); *Romances familiares* [FREUD, 1909 (1908b)] e *Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico* (FREUD, 1911).

Desde o início, como pudemos perceber, a psicanálise teve grande interesse pelas fantasias. Mesmo quando Freud não as supunha, elas lá estavam. Desde as lembranças tomadas como realidade externa, até depois quando adquiriram o estatuto de ficção. Não só pelo reconhecimento dessas fantasias, mas também pela importância lhes dada, pelo fato de que a realidade psíquica ser a única realidade válida pudemos perceber que a fantasia é a verdadeira moeda da neurose. (FREUD, 1911).

Podemos ver essa importância desde Breuer com sua preocupação a respeito do “teatro privado” de Anna O. Para permitir-lhe uma liberação de afeto pelas vias da verbalização e expressão emocional. Lembrando-se sempre que temos de tomar cuidado para não tentar delinear o mundo externo, real e a fantasia, porque dessa forma podemos nos desviar da teoria e prática psicanalíticas (LAPLANCHE & PONTALIS, 1990).

O Ciclo da Fantasia denominado por Jorge (2010) se inicia com *Gradiva de Jensen* (FREUD, 1907 [1906]) e termina com *Formulações sobre os dois princípios* (FREUD, 1911). Durante esse período, Freud se debruçou sobre a fantasia nos mais diversos ângulos. Esse ciclo não só sucede a teoria da sexualidade, com conceito de pulsão sexual, como antecede o ciclo da técnica.

### 3.2.1 DELÍRIOS E SONHOS EM A *GRADIVA DE JENSEN*

Na obra *Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen* (FREUD, 1907 [1906]), Freud faz uma análise psicanalítica do roteiro fantasmático que Nobeit Hanold segue para se defender de seu desejo por sua paixão infantil. O Dr. Nobeit Hanold é um jovem arqueólogo que descobriu um relevo muito atraente, num museu de antiguidades em Roma, do qual conseguiu uma réplica em gesso que levou para seu escritório. A escultura representava uma jovem adulta, com vestes esvoaçantes que revelavam os pés calçados com leves sandálias.

Interessou-se fortemente por essa obra, embora, nada tivesse a ver com sua pesquisa científica. Além disso, não sabia explicar o porquê do intenso interesse no quadro, especialmente no andar de *Gradiva*.

Depois de ter obtido a obra, passou a observar os pés das mulheres, especialmente em dias de chuva e chegou à conclusão de que não encontraria modo de andar igual ao de *Gradiva* na realidade. Pouco tempo depois teve um sonho aterrorizante: estava em Pompéia e viu *Gradiva*, o que era natural, já que, ela morava em sua cidade natal, no mesmo período que ele. Sem que ele percebesse, gritou para preveni-la do perigo, mas ela continuou seu caminho. Ela sentou-se nos degraus do templo, curvou a cabeça no piso, enquanto sua face se transformava em mármore.

Acordou assustado do sonho e preparou suas malas para viajar à Itália, embora não soubesse o motivo desse impulso. Quando partiu, não tinha roteiro, dirigiu-se para Roma, depois Nápoles, cessando enfim em Pompéia. Por fim, Hanold encontrou quem procurava, logo que viu *Gradiva*, se lembrou de seu andar e descobriu o porquê de sua viagem: procurar suas pegadas.

A princípio, Hanold pensou que estivesse conversando com um fantasma vindo do mundo de Hades, não com uma pessoa real. Em suas conversas, ele descobriu que ela se chamava Zoe, mas mesmo assim, Hanold ainda pensava que ela fosse a reencarnação de *Gradiva*. Zoe não questionou o delírio de Hanold, mas respondia dubiamente às suas perguntas, como em um encontro no qual ela divide um pão com ele e fala que sente como se já tivessem compartilhado essa refeição há dois mil anos.

Nessa fala de Zoe, o arqueólogo põe em cheque seu delírio. Aproveita que uma mosca pousou na mão de Zoe, e lhe dá um tapa, para se certificar se ela era humana ou espírito. Logo que percebeu que ela era de carne e osso, fugiu. E passou a se questionar se fora loucura acreditar que estava com um espírito que retornou a vida que, além disso, conhecia seu nome. Pouco tempo depois, *Gradiva* e Hanold se encontraram novamente.

Ele lhe diz que não sabe como ela pode saber seu nome. Ela lhe diz que ele é seu vizinho na Alemanha, que eram amigos de infância, mas se afastou por causa da ciência como o pai dela fizera. Podemos perceber agora toda a trama psicológica na qual Jensen conduziu o autor, já na insinuação de Zoe sobre a alimentação que tiveram juntos, há quase dois mil anos, podemos ver uma transição do passado histórico para o passado pessoal – infância, diz Freud (1907 [1906]).

Freud (1907 [1906]) interpreta que as fantasias sobre *Gradiva* talvez sejam um eco das lembranças infantis esquecidas, fantasias determinadas pelas impressões infantis. Ele aproxima a escultura e a jovem pelo andar tão enfático que Hanold valorizava. Talvez houvesse uma chance de mostrar mais uma vez como muitas coisas

aparentemente arbitrárias na verdade obedecem a leis. O interesse pelo andar da escultura estava ligado à sua amiga de infância. As lembranças infantis com Zoe estavam recalçadas.

Esses produtos de sua fantasia nos parecem arbitrários e ao mesmo tempo inequívocos e inocentes. Quando essas fantasias o despertaram à ação de observar o andar das mulheres, havia um pensamento consciente de que era por pura curiosidade científica. Depois como foi visto, elas eram os ecos de seu amor infantil por Zoe. Sua ideia de que a escultura tinha um aspecto atual, substitui o conhecimento de que esse andar pertencia à época presente (FREUD, 1907 [1906]).

Sua fantasia transportou-o para Pompéia, porque em sua ciência ele não podia encontrar uma analogia mais próxima para si. Sua fantasia girou em torno da comparação de sua vida atual com um passado clássico pelo prisma da arqueologia. Novamente, foram pretextos conscientes motivados pelo reprimido. Dessa forma, percebemos que não há nada de arbitrário, inequívoco ou inocente em nossas fantasias, elas são determinadas (FREUD, 1907 [1906]).

Com todo esse relato, percebemos que as fantasias são substitutos e derivados de lembranças recalçadas, que não conseguem atingir a consciência devido à uma resistência. Mas podem alcançar a consciência se houver mudanças e distorções por meio da censura da resistência. O fato de Hanold caminhar por Pompéia e se lembrar do sonho somente após ver *Gradiva* nos faz pensar que a viagem foi uma revolta contra esse sonho. Não querendo reconhecer seu significado, Hanold decide fugir para não encontrar Zoe, para fugir dela devido ao aumento do desejo e da resistência (FREUD, 1907 [1906]).

Freud (1907 [1906]) ainda ressalta que em todo delírio de Hanold, há uma parcela de verdade. Se essa verdade consegue chegar à consciência, intensifica-se a convicção a que está conectada e se liga ao distorcido da verdade recalçada, protegendo-se da crítica. Freud nos mostra a ambiguidade nos sonhos e nas falas dos personagens, que se trata da contraparte da dupla determinação dos sintomas, isto é, são acordos entre o consciente e o inconsciente.

Podemos apreender de todo o estudo de Freud sobre *Gradiva*, a fantasia como função de defesa de um desejo e enquadre da realidade, a qual formula um roteiro a ser seguido de forma que nos defenda de nossos desejos inconscientes, sem que deles nos percebamos e também como uma parcela da verdade do sujeito.

Concebemos que a mesma ação da fantasia inconsciente, em torno do qual o sonho e o devaneio se constroem, irá constituir para o sujeito sua relação com a realidade, uma vez que, a realidade é a realidade psíquica (JORGE, 2005). Uma nota em relação à fantasia, sonho e sintoma se faz necessário. Tanto o sonho, o devaneio diurno quanto o sintoma seguem o mesmo modelo da fantasia inconsciente. O sonho, como apresentou Freud em *A interpretação dos sonhos* (1900), seria a realização de um desejo, de uma fantasia inconsciente constituída de um desejo.

Como o sintoma, o sonho também é contrato entre o consciente e inconsciente, mas diferente do sintoma, a censura só age no sonho para que nenhum conteúdo perturbe o sono, daí a expressão do sonho como guardião do sono, além do que no sonho não se pode sair em direção à realidade. Já a força de censura empregada no sintoma é muito maior [FREUD, 1917 (1916-17)].

Freud (1905[1901]) em *Fragmentos da análise de um caso de histeria*, mais conhecido como o caso Dora, já nos havia mostrado com a análise de dois sonhos, como o sonho e a fantasia inconsciente estavam intimamente relacionados. Na estrutura do caso, Freud nos apresenta os sintomas, o caso clínico em geral, para depois realizar a análise de dois sonhos, um no meio do tratamento, e outro, ao final.

Nesse artigo, Freud (1905 [1901]) também desenvolve a hipótese de que o fator das enfermidades histéricas se encontra na vida secreta psicosssexual dos pacientes, sendo os sintomas a expressão de seus mais íntimos desejos recalcados. A explicação desse caso, e outros casos de histeria deveriam como obrigação esclarecer essas intimidades e denunciar esses segredos.

Freud ainda relata que os sintomas só se formam a partir de um modelo infantil. A lembrança de épocas posteriores não apresenta força necessária para formar sintomas. Freud, segundo suas experiências, percebeu que o sintoma representa uma realização de uma fantasia de conteúdo sexual, mas, nesse período, ainda não se atrevia a postular esse fato como regra geral.

Relacionando a fantasia inconsciente com os sonhos de Dora, Freud interpretou que o sintoma de arrastar a perna, se deu nove meses depois do contato com o Sr. K, nessa ocasião ele a beijou e Dora o afastou, mas ela sentiu o órgão sexual do senhor K roçar-lhe. A apendicite ocorreu nove meses a essa cena, como uma fantasia de parto. Os sonhos, assim como os sintomas possuem uma mesma fantasia inconsciente (FREUD, 1905 [1901]).

### 3.2.2 ESCRITORES CRIATIVOS E DEVANEIOS

Como segundo artigo do Ciclo da fantasia, temos *Escritores criativos e devaneio*, no qual Freud [1908 (1907)] se questiona de onde os escritores conseguem retirar seu material de trabalho e se não será na infância que devemos procurar os primeiros traços de atividade imaginativa. Freud analisando a brincadeira infantil chega à conclusão de que a criança leva a brincadeira muito a sério e ajusta os elementos de seu mundo de forma que a agrade.

Devemos nos atentar que a criança sabe diferenciar a brincadeira da realidade. Ela não tem vergonha de brincar, brinca perto de adultos, de outras crianças, e esse comportamento é determinado pelo desejo de ser adulto como o pai ou a mãe. Ao crescer, com a seriedade e imperativos da vida, deixamos de brincar, renunciamos a esses elos com objetos reais. Mas sabemos que nunca renunciamos a um prazer. O que parece ser uma renúncia é na realidade um substituto. Ao invés de brincar, construímos castelos no ar, fantasiamos, criamos devaneios [FREUD, 1908 (1907)].

Freud [1908 (1907)] acredita que grande parte das pessoas construam fantasias, em algum período de suas vidas. Esse é um fato que até muito tempo não se deu importância e que não foi considerada suficientemente. Enquanto as crianças não escondem suas fantasias, os adultos as escondem, preferem confessar suas faltas, a revelar suas fantasias, já que as últimas são infantis e proibidas.

As forças motivadoras das fantasias são os desejos insatisfeitos. A fantasia é a realização de um desejo, a correção de uma realidade insatisfatória. Os desejos motivadores variam em dois grupos de acordo com o sexo: ambiciosos ou eróticos. Nas mulheres predominam as fantasias eróticas; nos homens, as ambiciosas, mas os desejos são mistos nos dois sexos [FREUD, 1908 (1907)].

Os motivos de ocultamento: à jovem bem educada só é possível um pouco de desejo erótico e o rapaz deve suprimir o excesso de autoestima para um convívio melhor, cheio de indivíduos com as mesmas demandas.

As fantasias são mutáveis, adequam-se ao contexto da vida, mas mantém sua marca. A fantasia oscila em três tempos: alguma situação presente desencadeou o desejo principal do sujeito, desse ponto ele volta a uma experiência passada (infância), na qual esse desejo foi realizado, criando uma situação no futuro que represente a realização. Na fantasia, o “passado, presente e futuro são entrelaçados pelo fio do desejo que os une [FREUD, 1908 (1907)] p. 138”.

Agora comparando o escritor à criança, percebemos que o escritor criativo faz o mesmo que a criança: cria um mundo de fantasias no qual investe muita emoção, e atenta que, ao contrário da literatura, se muitas coisas fossem reais, não sentiríamos prazer. A pessoa que fantasia esconde e se contasse sentiríamos repulsa ou indiferença, mas quando um escritor apresenta suas peças, sentimos prazer. A arte está em superar essa repulsa. Ao lermos uma obra poética, libertamos tensões em nossa mente, aproveitamos nossas fantasias sem vergonha ou pudor [FREUD, 1908 (1907)].

Em *Personagens psicopáticos no palco*, Freud (1942 [1905a ou 1906]) já havia realizado uma aproximação entre neurose e arte. Os neuróticos podem realizar suas fantasias mediante uma cena artística. A arte como forma de realizar uma fantasia. O espectador se sente um ninguém e anseia por ser um herói. Ele pode realizar isso sem se pôr em perigo. Nesses momentos, o espectador pode se deleitar como um grande homem. Entregar-se sem medo a seus desejos sufocados pela igreja, pela política ou sociedade. E desabafar amplamente em cada uma das cenas grandiosas da vida representada no palco.

### **3.2.3 FANTASIAS HISTÉRICAS E SUA RELAÇÃO COM A BISSEXUALIDADE**

Em outro artigo do ciclo, *Fantasias históricas e sua relação com a bissexualidade*, Freud (1908a) nos relata que as fantasias começam na juventude, elas são satisfações de desejos originários de privação, devaneios investidos libidinalmente e escondidos. Freud revela que todo ataque histérico é uma irrupção desses devaneios.

Quando as fantasias conscientes se tornam inconscientes e investidas, podem se tornar patogênicas. As fantasias inconscientes podem ter sempre sido inconscientes ou conscientes, que pela repressão se tornaram inconscientes. Freud (1908a) ressalta que uma fantasia inconsciente se conecta com a vida sexual do sujeito, pois essa fantasia é idêntica à que ele usou para obter satisfação sexual durante o período de masturbação.

O ato masturbatório teria duas fases: a evocação da fantasia seria a primeira e a outra seria a obtenção de prazer com a fantasia. No princípio, era um ato autoerótico que obtinha prazer de uma zona erógena, posteriormente, esse ato se juntou a um desejo na esfera do amor objetal e “serviu como realização parcial da situação em que culminou a fantasia (FREUD, 1942 [1905a ou 1906] p. 150)”.

Quando o sujeito abandona esse tipo de satisfação (masturbação e fantasia), a fantasia se torna inconsciente. Se não conseguir outro tipo de satisfação,

Estará preenchida a condição para que sua fantasia inconsciente reviva e se desenvolva, começando a atuar, pelo menos no que diz respeito à parte de seu conteúdo, com todo vigor da sua necessidade de amor, sob a forma de sintoma patológico (FREUD, 1942 [1905a ou 1906] p. 151).

Devemos pensar as fantasias inconscientes como antecessoras dos sintomas histéricos. Os sintomas se tornam as fantasias exteriorizadas pela conversão, alcança-se o propósito do processo patológico, que é voltar à satisfação primária original, anulando-se a renúncia à masturbação. Quem estudar a histeria, logo se interessará pelas fantasias que originaram o sintoma, as fantasias se equivalem às situações nas quais os pervertidos se satisfazem conscientemente (FREUD, 1908a).

Também há casos em que a fantasia não é sintomatizada, mas encenada sexualmente como tramas de estupro, violência. Sintomas visíveis, fantasias invisíveis. Sendo assim, a relação do sintoma com a fantasia é complexa por causa da dificuldade de expressão da fantasia inconsciente (FREUD, 1908a).

Freud (1908a) propõe algumas fórmulas para elucidar a fantasia, entre elas se destacam: os sintomas histéricos surgem como uma conciliação entre um impulso sexual e outro que tenta suprimi-lo; os sintomas podem representar vários impulsos sexuais inconscientes; e a principal contribuição nesse artigo a respeito das fantasias inconscientes e sua relação com os sintomas é a descoberta de que, em alguns casos, os sintomas são expressões de fantasias masculinas e femininas, uma das fantasias é de origem homossexual.

A exposição de uma fantasia ou de várias fantasias não resolve o sintoma. Dessa forma, um sintoma histérico também pode “representar a união de duas fantasias libidinais de caráter sexual oposto (FREUD, 1942 [1905a ou 1906] p. 153)”.

Em *Algumas observações gerais sobre ataques histéricos*, Freud [1909 (1908a)] também relata sobre esses ataques. Eles são fantasias inconscientes convertidas, são da mesma natureza dos devaneios e dos sonhos. Dessa maneira, a expressão corporal está sob censura, e para serem compreendidas devem ser interpretadas como os sonhos. Às vezes um sonho pode substituir um ataque e explicá-lo, já que a fantasia se expressa de formas diferentes nos sonhos ou nos ataques. O ataque histérico pode ser representado por várias fantasias por meio da condensação. Tais fantasias possuem um núcleo em comum.

O ataque pode parecer obscuro pelo fato de representar também fantasias opostas, como apresentado em *Fantasias históricas e sua relação com a bissexualidade* (FREUD, 1908a). A pessoa tenta realizar as atividades de ambas as figuras por meio de identificações múltiplas. Acontece também como no sonho, a transformação de um elemento em seu oposto. Pode ocorrer a inversão da ordem cronológica, na ação da censura.

O ataque histérico corresponde a um complexo recalçado de um investimento libidinal e de uma ideia (fantasia), seus determinantes podem ser associativos, quando atingido por algo da vida a ele ligado; organicamente: quando a catexia se eleva muito; como fuga para uma doença; por meios de objetivos secundários, para que atinja uma meta. O ataque histérico malogra substituir uma satisfação autoerótica praticada na infância, a qual a pessoa renunciou [FREUD, 1909 (1908a)].

### **3.2.4 SOBRE AS TEORIAS SEXUAIS DAS CRIANÇAS**

Em *Sobre as teorias sexuais das crianças*, as ideias de Freud (1908b) parte de observações diretas das crianças, lembranças conscientes e, principalmente, lembranças inconscientes dos adultos. Freud acha muito difícil que nenhuma criança tenha se preocupado com os problemas do sexo antes da puberdade. Nesse artigo, Freud expõe as principais teorias infantis acerca da sexualidade, teorias que terão estatuto de verdade para criança. O estudo que Freud faz se aplica, principalmente ao sexo masculino.

Freud (1908b) coloca como primeiro enigma das crianças: de onde vêm os bebês? Ou melhor, de onde veio esse bebê intrometido (no caso de um irmãozinho)? Dependendo da educação, se não for tão rígida e coercitiva, ela pode perguntar aos donos da sabedoria. Os adultos lhe respondem evasivamente, às vezes repreendem, ou usam da mitologia. As crianças recebem essas respostas com fortes dúvidas, mas não admitem. Assim as crianças começam a desconfiar dos adultos e suspeitar que eles lhes escondem algo, como resultado, ocultam suas investigações posteriores.

Isso gera um conflito na criança, pois suas pesquisas contradizem o que é o certo para os adultos. O conjunto considerado bom torna as concepções conscientes, e o de suas pesquisas é recalçado, forma-se assim o complexo nuclear de uma neurose. Na análise do Pequeno Hans, as crianças percebem que o crescimento da barriga da mãe se relaciona a um novo irmãozinho. Contudo, suas teorias falham por causa do imperativo teórico dos pais (FREUD, 1909).

A curiosidade infantil faz parte do desenvolvimento psicosssexual da criança, visto que, encontramos a mesma crença em todas as crianças. A primeira teoria a que Freud (1908b) chega seria a de que todos, inclusive as mulheres, teriam um pênis como o garoto pressupõe de seu corpo. O pênis é a principal zona erógena e mais importante objeto sexual autoerótico. Quando vê os órgãos de sua irmãzinha, é comum que falseie sua impressão, que o pênis dela vai aumentar quando crescer.

Como dito, o menino obtém intensa satisfação com o pênis, brinca com eles, o manipula, seus pais o intimidam e lhe juram que vão cortar seu pênis caso continue mexendo nele, gerando o complexo de castração, já que, os genitais femininos em um segundo momento serão vistos como mutilados, castrados.

Primeiramente, o menino percebe o órgão genital feminino como um pênis pequeno, que crescerá, depois com a ameaça de castração, os órgãos genitais femininos serão vistos como mutilados. As meninas também têm a mesma concepção dos meninos a respeito da universalidade do pênis, interesse que é logo seguido pela inveja (FREUD, 1908b).

A próxima teoria infantil abordada por Freud é: qual a relação que o pai tem com o novo bebê? Que o bebê se forma dentro do corpo da mãe é fácil pressupor, mas qual a relação que o pai tem nisso? Como o bebê chega lá dentro? A criança é incapaz de conceber a vagina, porque em suas teorias a mulher também é dotada de pênis.

Quando a criança chega perto de descobrir que o pênis penetrado na vagina foi o ato que gerou o bebê, ela interrompe suas investigações. A não compreensão da vagina só faz as crianças pensarem que o parto acontece pelo ânus. Naquela época as fezes ainda não eram vistas como repugnantes, nem o ânus. Ao pensar que os bebês nasceriam pelo ânus, os homens também poderiam ter bebês, sem que fossem atribuídas aos homens inclinações femininas.

A terceira teoria: a criança quando presencia um ato sexual, o interpreta como sádico, mesmo que veja, ou ouça independentemente da posição. “Ela o encara como um ato imposto violentamente pelo participante mais forte ao mais fraco (FREUD, 1908b, p. 199)”. Freud duvida que as crianças percebam a conexão do sexo com a origem dos bebês, porque o ato de amor é visto como ato violento.

### 3.2.5 ROMANCES FAMILIARES

Com *Romances familiares*, Freud (1909[1908b]) nos relata que os pais representam as maiores autoridades para os filhos. O desejo dos filhos é de se igualarem aos pais, serem grandes como eles. Entretanto, com o desenvolvimento, as crianças percebem que seus pais não são seres extraordinários e os comparam a outros pais. A psicanálise também entende que a rivalidade sexual colabora para as críticas. Também há o sentimento de ser negligenciado, o que gera a ideia de que foi adotada. Mas aqui há a influência do sexo, porque o menino tende a ser mais hostil com seu pai e mais afetuoso com sua mãe, e sente mais necessidade de libertar-se dele do que dela.

O estado de afastamento do neurótico dos seus pais pode ser descrito como “o romance familiar”, que não é consciente. A atividade fantasiosa começa com as brincadeiras e antes da puberdade passa a ocupar-se das relações familiares. Um exemplo disso encontramos nos devaneios, nos quais as crianças querem se libertar dos pais.

Nesse período, a imaginação da criança se volta para libertar-se dos pais que não são mais extraordinários como ela pensava e os substitui por outro com mais estima, esse estágio ignora a forma de procriação. Quando a criança compreende a relação sexual e os papéis nela do pai e da mãe, e compreende que a mãe é certa e o pai é incerto, como no ditado *pater semper incertus est*, a criança deixa de duvidar da mãe e passa a substituir somente o pai (FREUD, 1909[1908b]). Coloca a mãe em situações infieis como forma de substituir seu pai. A vingança que estava em primeiro plano aparece no segundo plano.

Também pode envolver a mãe em casos que menosprezem seus irmãos, as fantasias são ricas nessa fase. Não podemos ver maldade nessas fantasias, são formas de as crianças enaltecerem os pais. Essas fantasias retornam das recordações originais enaltecidas dos pais. A criança dá as costas à realidade e volta-se para o pai da infância, sua fantasia é um lamento pelos dias felizes que tivera [FREUD, 1909(1908b)].

Todo esse esforço para substituir o pai verdadeiro por um que lhe é superior nada mais é do que a expressão da saudade que a criança tem dos dias felizes do passado, quando o pai lhe parecia o mais nobre e o mais forte dos homens, e a mãe a mais linda e amável das mulheres (FREUD, 1909[1908b, p. 222]).

### 3.2.6 FORMULAÇÕES SOBRE OS DOIS PRINCÍPIOS DO ACONTECER PSÍQUICO

Em *Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico*, Freud (1911), há muito tempo, observou que a neurose tende a afastar o doente da realidade, por ele achá-la insuportável. O aparelho psíquico tende a se apegar às fontes de prazer e apresenta dificuldades em renunciá-la.

Entretanto, com a instauração do princípio de realidade, um determinado tipo de atividade do pensar foi apartado do teste de realidade, permaneceu livre deste e ficou submetido apenas ao princípio do prazer. É ele o fantasiar, que já se inicia com o brincar das crianças e mais tarde prossegue com o devanear, deixando então de sustentar-se em objetos reais (FREUD, 1911, p. 67).

Nos processos inconscientes, a realidade do pensar equivale-se à realidade exterior, o desejar a sua realização. “Por essa razão também é tão difícil diferenciar as fantasias das lembranças que se tornaram inconscientes (FREUD, 1911, p. 70)”.

Freud (1917 [1916-17]) nos relembra que para os leigos, os sintomas são o centro de uma doença e a cura seria removê-los, mas o que os leigos não sabem é que os sintomas surgem de um conflito, e é uma forma de satisfazer a libido. O sintoma é um contrato entre duas forças opostas, por isso é tão resistente.

A libido insatisfeita, expugnada pela realidade, precisa se satisfazer de outras formas. A libido é obrigada a retroceder no desenvolvimento libidinal e satisfazer-se em um dos seus pontos de fixação. Caso o ego se mostre contrário a esse retorno libidinal, surgirá a neurose, já que o ego controla a consciência, a inervação motora e a realização dos desejos mentais. Se o ego não concordar, a libido é retirada do ego, e enviada para as fixações as quais o ego resistiu. Ao afastar-se do ego, a libido se aproxima das ideias inconscientes que estão sujeitas ao deslocamento e condensação.

Satisfação infantil, adaptação no corpo ao invés de uma ação. Os sintomas nos levaram às experiências infantis que nem sempre são verdadeiras, são compostas de verdade e falsificação. O paciente criou para si essas fantasias como defesa para a masturbação autoerótica, mas ela possui realidade. A pessoa vê sua realidade pela sua fantasia: “As fantasias possuem realidade *psíquica*, em contraste com a realidade *material*, e gradualmente aprendemos a entender que, *no mundo das neuroses, a realidade psíquica é a realidade decisiva* (FREUD, 1917 [1916-17], p. 370)”.

Freud (1917 [1916-17]) nos mostra que uma fantasia inconsciente revelada pela análise, raramente, se acha ausente na vida psíquica, as fantasias primevas ou originárias (*Urphantasien*): a fantasia de observar a relação sexual dos pais, além da fantasia de sedução por um adulto e da ameaça de ser castrado. Freud [1917 (1916-17)] as explica como uma herança filogenética, elas foram ocorrências reais dos tempos primitivos da família humana, e as crianças preenchem as lacunas da realidade individual com a verdade pré-histórica.

Com o conceito de fantasias originárias (*Urphantasien*), Freud ainda busca uma realidade verdadeira primeira, a mesma estrutura é reutilizada: a dialética entre dois eventos históricos sucessivos (como na teoria da sedução), como se Freud procurasse uma cena. Apesar disso, essa busca pelo alicerce do evento será diferente, não mais assentada em  *fatos reais*, ela terá como bússola o inconsciente (LAPLANCHE & PONTALIS, 1900).

### **3.3 BATE-SE EM UMA CRIANÇA: UMA FANTASIA PARADIGMÁTICA**

Segundo Jorge (2010) depois de *Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico* (FREUD, 1911), Freud entra em um novo ciclo de escrita, no qual ele produz mais artigos sobre a técnica da psicanálise. Não podemos deixar de perceber que, mesmo tirando o foco da fantasia, suas próximas publicações não a deixam de lado. Vemos vários estudos de casos como *Uma neurose infantil* [FREUD, 1918(1914)], que perpassam pela fantasia.

Entretanto, temos em 1919 um artigo sobre a fantasia um tanto diferente daqueles que Freud vinha publicando. Temos uma abordagem diferente da fantasia. Freud trabalhara a fantasia, principalmente, como princípio de prazer e esse novo estudo se torna paradigmático no estudo da fantasia, justamente porque não se relaciona ao princípio do prazer. Já podemos ver nele, como afirma Jorge (2010) um embrião de sua virada teórica em *Além do princípio do prazer* (FREUD, 1920).

Até então, Freud trabalhava a fantasia como uma representação imaginária consciente, inconsciente ou pré-consciente com um ou vários personagens que realizaria um desejo de forma disfarçada (OSCARIZ, 2003). Mas a partir desse artigo, ele revela uma profunda e renovada investigação sobre a estrutura da fantasia. Nele, Freud já se

aproxima da pulsão de morte. E um fato interessante é que um dos casos clínicos abordados nesse artigo é o da própria filha, Anna Freud (JORGE, 2010).

Em *Uma criança é espancada – uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais* (FREUD, 1919), podemos ver um estudo sobre o masoquismo e sobre a perversão. Freud (1919) ressalta que é incrível como grande parte das histéricas e obsessivos, que procuram terapia se entregam à fantasia *Uma criança é espancada*. A fantasia tem sentimentos de prazer relacionado a ela e por causa desses sentimentos, o paciente ainda reproduz essa fantasia em sua vida. Essa fantasia produz um grande prazer masturbatório, realizado nos genitais. Surge antes da idade escolar e jamais depois do quinto ou sexto ano de vida. Pela significativa importância dessa fantasia para nosso estudo, o artigo de Freud será apresentado em sua totalidade.

Essa fantasia é dita com muita hesitação, resistência, sentimento de culpa e vergonha. Os pacientes a contavam muito vagamente. Não sabiam quando havia surgido, nem dar maiores informações. Não sabiam dizer qual o sexo da criança espancada ou quem espancava. Era até difícil para Freud dizer se o prazer originado era masoquista ou sádico.

Esse artigo se baseia no estudo de seis casos, quatro mulheres e dois homens. Entre eles, encontravam-se histéricos, obsessivos e um caso que não teria sido absolutamente classificado. Essa fantasia retida com finalidade de satisfação autoerótica só poderia ser considerada como um traço de perversão.

Essas fantasias se mostram aos cinco ou seis anos de idade, mas têm um histórico anterior. Surgiram entre os dois e cinco anos, idade na qual os fatores libidinais foram despertados pelas experiências reais e se ligaram a alguns complexos. Sofreram mudanças em vários aspectos: na relação com o autor da fantasia, seu objeto, conteúdo e significado. Fazem parte do resíduo de um processo de desenvolvimento e não uma manifestação inicial.

A primeira fase da fantasia pertence a um período muito primitivo da infância. Nas mulheres, suas afirmações *Uma criança é espancada* se referem ao fato de que estão batendo em uma criança. O sexo dessa criança é indiferente. Só sabemos que quem bate é um adulto. Mais tarde, saberemos que esse adulto é o pai da criança. Essa

primeira fase da fantasia é expressa pela frase: *O meu pai está batendo na criança que eu odeio.*

Da primeira para a segunda fase, ocorrem transformações significativas. A criança que é espancada muda e passa a ser a mesma criança que fantasia. A frase se altera para: *Estou sendo espancada pelo meu pai.* A partir dessa mudança sintática, pode-se ver o masoquismo nessa fase da fantasia. Essa fase é a mais importante e traz um grande prazer. Nunca foi real, é uma construção da análise.

A terceira fase da fantasia se assemelha muito à primeira fase. Não mais o pai aparece batendo, nem a criança sendo espancada. Eles são substituídos. O pai é substituído por algum outro adulto como o professor, ou deixado indeterminado. A criança é substituída por várias outras crianças do sexo masculino, na fantasia da menina. A característica essencial dessa fase da fantasia é a ligação dela a uma forte excitação sexual sádica, proporcionando um meio para a masturbação.

A análise dessas fantasias nos mostra, segundo Freud, o envolvimento da criança em seu Complexo de Édipo. Como ele já havia ressaltado em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (FREUD, 1905a), o homem inicia duas vezes sua vida sexual, uma na infância; a outra, na puberdade.

Voltando ao artigo *Uma criança é espancada* (FREUD, 1919), Freud percebe que a menina fez de tudo para conquistar seu pai e entrou em um conflito com sua mãe pelo pai. Mas a fantasia de espancamento tem como tema principal o pai. A criança, logo cedo percebe que ser castigada é sinônimo de não ser amada, ou ser menos amada. Há outras crianças à volta e ter que compartilhar o amor de seu pai lhe parece insuportável e são repelidas com toda a energia selvagem dessa faixa etária.

Desse modo, ela se entrega à fantasia de espancamento. *Meu pai não ama essa criança, ama somente a mim* se revela a tradução da primeira fase da fantasia, que leva em si a natureza do sadismo e do sexual que surgirão depois. Mas chega um tempo em que esse amor deve ceder ao recalque. Surge também um sentimento de culpa ligado ao amor incestuoso pelo pai que sucumbiu ao recalque.

A frase do primeiro período: *Ele só ama a mim e não a outra criança, pois está batendo nela*, atingida pelo sofrimento de culpa, passa a ser: *Não, ele não ama você, pois está batendo em você.* A frase do segundo período da fantasia passa por uma

torção. *O meu pai me ama* da primeira fase revelava um desejo genital e devido à regressão converte-se em: *O meu pai está me batendo – Estou sendo espancada pelo meu pai*, ela é a nova fantasia. Ela é uma metáfora de forma regredida da organização sexual (anal-sádica) do amor pelo pai. Essa fantasia é uma convergência do amor incestuoso e do sentimento de culpa a ele ligado.

*Não é apenas o castigo pela relação genital proibida, mas também o substituto regressivo daquela relação, e dessa última fonte deriva a excitação libidinal que se liga a fantasia a partir de então, e que encontra escoamentos em atos masturbatórios (FREUD, 1919, p. 205).*

A masturbação surge antes da terceira fase da fantasia e com ela o sentimento de culpa. Na terceira fase da fantasia, podemos ver que a criança que fantasia aparece como um telespectador. Ela que era espancada dá lugar a várias crianças do sexo masculino, que são espancadas por um desconhecido ou substituto do pai (professor). A menina, dessa forma, põe em atividade seu complexo masculino.

Freud (1919) percebe que a perversão se encontra entre os processos típicos e normais do desenvolvimento. É levada a uma relação de amor incestuoso com o objeto de amor, no complexo de Édipo. Surge no complexo de Édipo e depois de ele sucumbir, a fantasia ainda se mantém recalçada, e com o sentimento de culpa ligada a ela.

Freud (1919), em sua análise das fantasias masculinas de espancamento, percebe que, desde o início, a fantasia do menino deriva de uma posição passiva em relação ao pai. Em ambos os casos, esse tipo de fantasia tem sua referência em uma ligação incestuosa com o pai.

Freud (1919) não encontrou similaridades nas fantasias masculinas e femininas. Assim, como primeira fantasia masculina, já temos a posição passiva do menino: *Sou amado pelo meu pai*. Como segunda etapa inconsciente: *Sou espancado pelo meu pai*. A terceira parte da fantasia consciente seria: *Sou espancado pela minha mãe*. O garoto burla sua homossexualidade ao remodelar sua fantasia inconsciente em sua posterior fantasia consciente.

### 3.4 LACAN E A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO

Depois de abordarmos a fantasia na concepção freudiana, apresentaremos como a fantasia é entendida por Lacan. Para isso, primeiramente, precisaremos passar pelo caminho da constituição do sujeito e da extração do objeto *a*. Assim, poderemos nos adentrar na sintaxe e no matema da fantasia  $\$ \diamond a$ .

O modo como o ser humano chega ao mundo é de dependência total do Outro (CECCARELLI & LINDENMEYER, 2012). Para o bebê, a falta do Outro traz, sobretudo a morte ontológica, sendo a função do Outro primordial, no início, de “introduzir a criança no mundo da metáfora onde os objetos secundários substituem os primordiais” (CECCARELLI, 2001).

O sujeito já muito antes de seu nascimento, ou qualquer amadurecimento biológico, tem seu lugar no discurso do Outro. Esse fator o constitui como ausência, pois ele desconhece o que o determina. Dessa forma, podemos perceber que o sujeito nasce muito antes de qualquer questão biológica a partir dos planejamentos dos pais sobre seus filhos. Muito antes de os filhos virem ao mundo, os pais já planejaram como eles seriam, isto é, já lhe prepararam um lugar na ordem simbólica. O sujeito não existe como consciência de si, ele só pode surgir no campo do Outro, no tesouro dos significantes (PACHECO, 2012).

Ressaltaremos aqui o que Lacan (1966-1967) disse no *Seminário livro 14* sobre a existência de fato e a existência lógica. A existência de fato constitui o ser de carne e osso, a matéria; já a existência lógica pressupõe um sujeito. Quando os pais fazem planos para seus filhos, mesmo ainda não os tendo materialmente, seus filhos já têm uma existência lógica, já estão entre os significantes.

O Outro é o campo no qual o sujeito vai aparecer, é o lugar dos significantes, que vai comandar tudo o que ocorrerá na vida do sujeito. Não há nada no psiquismo, *a priori*: “O Outro é o lugar em que se situa a cadeia do significante que comanda tudo que vai poder presentificar-se do sujeito, é o campo desse vivo onde o sujeito tem que aparecer (LACAN, 1964, p. 194)”. Não há nesse sentido nada biológico que determine, por exemplo, como ser de macho ou de fêmea, nada que o determine profissionalmente, isso tudo ele deve aprender do Outro (LACAN, 1964).

O Outro como lugar da linguagem – o Outro que fala – precede o sujeito e fala sobre o sujeito antes de seu nascimento. Assim, o Outro é a primeira causa do sujeito. O sujeito não é uma substância: o sujeito é um efeito do significante. O sujeito é representado por um significante, e antes do surgimento do significante não existe sujeito. Mas o fato de não existir sujeito não quer dizer que não exista nada, porque pode existir um ser vivo, mas este ser vivo se torna um sujeito somente quando um significante o representa. Logo, antes do surgimento do significante, o sujeito é nada (SOLLER, 1997a).

A constituição do sujeito fendido é apresentada por Lacan (1964) a partir da relação hipotética e unitária bebê (sujeito) – mãe (Outro primordial), vivenciada imaginariamente na experiência do Estádio do espelho e simbolicamente nas operações de alienação e separação.

### 3.4.1 O ESTÁDIO DO ESPELHO

Sob influência dos estudos de Wallon, Lacan (1949) percebeu a importância do espelho na formação da identidade de uma criança a partir dos seis meses, denominada por Lacan de Estádio do Espelho: fase na qual a criança descobre sua imagem global e forma seu *Eu* a partir de sua imagem, conquistando um corpo como uma totalidade unificada, por meio da identificação com o Outro. “Basta compreender o estágio do espelho como uma identificação, no sentido pleno que a análise atribui a esse termo, ou seja, a transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem (LACAN, 1949, p. 97)”.

[...] o estágio do espelho é um drama cujo impulso interno precipita-se da insuficiência para a antecipação - e que fabrica para o sujeito, apanhado no engodo da identificação espacial, as fantasias que se sucedem desde uma imagem despedaçada do corpo até uma forma de sua totalidade que chamaremos de ortopédica [...] (LACAN, 1949, p. 100).

A maturação fisiológica dá à criança a possibilidade de integrar suas funções motoras, mas é antes que o sujeito toma noção de seu corpo como totalidade. A vista da forma do corpo humano dá à criança um domínio imaginário de seu corpo, anterior ao domínio real. É aí que a imagem do corpo permite ao sujeito se situar no que é, e no que não é seu *Eu* (LACAN, 1954-1955).

Para exemplificar, Lacan nos traz o experimento do buquê invertido. Uma caixa é posta dentro do centro de uma semiesfera. Em cima dessa caixa, colocamos um vaso real, e embaixo dela, um buquê de flores. O buquê reflete-se sobre a superfície esférica para vir ao ponto luminoso simétrico. A partir de então, à medida que se distancia, forma-se uma imagem virtual, como podemos observar na figura abaixo.

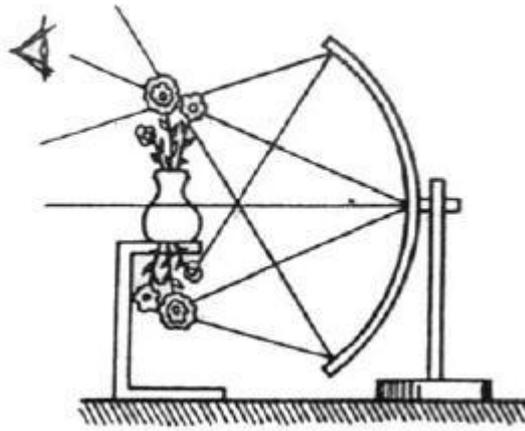


Figura 1

Inicialmente, a criança vivencia seu corpo como fragmentado, indiferenciado do Outro primordial, como uma unidade hipotética criança-mãe, mas a partir do estágio do espelho, “o corpo se organiza através do olhar do outro que o organiza (CABAS, 2005, p. 20-21)”. O olhar do outro anteciparia a unificação do corpo, precipitando a coordenação motora, exemplificada pela imagem acima.

Essa experiência se organiza em três tempos. Primeiramente, a criança percebe sua imagem como a de um ser real, haveria uma confusão entre o si e o outro, sendo acima de tudo no outro que ela se descobre primeiro, nesse momento se evidencia um assujeitamento ao registro do imaginário. No segundo momento, a criança descobre que a imagem do espelho não é um outro real, mas sua imagem, distinguindo a imagem do outro da realidade do outro. Por fim, há uma dialética dos dois primeiros momentos. A criança se reconhece na imagem, ou melhor, se identifica à imagem, adquirindo uma imagem de corpo unificado, a qual é estruturante para a identidade do sujeito (DOR, 1989).

Esta conquista da identidade é toda sustentada pela dimensão imaginária e no fato dela se identificar com uma imagem virtual externa a si e invertida que não é ela, mas onde ela se re-conhece. A conquista de sua identidade a partir de uma imagem configura sua alienação imaginária e seu desconhecimento de si.

### 3.4.2 ALIENAÇÃO E SEPARAÇÃO

Passando para a segunda operação da constituição do sujeito, Lacan (1964) nos diz que a alienação pode ser entendida aqui como um assujeitamento ao Outro e a separação como um confronto do sujeito alienado com o Outro. Na alienação, na luta do sujeito com o Outro, o sujeito desaparece, fracassando ao se desenvolver como ser específico. Mas, ao assujeitar-se ao Outro, ele passa a ser um sujeito da linguagem. A criança, quando se submete ao Outro, vai poder utilizar os mesmos signos, a mesma língua para se expressar, já que, foi submetida à cultura. Nesse caso, ou a criança se aliena ao lugar que lhe foi designado culturalmente ou ficará fora do discurso simbólico, tornando-se psicótica.

Como mostramos desde o início desse capítulo, o sujeito nada mais é do que o efeito do significante vindo do Outro. Esse processo deve ser articulado como circular entre o sujeito (\$) e o Outro (A), sem reciprocidade, dissimétrico, já que é o Outro que marcará o sujeito com um significante (LACAN, 1964).

Para exemplificarmos esse processo de alienação e separação, utilizaremos um losango que serve como algoritmo:

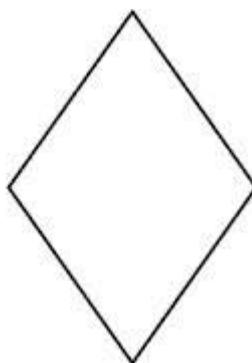


Figura 2

A parte inferior (que representa a reunião dos conjuntos) do algoritmo nos demonstra a primeira operação essencial na formação do sujeito – alienação. Operação na qual o sujeito precisa se alienar ao Outro, à linguagem, ao seu lugar na cultura, ao simbólico. Dessa forma, ele precisa se perder como ser único, singular e se submeter à ordem simbólica, significante.

A alienação consiste nesse *vel* que – se a palavra *condenado* não suscita objeções da parte de vocês, eu a retomo – condena o sujeito a só aparecer nessa divisão que venho, me parece, de articular suficientemente ao dizer que

se ele aparece de um lado como sentido, produzido pelo significante, do outro ele aparece como afânise (LACAN, 1964, p. 206).

Acompanhando o desenvolvimento teórico de Lacan (1964), explicaremos melhor a questão da alienação e separação. Existem três tipos de *vel* ou *ou*. O primeiro tipo é exaustivo, indica uma ou outra possibilidade. Podemos dizer: ou vou para Portugal ou para a França. Nessa sentença, só podemos fazer uma escolha e essa escolha exclui a outra. Podemos encontrar na segunda forma um “tanto faz”. Vou para um país ou outro. Tanto faz a escolha. Já o *vel* que define a alienação comporta uma perda total ou a perda de uma parte.

O *vel* da alienação se define por uma escolha cujas propriedades dependem do seguinte: que há, na reunião, um elemento que comporta que, qualquer que seja a escolha que se opere, há por consequência um nem um, nem outro. A escolha aí é apenas a de saber se a gente pretende guardar uma das partes, a outra desaparecendo em cada caso (LACAN, 1964, p. 206).

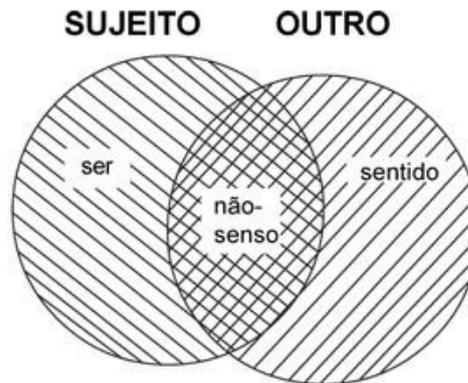


Figura 3

Como podemos perceber na figura acima, se optarmos pelo ser, o sujeito desaparece, escapa, afunda-se no *non sense*. Ao contrário, se escolhermos o sentido vindo do Outro, vivemos decepados do *non sense*, o que constitui o inconsciente. Eclipsado pelo campo do Outro, pela função do significante, o sujeito passa a existir. Como exemplo temos, caso um assaltante roube nossa bolsa, ou entregamos a bolsa e vivemos, ou perdemos a vida e a bolsa. Uma parte deve desaparecer. O sujeito só existe quando decepado de seu ser e submetido ao significante, ao Outro. Como no exemplo da figura abaixo, a bolsa ou a vida (LACAN, 1964).



Figura 4

A segunda operação termina a circularidade do sujeito ao Outro. O primeiro tempo da alienação está fundado na reunião, já o segundo, na intersecção ou produto, representando a parte de cima do losango. A separação se faz do recobrimento de duas faltas. A criança encontra nas brechas do discurso materno uma falta. Ela se questiona: eles me dizem isso, mas por quê? O que eles realmente querem? O que eles desejam? E para responder a essa falta identificada nos meandros do discurso materno, a criança traz sua própria falta, sua própria perda. O objeto que ele propõe ao desejo dos pais é sua própria perda: podem eles me perder?

A alienação é o destino. Nenhum sujeito falante pode evitar a alienação. É um destino ligado à fala. Mas a separação não é o destino. A separação é algo que pode ou não estar presente, e aqui Lacan evoca um *velle*, em francês *vouloir*, em inglês *a want*, um querer. Isso é muito semelhante a uma ação pelo sujeito (SOLLER, 1997b).

Ainda segundo Fink (1998), enquanto na alienação o sujeito instalou-se nesse Outro, a separação consiste na tentativa do sujeito de lidar com o desejo desse Outro. Instalada nessa falta do Outro, a criança a princípio, vive o desejo de ser o único objeto de desejo da mãe, objeto que preencheria a falta da mãe. A criança passa a questionar o discurso de seus pais, na tentativa de saber onde está o desejo deles, de ser esse objeto de desejo. A criança deseja ser tudo para sua mãe e passa a tentar ocupar a falta desse Outro com sua falta, no entanto essa tentativa da criança de justapor essas duas faltas é frustrada, porque a mãe deseja além da criança. Todo esse, além da criança, toma como figura o pai (entenda-se *Função Paterna*), o qual surge como um terceiro termo frustrador da criança, barrando o gozo da criança e da mãe.

O sujeito do inconsciente, subvertido pela linguagem e capturado na dialética do desejo, é, na verdade um assujeitado à estrutura do Outro. Assujeitado, mas não escravo, pois que desse Outro ele deve separar-se, parir-se, engendrar-se, criar-se, enfim (PACHECO, 2012, p.149).

A figura paterna instala um nome que amortece o desejo da mãe, substituindo o desejo da mãe pelo Nome-do-Pai, que ainda não é um significante desenvolvido, que surge para neutralizar o desejo do Outro materno.

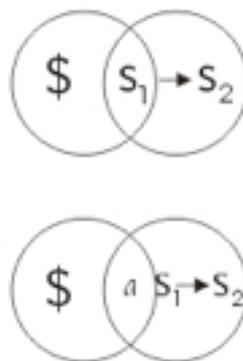


Figura 5

Como percebemos na figura acima, torna-se necessário algo a mais para que aquilo que ocupa o lugar do Outro materno possa se desenvolver como significante: um segundo significante, o significante do *Nome-do-Pai*, daí o desejo da mãe será retroativamente transformado em  $S_1$ , criando uma cadeia significante. O resultado dessa operação é um sujeito desejante. A operação denominada separação causa a expulsão do sujeito do Outro, assumindo o desejo do Outro o papel de objeto  $a$ . A criança, antes, concebida como  $a \diamond \$$  (objeto do desejo da mãe), passa a ser desejada e desejante  $\$ \diamond a$  (FINK, 1998).

A primeira figura do grupo acima representa a falta, ou seja, corresponde ao fato de um sujeito não poder ser totalmente representado no Outro, sempre há um resto a simbolizar, um resto que define o ser sexualmente definido do sujeito. Entendemos a segunda imagem como a falta em relação ao que o Outro pode ser, abreviado da seguinte forma  $S_1 \rightarrow S_2$ . Uma vez constituído o sujeito, devemos nos lembrar que um resto está tanto dentro do sujeito, quanto dentro do Outro (LAURENT, 1997a).

Esse sujeito, que só pôde ser constituído a partir do lugar do Outro (tesouro dos significantes), deverá, por sua vez, construir sua relação objetiva com a realidade (as famosas relações de objeto) a partir de sua matriz fantasmática (ou seja, de sua subjetividade) (PACHECO, 2012, p. 178).

O recalque originário funciona como uma metaforização, ato de simbolização da lei, que sugere a substituição do desejo da mãe (significante fálico) pelo significante do *Nome-do-Pai* (DOR, 1989). Conforme apresentado, a criança, a princípio, vive o desejo de ser o único objeto de desejo da mãe, entretanto nas faltas da mãe, a criança é

conduzida a associar a ausência dela à presença do pai, que surge como um objeto fálico rival e, posteriormente, como detentor do falo, como percebemos na imagem abaixo.

$$\frac{\text{Nome-do-Pai}}{\text{Desejo da Mãe}} \cdot \frac{\text{Desejo da Mãe}}{\text{Significado para o sujeito}} \rightarrow \text{Nome-do-Pai} \left( \frac{A}{\text{Falo}} \right)$$

Figura 6

Uma relação surge a partir de quando a criança pode nomear a ausência da mãe, invocando o pai, detentor do falo. Aqui intervém o *Nome-do-Pai* associado à lei simbólica. O *Nome-do-Pai* passa a ser um novo significante, essa passagem é efeito do recalque originário que se traduz como uma passagem do real para o simbólico. “O processo metafórico consiste em introduzir um significante novo (S2) que faz o significante antigo (S1) passar sob a barra de significação, com esta consequência de mantê-lo provisoriamente inconsciente (DOR, 1989, p. 92)”.

### 3.5 DE DAS DING AO OBJETO *a*

Depois de explicitarmos a constituição do sujeito com as operações de alienação e separação, precisamos introduzir a questão da falta com *Das Ding* e com o objeto *a*.

Para introduzirmos o objeto *a* com seu caráter real e melhor explicarmos o matema da fantasia, precisamos resgatar o conceito de falta que começou a ser articulada por Lacan, no *Seminário 4*. Lacan (1956-1957) define que a falta é a mola central na relação do sujeito com o mundo, contradizendo os psicanalistas ingleses, os quais acreditavam que havia complementaridade entre sujeito e objeto. A partir disso, Lacan conceituou, primeiramente, a falta como *das Ding* e depois como o objeto *a*.

Lacan (1956-1957), durante o *Seminário 4*, nos deixa bem claro que o que move o sujeito é a falta, é sempre pela via da falta que o sujeito se relaciona com o Outro. E que essa falta é estrutural ao sujeito, que por causa dela é levado a desejar. Por a falta ser estrutural e a causa do desejo, não há algo que possa aplacá-lo.

No *Seminário 5*, Lacan (1957-1958) nos diz que não há objeto senão metonímico, o objeto do desejo sendo objeto do desejo do Outro, que está numa infinita cadeia de sucessões. Mais uma vez esclarecendo que não há complementariedade entre sujeito e objeto, ou seja, que nenhum objeto é capaz de suturar a falta estrutural do

sujeito. Na verdade, Freud deu muita importância ao objeto da pulsão, Lacan já o toma como central na análise. Para Freud (1915), como vimos, o objeto é indiferente e para Lacan (1964) será tido como um objeto faltoso, o ponto de relação com o Outro.

Entendemos *das Ding* como um antecedente lógico e teórico do objeto *a*. Lacan (1959-1960) encontra *das Ding* em *Um projeto para uma psicologia científica* (FREUD, 1895). Freud (1895, 1905a) entende a primeira experiência de satisfação como um momento decisivo para a relação da criança com o seio. Essa experiência está relacionada à alimentação. O seio, alimento oferecido pela mãe, constitui o primeiro objeto de satisfação. Quando houver uma tensão, novamente, a primeira experiência de satisfação será buscada e o objeto será alucinado.

Dessa forma, *das Ding* se refere às primeiras experiências de satisfação. Quando a criança não tem um objeto com o qual possa aplacar a tensão de seu corpo, ela se volta alucinadamente para aquela primordial satisfação do seio. Alucina uma satisfação e objetos que não podem ser mais encontrados. (GUEDES, 2010).

O Outro, desde cedo, tenta interpretar a necessidade da criança e lhe dá vários objetos. Só que os objetos ofertados pelo Outro sempre ultrapassam a necessidade da criança e, à medida que um objeto passa pelo Outro, já não é mais qualquer objeto. Dessa forma, a criança repete alucinatoriamente a experiência de prazer, buscando qualquer objeto para se satisfazer, como se todo objeto guardasse *das Ding* (VORCARO & LUCERO, 2013).

*Das Ding* tem o mesmo estatuto do objeto perdido para Freud (1905). Interessante notar que só reencontramos esse objeto com uma certa nostalgia e saudade, embora ele mesmo não tenha sido perdido de forma alguma. É antes o sentimento de tê-lo tido que nos faz pensar que o perdemos. Notemos que *das Ding* e o objeto *a* são apenas duas formas de nomear a falta. Com *das Ding* temos a falta do objeto, um objeto que saciaria o desejo; e com o objeto *a* passamos a conceber um objeto da falta, o objeto causa do desejo.

Após explicarmos *das Ding* ou a *Coisa freudiana*, precisamos nos atentar para análise da pulsão e a inserção do objeto *a* na psicanálise. Lacan nos ressalta que a pulsão (*trieb*) tem uma longa história e encontra-se na experiência como algo irreprímível. Ao objeto da pulsão, Lacan (1964) dá o mesmo entendimento que Freud, ou seja, não tem importância. Não pelo mesmo motivo que Freud (1915) deu, mas pelo fato de que Lacan perceberá o objeto, não mais como objeto perdido com o qual Freud imaginava, porém como um objeto causa do desejo.

De uma falta de objeto, em *das Ding*, passaremos para o objeto da falta. Esse conceito nos será muito importante para o próximo capítulo, pois com ele veremos que a relação do sujeito (\$) com o Outro (A) se dá pelo objeto *a*. Será necessário para também entendermos o matema da fantasia, tão importante para o ensino lacaniano.

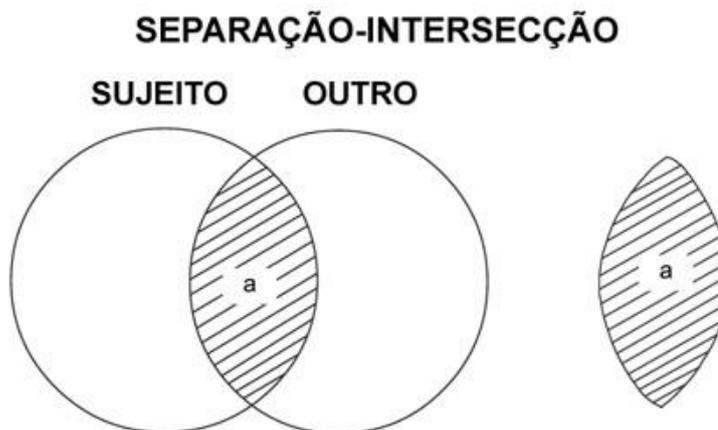


Figura 7

Como podemos perceber na imagem acima, na operação de separação, o objeto *a* surge como o resto dessa unidade hipotética mãe-filho. A ligação entre o sujeito e o Outro se estabelece apenas a um ponto de intersecção, a advir o objeto *a* (CARREIRA, 2009).

O objeto *a* pode ser entendido aqui como o *resto* produzido quando essa unidade hipotética se rompe, como um último indício daquela unidade, um último resto dessa unidade. Ao clivar-se desse resto, o sujeito dividido, embora excluído do Outro, pode sustentar a ilusão da totalidade; ao apegar-se ao objeto *a*, o sujeito é capaz de ignorar sua divisão (FINK, 1998, p. 82-83).

Lacan (1962-1963) encontra o conceito de objeto *a* em O Banquete (Platão, 2007), no discurso de Sócrates que rebate o de Alcebíades. É na *amalgama* que une Alcebíades a Sócrates que Lacan vê o objeto, causa do desejo. O objeto liga-se a sua falta necessária ali onde o sujeito se constitui no lugar do Outro.

O pedaço do corpo que causa o desejo foi de um corte no corpo. O desejo é desejo do corpo do Outro. O objeto perdido apresenta diferentes níveis de experiências corporais em que se produz seu corte (LACAN, 1962-1963).

Tendo como referência a álgebra da fantasia lacaniana  $\$ \diamond a$  (sujeito barrado punção de *a* minúsculo), “a fantasia expressa a relação desejante entre o sujeito e o objeto causa do desejo (JORGE, 1988, p. 27)”, também compreendida como suporte do desejo. É na relação do sujeito com o objeto, causa do desejo, que ele alcança uma sensação fantasística de completude.

O sujeito é fundamentalmente um objeto do gozo do Outro, e seu primeiro status como *enfant* é ser uma parte perdida desse Outro, o Outro real (geralmente, a mãe). Ele começa a viver no lugar do objeto *a*, e em seguida tem de se identificar com aquela parte perdida e ingressar na cadeia de significantes. Ele irá tentar, como disse Lacan, “assumir suas identificações primárias”, frase empregada nos *Écrits* (LAURENT, 1997b).

A fórmula  $\$ \diamond a$  revela a relação do sujeito barrado daquilo que o constitui, e do objeto *a*. O pequeno *a* é a intersecção do Sujeito (\$) com o Outro (A), é resultado de uma operação lógica. Nessa entidade pouco apreendida do corpo, há algo que se presta a essa operação: seio, cíbalo, voz e olhar, peças destacáveis e religadas ao corpo (LACAN, 1966-1967). É como pedaço de corpo que eles funcionam, como objetos das pulsões parciais (VIOLA & VORCARO, 2009). Todo objeto *a* funciona como resto da dialética do sujeito com o Outro. Funcionam como causa do desejo, estão atrás do desejo, impulsionando-o.

Ele adquire valor em relação à falta do Outro, é o objeto que o Outro demanda para satisfazer seu desejo e com o qual temos aquela sensação de completude. Trata-se de um objeto que saldaria a dívida da linguagem que instituiu o sujeito. Para se garantir, o sujeito se oferece ao Outro como objeto, supostamente saldando a sua dívida, mas se ele quitar sua dívida, desaparece como sujeito e se torna prolongamento narcísico do Outro. Essa conjunção e disjunção  $\diamond$  permite, ao mesmo tempo, ser e não ser o objeto do Outro (CARREIRA, 2009).

Com essa possibilidade, o sujeito se entrega, sem se entregar totalmente. Entrega partes descartáveis, isto é, o sujeito não oferece ao Outro o seu corpo todo, mas partes dele, como o olhar, a voz, o seio, as fezes. Esses objetos tiveram uma relação especial nos rituais ou jogos com a mãe, formaram parte dos jogos de presença e ausência (OSCARIZ, 2003).

Assim, a função do objeto *a* é estruturar o processo que constitui o sujeito e sua realidade. Por causa de a castração ordenar e constituir o mundo objetal, sendo o centro estrutural da subjetividade, onde falta a significação, o objeto *a* funciona como um enlace entre o sujeito e o Outro.

Onde não há referência de realidade e saber sobre o que não há (Real), o sujeito cria o objeto, numa tentativa de positivar sua falta, a falta que o constitui, numa aspiração de escamotear sua falta-a-ser (PACHECO, 1012). Se há desejo para Lacan, é

porque há falta. E, se há falta, o desejo se insere numa fantasia, uma fantasia que supõe, pretende recuperar aquilo que falta ou aquilo que foi perdido (JORGE, 2007).

Na imagem abaixo, vemos o contorno da pulsão no objeto *a*. Como podemos observar, a pulsão contorna o objeto *a* e retorna em circuito. Lembremos que o objeto *a* é um vazio, um cavo, um objeto causa do desejo, é um resto Real que sobrou da separação lógica entre o sujeito e o Outro. E é dessa forma, contornando o objeto que o sujeito pode atingir o campo do Outro (LACAN, 1964).

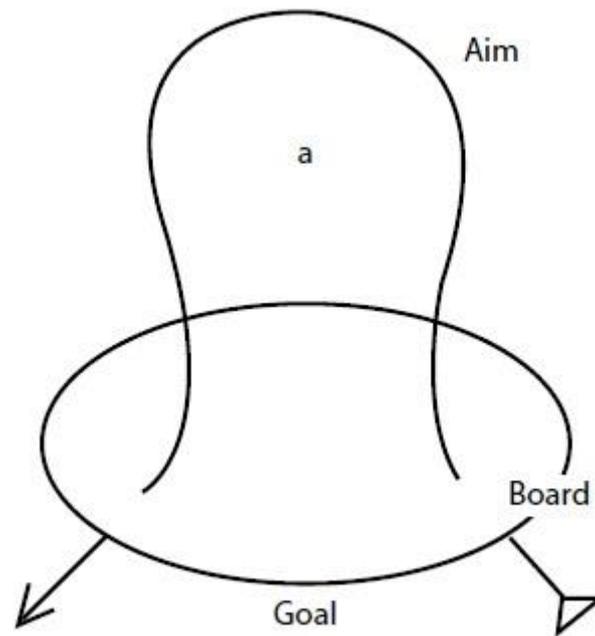


Figura 8

*Aim* é entendido como o trajeto da pulsão; *goal*, a sua meta; e *board*, a borda ou zona erógena. A experiência com o objeto é sempre faltante, pois não há objeto harmonioso. O prazer, conforme vemos na imagem do circuito da pulsão, é buscado no contorno do objeto, não nele (LUCERO & VORCARO, 2013).

Lacan (1964), ao se referir aos quatro termos da pulsão ditos por Freud, acredita que a pulsão é uma montagem sem pé nem cabeça – impulso, fonte, alvo e objeto só podem aparecer disjuntos. A pulsão, como se vê na imagem acima, pode ser satisfeita sem atingir o alvo, ela é pulsão parcial, porque seu alvo não é outra coisa que seu retorno em circuito, já que o objeto da pulsão é faltoso.

Lacan (1964) entende que a pulsão nunca atinge o objeto, simplesmente, porque todas as pulsões são parciais em relação à finalidade lógica da sexualidade. A

pulsão representa parcialmente a curva da terminação da sexualidade, pois sua ponta seria a morte. Como só temos pulsões parciais, os objetos *a* devem ser entendidos, também, como objetos parciais das pulsões, o seio, as fezes, o olhar e a voz. Objetos que causam o desejo e que nos ligam ao Outro.

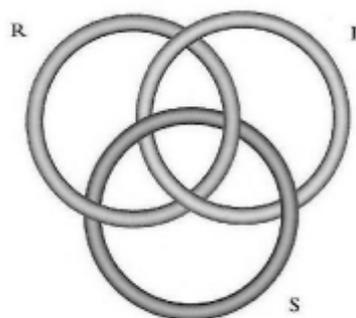
O objeto *a* é um objeto que aprisiona o desejo do sujeito, a partir da relação dele com o sujeito, construir-se-á uma fantasia de completude para aplacar a castração. E é a partir do objeto *a* que o sujeito pode se tornar desejante, como forma de tentar buscar aquela parte, em rememoração, perdida. Por isso, às vezes, notamos em alguém, algo ou alguma coisa que desperta o nosso desejo, e não sabemos dizer, exatamente, o que é, até porque não sabemos mesmo, só podemos dizer que esse inominável é o objeto *a*. Não é à toa que existe na nossa cultura expressões como amor à primeira vista, indicando uma das formas do objeto *a* causa do desejo – o olhar.

### 3.6 BATE-SE EM UMA CRIANÇA: A RELEITURA DE LACAN

Freud deu muita ênfase em sua teoria às fantasias conscientes e inconscientes, mas de uma forma geral, elas foram mais abordadas sobre o aspecto imaginário, como devaneios. Um ano antes de sua virada teórica com *Além do Princípio do Prazer* (FREUD, 1920), Freud abordou a fantasia de uma maneira muito específica com *Uma criança é espancada* (FREUD, 1919).

Mas de todas as formas, Freud (1911) denominou o fantasiar como o espaço que escapou ao Princípio da Realidade, mas que de alguma forma se submete a esse último por causa de a fantasia só poder se manifestar com as distorções próprias do consciente e pré-consciente. Até mesmo, porque embora, a fantasia revele o desejo e a verdade do sujeito, em última instância ela é uma defesa contra o desejo, conforme podemos nos reportar à fantasia *Uma criança é espancada* (FREUD, 1919). A realidade para Freud, dessa forma, será atravessada pela fantasia. Ou seja, a realidade não será nada mais que a realidade psíquica.

Com Lacan, a realidade psíquica tem estrutura de ficção e se resolve em sua formulação dos três registros da realidade humana: Real (R), Simbólico (S) e Imaginário (I), conforme podemos observar na imagem abaixo. Eles estão unidos na topologia do nó borromeano: se um se desfizer, os outros se desfarão (FIGUEIREDO, 1997). Para Lacan, a realidade é simbólica e imaginária, construída pela fantasia, que mediatiza o real insuportável que está ligado ao impossível da relação sexual, a fantasia é em resumo, fantasia de relação sexual (JORGE, 2010).



Nó borromeu: (R) Real, (S) Simbólico e (I) Imaginário.

Figura 9

O Real (R) escapa à realidade, é o traumático e inassimilável, está fora: existe, é o impossível de ser simbolizado, o não-senso radical, não há inscrição no psiquismo para ele. Já o imaginário (I) é da ordem do sentido, deve ser compreendido como da ordem da relação especular, da relação com o outro semelhante. O imaginário do sujeito apresenta uma falta originária, que será preenchida pelo simbólico (S), que é o campo da linguagem que protege o sujeito do real por um lado e por outro reconstitui seu imaginário. Diz respeito aos símbolos, da relação com o Outro (cultura). “Se o registro do imaginário se vincula às noções de imagem, rede, ilusão, espelho, outro, o simbólico remete, em primeiro lugar, à noção de cultura (CABAS, 2005, p. 59)”.

Jorge (2010) nos ressalta que, além do sujeito não poder ser causa de si (conforme pudemos ver nos capítulos acima, intitulados *O estádio do espelho e Alienação e separação*), ao ser humano não há saber instintual –  $S(\bar{A})$  –, não há a inscrição da diferença sexual, falta que vem a ser preenchida pelo simbólico. Tudo o que há de se constituir no sujeito vem do Outro (LACAN, 1964). A partir dessa encruzilhada, é produzido o advento do simbólico no falante como sincrônico à instauração dos três registros e à instauração da fantasia inconsciente fundamental (JORGE, 1988).

Já que é ausente o saber sobre o sexo, as teorias sexuais infantis devem ser vistas como paradigmática do Real ligada à relação sexual. Elas pretendem preencher a falta de inscrição do Outro sexo e sustentar a existência da relação sexual (JORGE, 2010). As fantasias infantis, que são acima de tudo teorias que nos acompanham toda a vida, são respostas que demos quando crianças, a essa investigação sobre a sexualidade; são respostas frente à falta de saber instintual. A fantasia constitui uma posição do sujeito frente ao gozo do Outro, frente à castração, articulando a sua relação com as origens e com sua própria vida (MALISKA, 2008).

A fantasia é efeito da operação simbólica do recalque originário, que ainda preserva a capacidade de dialetização intrínseca ao simbólico como duplo sentido. O recalque originário, conduzido pelo Nome-do-pai, implica no recalque do Real, ao inaugurar o simbólico do inconsciente e da pulsão, instaurando a fantasia fundamental (JORGE, 2010, 2011).

Como modelo de fantasia fundamental, podemos nos remeter a fantasia *Uma criança é espancada* (FREUD, 1919). Carreira (2009), a respeito dessa fantasia, nos ressalta que o sujeito tem dificuldades em relatá-la. Não relata sua fantasia não porque não quer, mas porque não consegue, por causa do recalque sobre o desejo. A fantasia é estranha ao próprio sujeito. Não é apenas um devaneio, mas uma reconstrução em análise que cerceia o desejo, tentando colocar na cadeia significante essa cena difusa.

Quando o sujeito declara pôr em jogo no tratamento aquilo que é a fantasia, ele a exprime sob uma forma notável por sua imprecisão, deixando abertas as questões a que só responde com muita dificuldade. Na verdade, ele não pode dar, de saída, uma resposta satisfatória, pois quase nada mais é capaz de dizer para caracterizar essa fantasia. Além disso, não o faz sem marcar uma espécie de aversão, até mesmo de vergonha ou acanhamento (LACAN, 1956-57, p. 116).

Enquanto as práticas masturbatórias associadas a essas fantasias não trazem culpa, o fato de formular essas fantasias traz grandes dificuldades, como culpa e repugnância. Há um grande hiato entre o uso imaginário ou fantasístico dessas fantasias e sua formulação falada (LACAN, 1956-57, p. 116).

O sujeito obtém uma forma de satisfazer-se eroticamente com o traço de perversão que sucumbiu ao recalque, mas que ainda continua alimentando libidinalmente sua vida, suas relações. A fantasia de espancamento porta um prazer e um desprazer que estão intrinsecamente relacionados.

As fantasias devem ser tomadas como ficção que dão estrutura à verdade. Tal verdade, podemos perceber com as histéricas em sua cena de sedução, no instante em que ela é tomada pelo desejo do Outro. Dessa forma, podemos dizer que a fantasia é essencialmente masoquista, envolve o corpo do sujeito em uma cena de sofrimento e prazer e de submissão ao desejo do Outro (CARREIRA, 2009).

Essa fantasia é tida como fundamental porque dá materialidade à vida. É, por exemplo, no *fazer-se bater* que o sujeito apanha tanto na vida. Essa fantasia assume o caráter de gozo para o sujeito, a maneira como ele se coloca diante da vida, por

exemplo, apanhando. A fantasia fundamental do sujeito vai além do mundo interior e constitui as relações de sua vida (MALESKA, 2008).

Outro ponto que devemos notar, sobre a fantasia, é a entrada da nova dualidade pulsional em *Além do princípio do prazer* (FREUD, 1920). Conforme já vimos no capítulo dessa dissertação *Bate-se em uma crinça: uma fantasia paradigmática*, essa fantasia pode ser entendida como precursora da pulsão de morte, que faz Freud pensar que haja um masoquismo primário.

Até então, Freud pensava que o masoquismo seria um retorno a si mesmo do sadismo, antes direcionado ao exterior (FREUD, 1915). Mas essa virada teórica faz Freud (1920) perceber que há um masoquismo primário como elaborará depois em *O problema econômico do masoquismo* (FREUD, 1924).

A partir dessas teorizações freudianas, Lacan entende que em nossa fantasia nos entregamos de forma masoquista ao desejo do Outro, nos ofertamos como objeto de gozo ao Outro. Se bem nos recordarmos, é assim nossa primeira forma de se relacionar com o Outro a  $\diamond$   $\$$  (FINK, 1988). Somos objeto de gozo para um Outro, conforme podemos lembrar no capítulo *Alienação e Separação*. É pela forma de submissão que, inicialmente, nos relacionamos com o Outro.

Se, para Freud a fantasia é uma representação imaginária consciente, pré-consciente ou inconsciente, com um ou vários personagens, que realiza um desejo de forma disfarçada e são herdadas filogeneticamente; para Lacan a fantasia é uma organização capturada pela linguagem (OSCARIZ, 2003).

Para entendermos a gramática da fantasia, retomaremos o *Seminário 11, Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (LACAN, 1964). O sujeito primeiro se alienou no Outro, para depois poder se separar. Na separação, o sujeito tinha uma fantasia de que era um só, vindo a perder uma parte de si, restando o objeto *a* como uma lembrança dessa ligação com o Outro. Dessa forma, o sujeito se realiza sempre no Outro, seguindo uma suposta parte de si mesmo.

Como vimos, na alienação, o sujeito se identifica a um significante. Podemos apresentar como exemplo: meu filho será um “dotô” é uma representação em relação ao ideal dos pais, esse significante mestre funciona para um sujeito como uma balança por

toda a vida. O sujeito fica petrificado ao se identificar com esse significante (LAURENT, 1997a).

Sempre que isolamos uma das identificações, precisamos encontrar a fantasia que a acompanha, a fantasia que lhe traz um gozo. Como o sujeito pode obter um gozo com a fantasia quando é identificado a um “*dotô*”? Como ele pode transformar a pessoa que ama em um objeto para seu gozo oral, anal, escópico ou invocatório? Na separação, na tentativa de dar uma resposta à pergunta “o que o Outro quer” também entra em jogo as formas de gozo do sujeito (LAURENT, 1997a).

Sabemos que a fantasia está relacionada ao gozo, mas não trabalharemos essa questão nessa dissertação, devido ao escopo do trabalho, ficando esse aspecto a ser investigado em pesquisas futuras.

Agora para explicar a gramática da fantasia, tragamos a ilusão de completude do sujeito, o contorno e retorno em circuito da pulsão. A partir desses pontos, podemos trazer a fantasia paradigmática de Freud (1919) e perceber que a gramática da fantasia é a voz reflexiva do verbo – *Sou espancando pelo meu pai* – como *fazer-se comer, fazer-se ouvir, fazer-se olhar* e por fim *fazer-se apanhar*, já que, o sujeito recebe sua própria mensagem invertida do Outro.

Dessa maneira, a fantasia revela o assujeitamento ao significante e a produção do sujeito na tentativa de responder à falta do Outro, afinal de contas: o que o outro quer de mim? Ele me diz isso, mas o que ele realmente quer dizer (PACHECO, 2012)?

A fantasia fornece uma resposta para o enigma do desejo do Outro e ao mesmo tempo possibilita ao sujeito obter algum tipo de gozo oral, anal, escópico ou invocatório. Segundo Zizek (2010), o desejo encenado na fantasia não é o do próprio sujeito, mas as investigações do sujeito sobre o desejo do Outro.

Freud [1917 (1916-17)] considerou como três as fantasias principais: de observar a relação sexual dos pais, além da fantasia de sedução por um adulto e da ameaça de ser castrado. Segundo Maleska (2008), Lacan considera cinco profantasmas e cada um se relacionará com uma pulsão e um objeto *a* (como podemos ver no quadro abaixo): retorno ao seio – responde à angústia de ser devorado pelo Outro materno; sedução – responde à questão de como se chega a ser sexuado; castração – porque há dois sexos; cena primária – o que meus pais fazem à noite no quarto; e a novela familiar – responde ao fantasma de Outra origem familiar. São todas respostas a perguntas pela origem de algo, em última instância sexual.

<b>Pulsão</b>	<b>Objeto</b>	<b>Zona</b>	<b>Protofantasma</b>
Oral	Seio	Boca	Incorporação
Anal	Fezes	Ânus	Sedução
Escópica	Olhar	Olhos	Cena primária
Invocante	Voz	Ouvido	Novela familiar

#### 4. A RELAÇÃO DE OBJETO

Depois de abordarmos a virtualidade e sua relação com as tecnologias de informação, bem como o conceito de fantasia em Freud e Lacan. Torna-se necessário, para analisarmos o filme *Her* (JONZE, 2013), no que compete a relação de Theodore e o sistema operacional Samantha, abordarmos o tema da relação de objeto.

Freud (1905), com os *Três Ensaio*s, nos traz uma nova ideia do sexual infantil (perversa polimorfa), com o qual podemos repensar a forma de a criança se satisfazer, além de nos mostrar que não há UM objeto da pulsão, podem ser vários os objetos eleitos. Nesse novo conceito, podemos entender também como se dá a relação de objeto para ele, ao mostrar que diferentemente dos animais, para o homem não há objeto natural.

Com Freud, o desenvolvimento passa a ser psicosexual. E quando falamos em desenvolvimento psicosexual, pontuamos a relação da criança e seus objetos de prazer com as pulsões. Embora o sexual já fosse reconhecido antes do surgimento da psicanálise, as investigações de Freud (1905) nos revelam que a ideia de que o sexual aparecesse somente com a puberdade seria uma falácia e que a configuração da vida sexual adulta dependeria da vida sexual infantil, negada em vários estudos.

A opinião popular faz para si representações bem definidas da natureza e das características dessa pulsão sexual. Ela estaria ausente na infância, far-se-ia sentir na época e em conexão com o processo de maturação da puberdade, seria exteriorizada nas manifestações de atração irresistível que um sexo exerce sobre o outro, e seu objetivo seria a união sexual, ou pelo menos os atos que levassem nessa direção. Mas temos plena razão para ver nesses dados uma imagem muito infiel da realidade; olhando-os mais de perto, constata-se que estão repletos de erros, imprecisões e conclusões apressadas (FREUD, 1905, p. 128).

Freud (1917 [1916-1917]) nos afirma que tudo o que se refere ao sexual é considerado impuro pela opinião popular, sobre o qual não se deve falar. Posteriormente, nos faz refletir sobre o que é o sexual. Falamos tanto de sexual, mas afinal: qual seu conceito? De modo geral, as pessoas a relacionam ao contraste entre os sexos, à função reprodutora.

Mas onde situar os sujeitos que não respondem aos ditames heteronormativos e que, entretanto, se comportam com seus objetos sexuais da mesma forma que os heterossexuais, tais como os homossexuais? Os fetichistas, exibicionistas, *voyeurs*, sado masoquistas? Não se pode negar que haja algo de sexual, que esses atos sejam as atividades sexuais dessas pessoas!

Se a sexualidade não se restringe à reprodução (Freud, 1905), não faz sentido negar que as crianças tenham vida sexual, excitações e necessidades como expressões de suas sexualidades.

É por demais estranho que as pessoas que negam a existência da sexualidade nas crianças nem por isso se tornam mais brandas em seus esforços educacionais, mas perseguem as manifestações daquilo que negam que exista, com a máxima severidade – descrevendo tais manifestações como ‘traquinagens pueris’ (FREUD, 1917 [1916-1917], p. 318).

Dessa forma, devemos entender a sexualidade como subordinada ao prazer (FREUD, 1905, 1908, 1917 [1916-1917]) e que a psicanálise (fundamentalmente com o conceito de pulsão) ampliou a concepção de sexual, restituindo-lhe o seu verdadeiro lugar. Entretanto, fora da psicanálise, o sexual dito normal se refere a uma vida sexual restrita, subordinada à reprodução (FREUD, 1917 [1916-1917]).

A satisfação está na base do sexual humano, diferente do instinto sexual que está subordinado aos determinantes biológicos; nos animais a atividade sexual está ligada a ciclos biológicos, exclusivamente nos períodos férteis (JORGE, 2013). A partir de Freud, o que foge do conceito de normalidade é justamente a sexualidade.

A questão do objeto sexual, com Freud (1905) vai para segundo plano, ele não é mais tão importante assim, já que Freud percebeu que qualquer objeto pode satisfazer a pulsão. Ainda mais com a cisão estabelecida de que a sexualidade não se destina à reprodução, o sexual é de outra natureza que não da reprodução, do homem e mulher, não se restringe a Adão e Eva.

A base da argumentação de Freud está na concepção nova e subversiva que dará à noção de desenvolvimento como psicosssexual. Freud afirma que, para o ser humano, o objeto da pulsão é variável, não é fixo como nos animais, ou seja, o objeto da pulsão se apresenta de várias formas. Com essa subversão, Freud (1905) desassocia a sexualidade da reprodução, na qual o prazer passa a ser meta principal e a reprodução, secundária.

Podemos ver desde o início da obra freudiana, desde seus estudos sobre a fantasia, mas principalmente em seus Três Ensaio (FREUD, 1905), com seu longo estudo sobre os invertidos, na primeira parte do ensaio, que a relação entre objeto e pulsão é flexível.

Assim, somos instruídos a afrouxar o vínculo que existe em nossos pensamentos entre a pulsão e o objeto. É provável que, de início, a pulsão sexual seja independente de seu objeto, e tampouco deve ela sua origem aos encantos deste (FREUD, 1905, p. 140).

Com os *Três ensaios*, Freud (1905) rompe de forma brutal com a noção judaico-cristã de que a mulher seria feita para o homem e de que o prazer seria obtido na relação heterossexual com sexo genital. Já que também a criança seria uma perversa polimorfa e teria prazer em suas zonas erógenas.

#### 4.1 FREUD E A RELAÇÃO DE OBJETO

Conseguimos perceber três dimensões da relação de objeto em Freud. Primeiramente, teríamos o objeto do desejo, aquele objeto perdido da primeira experiência de prazer. Em segundo lugar, vemos o objeto da pulsão parcial que, embora seja próximo, não é o mesmo do objeto do desejo. Por fim, encontramos o objeto de amor, a eleição do objeto, muito trabalhada na terceira parte dos *Três Ensaios* (FREUD, 1905) e em *À guisa de introdução ao narcisismo* (FREUD, 1914). Seguindo esses três objetos, tentaremos relacioná-los à pulsão, tentando compreender assim a relação de objeto, em Freud.

Segundo Freud (1914), é necessário que o *Eu* ou uma unidade comparada a ele não esteja presente na criança desde o início. O *Eu* precisa, antes, ser desenvolvido. Entretanto, as pulsões autoeróticas estão presentes na criança desde o início e algo deve ser acrescentado ao autoerotismo para que se constitua o narcisismo, ato que caracterizaria um *Eu* na criança.

É por meio dessas pulsões de autoconservação que o *Eu* passa a receber objetos do mundo externo. No início, as pulsões sexuais se ancoram nas pulsões de autoconservação. O bebê satisfaz essas pulsões no próprio corpo, em suas zonas erógenas, estado chamado de satisfação autoerótica e, posteriormente, de narcisismo. Nesse momento, o bebê não se interessa de forma alguma pelo mundo externo, já que toda a satisfação é obtida em seu próprio corpo (FREUD, 1915).

Mas advém um tempo em que o *Eu* percebe as pulsões como desprazerosas, uma certa tensão advém para que a pulsão possa ser satisfeita, e por causa do Princípio de prazer, ocorrerá outro desenvolvimento. Na medida em que os objetos exteriores oferecidos forem fontes de prazer, o *Eu* os introjetará em si, e tudo o que for

desprazeroso em si, ele expelirá para o mundo. O *Eu*, nesse momento, equivale a tudo o que é prazeroso e o mundo externo como o que é indiferente, desprazeroso (FREUD, 1915).

A partir desse *Eu real* inicial, que diferenciou o interno do externo por marcas distintivas, surge o *Eu prazer purificado*, que preza pelo prazer acima de tudo. O mundo externo é composto de duas etapas: uma prazerosa incorporada e outra restante estranha. De seu próprio *Eu*, expeliu uma parte hostil para o mundo externo. Isso tudo acontece na infância, mas lembremo-nos de que, quando a etapa narcísica der lugar à etapa objetual, prazer e desprazer passam a significar relações do *Eu* e do objeto. Até então temos relações com objetos parciais, pois só há pulsões parciais como Freud (1920) definiu em *Além do princípio do prazer*, não há relação com um objeto totalizante.

Para melhor aprofundar nas relações do *Eu* com o objeto, no período pré-édipico, mais adiante nos remeteremos principalmente aos *Três ensaios* (FREUD, 1905) para explicarmos os caminhos e fontes privilegiadas das pulsões parciais e suas zonas erógenas.

Da mesma forma que não há um *Eu* desde o início, não podemos conjecturar que haja um objeto para satisfação inicial. A criança, *a priori*, não percebe o seio como um objeto. Seu corpo é inundado pelas pulsões autoeróticas que se dirigem à satisfação, primeira e primordialmente, via oral, como já apresentado (FREUD, 1905).

Freud (1905) entende a primeira experiência de satisfação como um momento decisivo para a relação da criança com o seio e que deixa um traço mnêmico ao redor das outras satisfações. A primeira experiência de satisfação está relacionada à alimentação. A fome se manifesta sob uma tensão de desprazer que precisa ser satisfeita. O alimento ofertado pela mãe constitui o primeiro objeto de satisfação. Quando houver uma tensão, a primeira experiência de satisfação será buscada e haverá uma alucianção do objeto, por isso a criança continua com o mesmo comportamento com a boca de quando estava mamando, mesmo não o fazendo.

Nesse primeiro momento, o peito ainda não tem uma representação psíquica, ainda não é um objeto, apenas um modo de satisfação que busca diminuir a tensão. Da próxima vez que ele for acometido por uma tensão, ele recorrerá a essa experiência de satisfação, alucinando-o, chupando o dedo, por exemplo. Esse traço mnêmico da satisfação do bebê será o representante pulsional que o levará do peito aos outros objetos de satisfação. Dessa forma, o objetivo não será mais a necessidade, mas a busca

por aquela primeira experiência de satisfação. Da necessidade alimentar passamos ao desejo.

Retornemos agora ao período da relação do *Eu* com os objetos no período pré-edípico e com as pulsões e objetos parciais. No próprio desenvolvimento psicosssexual, Freud (1905) acompanha o percurso que a pulsão faz no corpo da criança. Primeiramente, a pulsão conseguiria um prazer oral, a criança obteria prazer ao sugar o seio, a chupeta, o dedo. Vemos nesse momento que a libido se apoiou na pulsão de autoconservação. Conforme mostramos na primeira experiência de satisfação, a pulsão se apoia, primeiramente, na alimentação e depois se desvincula.

Ao sugar o seio, a criança garante sua existência física e satisfaz seu desejo oral. Freud, antes de 1920 com a publicação de *Além do princípio do prazer* (FREUD, 1920), denomina essas pulsões de parciais por elas não terem um alvo único. Depois de 1920, Freud (1920) entenderá que todas as pulsões são parciais, porque não há objeto unificado para pulsão, mas trataremos desse tópico adiante.

Primeiramente, o objeto da pulsão da criança é o seio. Ele se torna fonte de prazer ao infante. A relação da criança com o seio será o molde de todas as relações futuras da criança: “Na época em que a mais primitiva satisfação sexual estava ainda vinculada à nutrição, a pulsão sexual tinha um objeto fora do corpo próprio, no seio materno (FREUD, 1905, p. 210)”.

Posteriormente, no desenvolvimento psicosssexual, a pulsão passa a ter outro objeto – as fezes. A zona erógena passa da boca para o ânus. O ato de reter as fezes e depois liberá-las provoca um intenso prazer nos esfíncteres. Essa fase é chamada de anal-sádica, porque é nesse período que a criança passa a ter o controle do que entrega e do que retém ao mundo.

As fezes, agora erotizadas, são entendidas como parte de seu próprio corpo, prolongamento do seu *Eu*. E nessa fase, elas passam a entregar parte de seu *Eu*, simbolizado nas fezes, quando querem e a quem querem, tendo agora o controle do dentro e do fora, a distinção do *Eu* e do outro (FREUD, 1905).

A terceira fase seria a fálica, na qual o objeto da pulsão seria o pênis para os meninos e o clitóris, nas meninas. O objeto da pulsão a satisfazer as pulsões parciais seria alternado da mucosa anal para a glândula do pênis e o clitóris. Essa fase do desenvolvimento psicosssexual culminaria com o Complexo de Édipo, nos meninos, e a Inveja do Pênis, nas meninas.

Após a fase fálica, a pulsão entraria num estado de adormecimento – recalque. A sexualidade sofreria um forte recalque no período de latência. Todo o Complexo de Édipo seria sepultado graças ao complexo de castração e à formação do *Supereu* (FREUD, 1905). Mas como sabemos, sempre escapam vestígios do recalque que se farão notar no sintoma, atos falhos, chistes, sonhos e fantasias.

Depois de todo esse percurso libidinal, depois da vida sexual infantil que satisfaz as pulsões parciais de forma erótica no próprio corpo, Freud (1905) estabelece o destino final da pulsão, agora pulsão genital: ela possui um alvo único. A pulsão sexual do adulto nasce das diversas moções infantis e se dirigem a um alvo único. Lembremos que essa escolha de objeto, no início da puberdade, é na verdade o segundo tempo da escolha de objeto.

Lembremos que a vida do ser humano comporta duas escolhas sexuais de objeto. A primeira escolha ocorre entre o segundo e quinto ano de vida, com o *Complexo de Édipo*. A segunda ocorre na puberdade. A escolha da época da puberdade tem de renunciar aos objetos infantis e recomeçar com uma corrente sensual e afetiva, unidas para que todas as moções se conjuguem em uma só. A busca de um objeto é uma tentativa de restaurar a felicidade perdida, o encontro do objeto é, na verdade, um reencontro (FREUD, 1905).

Dez anos depois de *Três ensaios sobre a sexualidade* (FREUD, 1905), Freud (1915) escreve um artigo metapsicológico das pulsões. Nesse artigo, ele tenta responder a problemática envolta às pulsões, principalmente, no tocante aos seus destinos. Começa definindo a pulsão como o representante psíquico do estímulo.

Se abordarmos agora a vida psíquica do ponto de vista biológico, a “pulsão” nos aparecerá como um conceito-limite entre o psíquico e o somático, como o representante psíquico dos estímulos que provêm do interior do corpo e alcançam a psique, como uma medida de exigência de trabalho imposta ao psíquico em consequência de sua relação com o corpo (FREUD, 1915, p. 148).

Ela provém do organismo e requer outras ações para eliminá-los. Sua força e pressão são constantes e irremovíveis. Ao sistema nervoso cabe lidar com estímulos e ao aparelho psíquico cabe lida com as pulsões que impõe exigências mais elevadas: “[...] o sistema nervoso é um aparelho ao qual foi conferida a função de livrar-se dos estímulos que lhe chegam, de reduzi-los a um nível tão baixo quanto possível, ou, se fosse possível, de manter-se absolutamente livre de estímulos (FREUD, 1915, p. 147)”.

Em sua análise da pulsão, Freud (1915) apresenta seus seguintes componentes. Temos a pressão ou força (*Drang*), “entendemos seu fator motor, a soma da força ou a medida de exigência de trabalho que ela representa (p. 148)”; a meta (*Ziel*) de uma pulsão corresponde sempre a uma satisfação, que só pode ser obtida quando o estado de estimulação é suspenso; a fonte (*Quelle*) seria o processo somático que ocorre em um órgão; e o objeto (*Objekt*):

[...] é aquilo em que, ou por meio de que, a pulsão pode alcançar sua meta. Ele é o elemento mais variável na pulsão e não está originariamente vinculado a ela, sendo-lhe apenas acrescentado em razão de sua aptidão para propiciar a satisfação. Em rigor, não é preciso ser um outro objeto externo, pode muito bem ser uma parte de nosso próprio corpo. Ao longo dos diversos destinos que a pulsão conhecerá, o objeto poderá ser substituído por intermináveis outros objetos, e a esse movimento de deslocamento da pulsão caberão os mais significativos papéis (FREUD, 1915, p. 149).

O objeto da pulsão é muito variável. Temos no primeiro dos *Três ensaios* (FREUD, 1905), os desvios quanto ao alvo e objeto sexual. Freud (1905) nos apresenta várias formas de obtenção de prazer que prescindem da relação dita normal pênis – vagina. Desde a escolha homossexual de objeto, passando pelo sadismo, masoquismo, exibicionismo, voyeurismo.

Nesse momento ainda, Freud (1915) acreditava que só existissem as pulsões do *Eu* que se contrapunham às pulsões sexuais. Na raiz de cada um dos sintomas, havia encontrado um conflito entre as reivindicações da sexualidade e do *Eu*. Entretanto, surge um novo texto paradigmático a respeito da pulsão em 1920 – *Além do Princípio do prazer* (FREUD, 1920).

Até então o entendimento de Freud era de que o psiquismo seria regulado pelo Princípio do Prazer. Cada vez que uma tensão se acumulasse, o psiquismo agiria de forma a diminuir a tensão, produzindo prazer e evitando desprazer. O objetivo do aparelho psíquico era manter o psiquismo com a menor tensão possível (FREUD, 1920).

Contudo, Freud (1920) chegou à conclusão de que não é certo falar em um domínio do prazer, já que nem todas as atividades seriam acompanhadas de prazer ou se destinariam a obter prazer. Além de que viver no Princípio do prazer seria uma ameaça para o indivíduo. Assim ele acaba por substituí-lo pelo Princípio da realidade, que posterga a obtenção de prazer e suporta o desprazer (FREUD, 1911, 1920).

A substituição do Princípio de prazer pelo princípio de realidade é responsável por uma pequena parte do desprazer. A outra fonte de desprazer surge dos

conflitos e clivagens do *Eu* no caminho a organizações psíquicas mais complexas. Essas pulsões recalçadas, quando conseguem obter uma satisfação substitutiva, causam depraazer, e o Princípio do prazer volta a sofrer uma ruptura (FREUD, 1920).

Outro fator percebido foi com as neuroses de guerra. O estado psíquico ocasionado após graves acidentes que envolvem risco de morte envolve forte sofrimento psíquico e afeta de forma ampla e geral o psiquismo. Os sonhos da neurose traumática sempre voltavam à situação traumática da qual o doente não sonha com a melhora, contrariando a máxima de que os sonhos são uma realização de desejo, como expresso em *A Interpretação dos Sonhos* (FREUD, 1900).

Outra observação de Freud (1920) que contraria o Princípio do prazer foi a observação de uma criança com o jogo do *fort-da*. A criança jogava um carretel, pronunciando *fort* e depois o puxava pronunciado algo que Freud entendeu como *da*.

A interpretação da brincadeira então estava clara. Relacionava-se com uma grande aquisição cultural dessa criança: a renúncia pulsional que ela conseguiu efetuar (renúncia à satisfação pulsional), por permitir a partida [*Fortgehen*] da mãe sem manifestar oposição. A criança se ressarcia dessa perda colocando em cena o desaparecimento e o retorno, utilizando para isso os objetos ao seu alcance (FREUD, 1920, p. 142).

Freud (1920) se questionou como conciliar essas experiências com o Princípio do prazer. Dessa forma, se viu encorajado a assumir a hipótese de que realmente existe na vida psíquica uma compulsão à repetição, um mais além do Princípio do prazer. E chegou à conclusão de que: “*Uma pulsão seria, portanto, uma força impelente [Drang] interna ao organismo vivo que visa a restabelecer um estado anterior* que o ser vivo precisou abandonar devido à influência de forças perturbadoras externas (FREUD, 1920, p. 160)”. A meta de toda pulsão é retornar ao inorgânico, à morte.

A pulsão, agora, possui uma característica conservadora (FREUD, 1920), diferente da concepção que Freud tinha em *Pulsões e seus destinos* (FREUD, 1915). O objetivo de toda a vida é a morte, o inanimado. Freud (1920) afirma que todas as pulsões são parciais e que buscam assegurar o caminho de cada um à morte, à sua maneira. Dessa forma, o Princípio de prazer parece estar em função da morte. Essa nova concepção freudiana mudou o dualismo, pulsões de vida e de autoconservação (FREUD, 1915), para pulsões de morte e pulsões de vida (FREUD, 1920).

## 4.2 LACAN E A RELAÇÃO DE OBJETO

Depois de apresentarmos as concepções de Freud acerca da relação com o objeto, é o momento de adentrarmos no ensino de Lacan. Entre os seus seminários encontramos um Seminário que se dedicará totalmente à relação de objeto. Privilegiamos nesse capítulo o Seminário 4 (LACAN, 1956-1957), embora tenhamos trazido outros Seminários para a discussão.

Inicialmente, Lacan, ao tratar da relação de objeto, tece críticas severas à Psicanálise inglesa. Uma das críticas de Lacan (1956-1957) é a de que haveria uma *relação de objeto* na expressão propriamente dita, ou seja, de que um sujeito se relacionaria com outro sujeito, como se houvesse uma relação dual. Lacan vem justamente nos mostrar que, em sua concepção, o que vemos é a *falta de objeto* (LACAN, 1953-1954).

Essa concepção que assegura sua retomada freudiana, desde os *Três Ensaio*s (FREUD, 1905), acentuava a possibilidade de múltiplos objetos para a pulsão e a impossibilidade de *um* único objeto. A outra crítica tecida seria a de que grande parte dos psicanalistas se focou na frustração, no tocante à relação estabelecida entre mãe e bebê.

Segundo Darriba (2005), Lacan considera que os pós-freudianos se desviaram da teoria analítica. Eles concebem uma relação harmônica de objeto e desde Freud podemos ver que o objeto não está destinado a satisfazer a pulsão. Podemos nos remeter ao artigo *Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor* (FREUD, 1912), no qual Freud deixa claro que há algo na natureza própria da pulsão sexual, que é desfavorável à satisfação completa. O sujeito e o objeto vivem um conflito estrutural, que será abordado mais adiante como a falta central em toda relação de objeto. Dessa maneira, não há objeto genital, todos objetos são parciais, pois não há um objeto capaz de satisfazer totalmente a pulsão, ouse já, todos a satisfazem parcialmente.

Uma crítica incisiva nesses termos apresentados, por exemplo, é realizada ao Psicanalista Balint. Ele era discípulo de Ferenczi e acreditava que o objeto seria um objeto de satisfação capaz de obturar uma necessidade: “O centro perspectivo de Balint na elaboração da noção de objeto é isto – a relação de objeto é a que conjuga a uma necessidade um objeto que a satisfaz (LACAN, 1953-1954, p. 273)”.

A relação fundamental para Balint, seria a relação da criança com a mãe, ou o *primary love*. A relação mãe-bebê seria o molde para todas as outras relações que o

sujeito viesse a estabelecer. A relação genital (*genital love*), por exemplo, relação amorosa estabelecida entre um homem e uma mulher seria realizada baseada no *primary love*. Para Balint, a relação entre mãe-bebê seria fechada e tudo o que vier a aparecer seria um obstáculo a essa relação harmônica, já que a mãe saturaria toda e qualquer necessidade da criança.

Lacan (1953-1954) assegura que essa concepção de Balint vai contra toda a obra de Freud, desde o início da relação mãe-bebê, visto que, para Freud o bebê não tem relação com o objeto algum. O bebê só conhece sensações, ou há prazer, ou não há. E insiste que não podemos esquecer que em todas as relações há intersubjetividade e que não podemos analisar a relação de objeto somente pelo imaginário, temos de levar em conta a relação com o Outro, o simbólico.

Não podemos levar em conta uma relação dual, fixada no imaginário. Podemos ver que até na relação sádica, que joga com a espera, com o medo do outro, e que esvanece ao menor sinal de desaparecimento do sujeito, há intersubjetividade. Há o reconhecimento do outro em relação a sua necessidade, há alteridade, isto é, o Outro está presente (LACAN, 1953-1954).

A intersubjetividade é, de início, dada pelo manejo do símbolo, e isso desde a origem. Tudo parte da possibilidade de nomear, que é, ao mesmo tempo, destruição da coisa e passagem da coisa ao plano simbólico, graças ao que o registro propriamente humano se instala. É daí que se produz, de maneira mais e mais complicada, a encarnação do simbólico no vivido imaginário. O simbólico modelará todas as inflexões que, no vivido do adulto, pode tomar o engajamento imaginário, a captação originária (LACAN, 1953-1954, p. 285).

Dessa forma, a relação do sujeito com o objeto tende a ocupar cada vez mais o centro da teoria. Em seu retorno a Freud, Lacan se questiona no que a noção de relação de objeto deve a Freud? Ele acredita que seja difícil partir de Freud porque essa noção não se encontra nele. Logo Lacan partirá de textos recentes e evocará os temas freudianos que giram em torno da noção de objeto (LACAN, 1956-1957).

Entretanto, antes, no Seminário 2, Lacan (1954-1955) já havia trabalhado a relação de objeto, com o esquema Z.

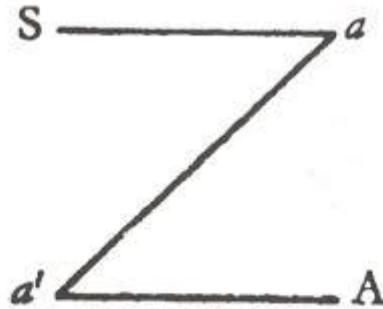


Figura 10

Esse esquema revela a relação de objeto, do sujeito com o Outro. Essa é uma relação de fala virtual, pela qual o sujeito recebe do Outro sua própria mensagem invertida por uma palavra inconsciente. A relação imaginária  $a' - a$  entre o *Eu* (*moi*) e o outro faz pensarmos que a relação seja dual, mas essa mensagem é interceptada pela relação do sujeito (S) com o A (Outro). Essa mensagem é barrada ao sujeito, lhe é desconhecida e deformada pela relação imaginária  $a - a'$ , entre o *Eu* (*moi*) e o outro. A relação imaginária desconhece a relação entre o Sujeito e o Outro (LACAN, 1966).

Segundo Lacan (1954-1955), S é o sujeito, não em sua totalidade, mas em sua evanescência, não sabe o que diz, pois se soubesse, seria *a*. Embora não saiba o que diz, ele se vê em *a*, e é impossível sair disso, mesmo com anos de análise. O *a* é seu eu, construído no Estádio do espelho, ele só pode ver seu semelhante a partir desse eu. O  $a'$  se refere a seus semelhantes, com os outros. O A se refere ao Outro, ao muro da linguagem.

Quando nos relacionamos com alguém, embora estejamos colados no imaginário  $a - a'$ , perpassa uma relação que não percebemos, que é a do sujeito (S) com o Outro (A). Essa última relação é eclipsada pela relação narcísica, mas mesmo eclipsada, é ela quem define a primeira relação.

Ou seja, quando nos dirigimos a alguém como sujeitos, só nos vemos no *Eu* (*moi - a*), somos colados no imaginário *a*, e é a partir daí que nos relacionamos com o outro  $a'$ . Embora nos dirijamos ao Outro, só atingimos  $a'$ . Entretanto, a verdadeira cena se passa na relação do sujeito com o Outro (LACAN, 1954-1955).

### 4.2.1 Frustração, Privação e Castração

Lacan nota que toda vez que Freud retoma a noção de realidade, percebe-se nisso o sujeito se fazer de objeto para o Outro. Além de que, quando Freud fala em encontro com o objeto, ele se refere na verdade ao reencontro, pois todo encontro é na verdade um reencontro do objeto perdido, como podemos ver no capítulo acima e em *Três ensaios* (FREUD, 1905). Dessa forma, como já ressaltamos, Lacan não encara esse objeto genital como harmonioso, porque sempre procuramos alguma coisa e encontramos outra. Ou seja, Lacan, desde Freud, percebe a falta como o centro na relação de objeto.

Quando Freud fala de reencontro do objeto, ele não fala do objeto satisfatório, harmonioso, que funda o homem em uma realidade que prova a maturidade genital. O objeto é apreendido como objeto perdido, como objeto reencontrado do primeiro desmame, ponto de ligação das primeiras satisfações da criança. O que o sujeito procura não é o que ele acha, por isso se instaura uma tensão, um conflito em toda busca pelo objeto. Essa é a primeira forma em que aparece a relação de objeto para Freud: repetição procurada, mas nunca satisfeita e um conflito nessa busca (LACAN, 1956-1957).

A tensão é diminuída com a satisfação. Num tempo mítico, a primeira experiência de satisfação real se torna depois ilusória, na falta de objeto. Mais tarde, cada vez que um aumento de tensão se verificar, o bebê invocará os traços mnêmicos da experiência de satisfação (VIVÈS, 2009b).

É claro que uma discordância é instaurada pelo simples fato dessa repetição. Uma nostalgia liga o sujeito ao objeto perdido, através da qual se exerce todo o esforço da busca. Ela marca a redescoberta do signo de uma repetição impossível, já que, precisamente, este não é o mesmo objeto, não poderia sê-lo. A primazia dessa dialética coloca, no centro da relação sujeito-objeto, uma tensão fundamental, que faz com que o que é procurado não seja procurado da mesma forma que o que será encontrado. É através da busca de uma satisfação passada e ultrapassada que o novo objeto é procurado, e que é encontrado e apreendido noutra parte que não no ponto onde se o procura. Existe aí uma distância fundamental, introduzida pelo elemento essencialmente conflitual incluído em toda busca do objeto. Essa é a primeira forma sob a qual, em Freud, aparece a relação de objeto (LACAN, 1956-1957, p. 13).

O objeto é apreendido pela via de um objeto perdido. O objeto reencontrado do primeiro desmame foi inicialmente o ponto de ligação das primeiras satisfações. Uma discordância é instaurada pelo fato dessa repetição. Uma nostalgia liga o sujeito ao

objeto perdido por meio da qual o sujeito quer buscá-lo. Ao procurá-lo, não o encontra, encontra outros, surgindo uma tensão que faz com o que é procurado não seja procurado da mesma forma que será encontrado. Percebe-se a distância da relação freudiana do sujeito ao objeto das concepções precedentes, fundadas na noção de objeto adequado harmonioso. “Por sua natureza, a repetição se opõe à reminiscência. Ela é sempre, como tal, impossível de saciar. É nesse registro que se situa a noção freudiana da redescoberta do objeto (LACAN, 1956-1967, p. 15)”.

Lacan (1954-1955), ressaltando a importância do objeto perdido para Freud, entende que o que se apresenta ao sujeito coincide parcialmente com aquilo que já lhe proporcionou satisfação. O sujeito se põe em busca e repete até encontrar seu objeto, mas nunca o encontra. Dessa forma, reencontrar o objeto é repeti-lo e essa repetição seria responsável por estruturar o mundo dos objetos. O objeto se estrutura e se encontra pela via da repetição. O objeto perdido abordado dessa forma, antes pela sensação de já termos tido um objeto complementar, e não porque ele propriamente existiu.

Lacan, ao se interrogar sobre os vários usos da palavra objeto, percebe que as relações de objeto estão para além do objeto. O objeto fóbico, por exemplo, não tem relação alguma com o objeto de seu medo. Nesse exemplo, podemos trazer o esquema Z. Embora João tenha fobia de aranha (podemos ver aí uma relação imaginária), o objeto de seu verdadeiro medo nada tem a ver com a aranha (percebemos nesse ponto a relação entre o sujeito e o Outro).

Assim, compreendemos que a abordagem do objeto sexual apresenta uma dificuldade essencial, que é da ordem interna. O objeto da fobia tem um papel completamente diferente, outro. Ele é colocado sobre um fundo de angústia. Ele dá segurança ao sujeito. Além de ser uma proteção para o sujeito, uma fortaleza, uma sentinela do medo. É um instrumento para mascarar, enfeitar o fundo fundamental da angústia que caracteriza nas diferentes etapas sua relação com o mundo.

A partir disso, Lacan percebe que o desenvolvimento não se trata do sujeito com o objeto, mas do sujeito com a falta de objeto. Alguns analistas teriam focado na relação do sujeito com seu meio, como forma de adequá-lo, mas a psicanálise não seria uma espécie de remédio social. “Jamais, em nossa experiência concreta da teoria analítica, podemos prescindir de uma noção da falta do objeto como central. Não é um negativo, mas a própria mola da relação do sujeito com o mundo (LACAN, 1956-1957, p. 35)”.

Ao perceber que a verdadeira mola de relação do sujeito (\$) com o mundo (A) é a falta de objeto, Lacan institui três formas de referência de falta de objeto.

<b>Agente</b>	<b>Falta de objeto</b>	<b>Objeto</b>
<b>Pai real</b>	<b>Castração Dívida Simbólica</b>	<b>Imaginário = Falo</b>
<b>Mãe simbólica Pai simbólico</b>	<b>Frustração Dano imaginário</b>	<b>Real = Seio = Pênis</b>
<b>Pai Imaginário</b>	<b>Privação Buraco Real</b>	<b>Simbólico = criança</b>

No quadro acima, podemos perceber os três tipos de falta de objeto. Encontramos a privação, a frustração e a castração. Como já apresentado, Lacan critica os psicanalistas, principalmente a Psicanálise Inglesa, que acredita numa relação dual. E, para entendermos o porquê desde o início de nossa vida não termos uma relação dual, precisamos compreender o papel do falo em toda essa relação mãe-bebê. Entre a mãe e seu filho, por exemplo, não acontece uma relação direta, o falo se interpõe. A mãe se satisfaz na imagem de seu filho, sente-se completa, transborda seu narcisismo nesse encontro. Vemos que o falo como imagem de completude e também significante da falta mediatiza a relação mãe-bebê (LACAN, 1956-1957).



**Figura 11**

Na imagem acima, podemos perceber a relação primária entre mãe e bebê, mediada pelo falo que é a imagem de completude que a mãe projeta em seu filho. Ela deseja, satura e satisfaz na criança a imagem fálica dela (da mãe). A criança está longe de ser apenas uma criança para a mãe, já que ela também representa o falo, e desde esse ponto, percebemos uma discordância imaginária, contrário ao que postulavam Klein, Jones, Belint (LACAN, 1956-1957).

Na análise da falta de objeto, podemos perceber que a frustração se relaciona aos primeiros anos de vida, está ligada à investigação dos traumas, fixações e impressões, prepara o terreno para o Édipo. Está no domínio da reivindicação, diz respeito a algo que é desejado, mas não é obtido. A frustração é vista como um conjunto de impressões reais, vividas pela criança num estágio de desenvolvimento no qual sua relação com o objeto real está centrada na imagem do seio materno (DOR, 1989).

Assim, a frustração é um dano imaginário de um objeto real. Essa falta corresponde ao objeto, esse objeto que não me é entregue, porque eu imagino que o outro o tem. Esse objeto é positivo, tem uma imagem, objeto que eu sei qual é e que define meu desejo e minha vontade. Quando esse objeto me é interdito, eu entro em estado de frustração, pois eu acho que esse objeto existe e não é me dado, visto que o outro não me quer dar.

Já a privação é uma falta real de um objeto simbólico. Por exemplo, se sou privado de asas é porque eu nunca as tive, eu não as perdi. Elas não fazem parte da minha natureza. A criança apresentada como uma totalidade se sente privada de algo que não possui. O pai, por exemplo, priva a mãe da criança.

A castração está ligada à ordem simbólica instituída. Coordenada à noção da lei primordial, do que há de lei fundamental na interdição do incesto e do Édipo, ela é uma dívida simbólica de um objeto imaginário, ou seja, do falo. Falta que sintetiza a relação entre presença e ausência. Orienta simbolicamente com relação à lei. Falta que socializa o desejo, torna as identificações simbólicas, produz objetos imaginários, mas que são orientados pela falicidade do desejo.

Dessa forma, com a falta de objeto, e retornando principalmente ao esquema Z, Lacan institui que o essencial é a relação do sujeito com o Outro, sendo que toda relação será marcada pelas teorias sexuais. Elas criam nossa relação com o sexo, por conta da relação central de objeto ser a falta, e assim as fantasias organizam nossa relação entre o sujeito e o objeto.

## 5. O FILME HER E A FANTASIA

Depois de explanarmos sobre a virtualidade, fantasia e relação de objeto, temos ferramentas suficientes para responder ao nosso problema inicial: como a fantasia poderia intervir nas relações virtuais? Para tanto, usaremos como exemplo o filme *Her* (JONZE, 2013), no qual Theodore, personagem principal, foi capturado, em sua fantasia, por um sistema operacional. Iniciaremos esse capítulo com uma breve explanação do filme, para depois o analisarmos.

### 5.1 *PLAY MELANCHOL SONG*

O filme ELA (no original em inglês, HER) do diretor Spike Jonze, foi lançado em 2014. Situado em Los Angeles, ele nos apresenta, num futuro próximo, uma relação muito mais íntima do homem com a tecnologia, com a máquina. O filme segue a vida do complexo e carismático homem que trabalha escrevendo cartas de amor para outras pessoas. Com o coração partido após o final de uma longa relação, intriga-se com um avançado sistema operacional que promete ser intuitivo, ter consciência, inteligência artificial e ser individualizado para cada usuário. Após configurar seu aparelho, ele conhece Samantha, uma voz feminina e atraente. À medida que se conhecem, a relação se aprofunda para o amor (<http://www.herthemovie.com/#/about>).

Theodore trabalha em uma empresa que escreve cartas. Seu trabalho consiste em escrever cartas amorosas para os casais, se passando por um deles. O mundo está altamente informatizado. Na maioria das cenas, podemos ver todos conversando com sistemas operacionais ou ao celular. Ele é um homem introspectivo, caseiro e que tem se divertido, ultimamente, jogando *video game*. Gosta de músicas melancólicas. De forma geral, podemos perceber o filme como preenchido pelas vozes das pessoas com seus sistemas operacionais e a imagem facial de Theodore.

Ainda abatido pelo término do relacionamento com Catherine, Theodore lembra-se de momentos íntimos com a ex-esposa, de momentos felizes e românticos, nos quais a ajudava lendo sua tese de doutorado ou outros escritos. Dessa forma, ele vive de casa para o trabalho, sem muito contato social. Seus amigos o chamam para sair,

entretanto ele prefere ficar isolado. Percorre salas de bate-papo virtuais para possível sexo casual, tudo mediado virtualmente pela voz. A voz, como dito, é o principal personagem do filme, mais que a própria imagem, mas ao mesmo tempo o filme nos revela um real insuportável, um real silencioso.

Enquanto a mulher do bate-papo com a qual Theodore transa pede-lhe que pegue um gato para sufocá-la, vem à mente de Theodore a imagem de uma mulher grávida, foto que viu quando estava no metrô voltando para casa. Ao mesmo tempo a voz da mulher do bate-papo lhe pede que a sufoque com o gato morto. Embora ele estivesse constrangido, faz o que a mulher lhe pede. Terminam de transar e a mulher termina a conexão.

Até que um dia, ao voltar para sua casa do trabalho, ele vê uma propaganda de um sistema operacional (*Operational system one ou OSI*, em inglês) que se personaliza ao seu comprador, promete ser um sistema único, adequado a cada pessoa. Theodore adquire esse OS e quando vai configurá-lo o próprio programa lhe faz três perguntas: 1) Você se considera social ou antissocial?; 2) Você prefere uma voz masculina ou feminina?; 3) Como você descreveria sua relação com a sua mãe?

Theodore responde a essas perguntas de forma bem evasiva e ansiosa, às quais o programa não o deixa terminar. Surge Samantha, uma voz feminina no computador. Após conversar com ela, Theodore acha estranha essa relação e atira que ela parece uma pessoa, mas é só uma voz no computador. Desde então, o relacionamento dos dois se torna mais íntimo.

Alguns dias depois, um amigo de Theodore lhe envia um e-mail sugerindo que conheça uma amiga dele. Theodore não quer ir, mas Samantha insiste que ele vá. Ele marca o encontro, jantam, bebem, riem. A mulher é bem incisiva com Theodore, perguntando se ele vai lhe ligar depois, porque na idade dela não pode mais esperar. Theodore fica sem reação, a mulher percebe o esquivamento de Theodore e sua falta de interesse em uma relação com ela e fica profundamente magoada.

Theodore, ao chegar em casa, é surpreendido pelo ciúme de Samantha e pelo desejo de ambos. Entregam-se às confissões íntimas e transam pela primeira vez por intermédio da voz. A partir disso começam a namorar.

Embora esteja em um relacionamento com Samantha, Theodore ainda não esqueceu Catherine. Nesse contexto, o advogado de Catherine envia a Theodore os papéis do divórcio, e eles marcam de se encontrar pessoalmente. Ele espera que ela não assine os papéis e que voltem, embora não fale. Pede a Catherine para que assine mais tarde os documentos, mas ela lhe diz que uma hora ou outra eles deverão ser assinados.

Catherine pergunta a Theodore se ele está se encontrando com alguém. Ele responde que está saindo com uma pessoa, com um *Sistema Operacional*. Catherine fica indignada com essa confissão, pois acredita que ele está namorando um Sistema Operacional para fugir de uma relação séria, para não lidar com emoções reais. Ela alega que ele sempre quis uma mulher sem levar os desafios reais. Theodore tenta argumentar o contrário, mas não consegue.

Durante algumas cenas, o próprio Theodore se questiona sobre essa relação. Seria uma relação verdadeira, já que Samantha não passa de uma voz num computador. Mas na maioria das cenas, eles estão passeando, divertindo-se. Theodore coloca o alfinete quase no meio do bolso, de forma que o aparelho fique dentro do bolso para que a câmera que representa os olhos de Samantha possa ver. Além disso, Theodore põe um ponto no ouvido, como podemos perceber na imagem abaixo (imagem obtida pelo Google):



Figura 12

Em uma cena, vemos que Samantha encontrou um site de pessoas que se dispõem a ajudar os relacionamentos entre as pessoas e seus sistemas operacionais da

seguinte forma: ela se propõe a ser um corpo para a voz do sistema operacional no sexo. Theodore aceita com desconforto essa proposta, mas não consegue levar a cabo a relação sexual.

Em outra cena, Samantha desaparece. Theodore, ao tentar acessá-la, não consegue. Ele sai correndo pela cidade e para em alguns computadores com a esperança de achá-la. Ela surge e lhe diz que havia lhe deixado um e-mail explicando que ela estaria ausente para atualização do *software*.

Enfim, depois de algumas brigas e amores. Samantha termina com Theodore. Em uma cena, Samantha apresenta Theodore para outro Sistema Operacional do qual Theodore fica com ciúmes. Na época em que Theodore foi se encontrar com Catherine, sua ex-esposa, Samantha ficou com muito ciúmes e procurou um grupo de leitura e começou a fazer contatos, amigos. Samantha está muito triste por não ter um corpo e isso a incomoda muito. Theodore, às vezes, se incomoda com isso, em algumas brigas.

Theodore pergunta a Samantha com quantas pessoas ela está falando, e ela responde que está falando com 8316 pessoas além de Theodore. E por fim, pergunta por quantas pessoas ela está apaixonada, ao que ela responde: 641 pessoas.

Situamos dois aspectos importantes que podemos perceber no filme *Her* (JONZE, 2014). O primeiro é a parceria da tecnologia com a virtualidade sobre todos os aspectos da vida. Nos dias atuais, a informática está presente desde sua utilização no trabalho, passando pela comunicação, informação, compras, até no lazer. Encontramos nesse contexto, quando utilizamos a tecnologia com fins de nos relacionarmos de forma interpessoal, possibilidades consideráveis de serem construídas, situações que transcendem um encontro físico.

Podemos estar no Brasil e conversarmos com alguém na Suécia, ou qualquer outro lugar do mundo, e até mesmo fora dele, nos comunicando com os astronautas. É possível que namoremos a longas distâncias sem ao menos termos visto pessoalmente o amado. Podemos marcar uma reunião por vídeo-conferência. Ou, também, matarmos a saudade de nossos familiares pelo telefone. Enfim, encontramos múltiplas possibilidades de nos relacionarmos fora do tempo-espço ao qual estamos acostumados.

O segundo apontamento importante do filme é a voz. É *Ela* ou *Dela* (*Her* – em inglês) que domina, dirige e orienta a vida de Theodore. Poderíamos dizer que *Ela*, ao

invés de Theodore, seria a personagem principal. É uma voz que encanta e seduz, tudo sabe, onipresente e que tudo pode fazer por Theodore. É uma voz que está em todo lugar. É o objeto que está fora – objeto *a* – que dirige toda a cadeia significante de Theodore.

## 5.2 ELA OU DELA

A primeira forma de a criança se comunicar com o Outro é pelo grito. Segundo Rudge (2010), poderíamos entender a voz (o grito) como o primeiro laço social, um grito que será articulado como demanda e desejo. Na verdade, nem poderíamos dizer que ela se comunica, porque o grito, nesse momento, é só um alívio de uma tensão fisiológica, não tem a intenção de se dirigir a alguém.

Entretanto, quanto esse grito é acolhido pelo Outro, é dotado de sentido pelo Outro, ele se transforma em grito *para*. A voz do Outro aloja a criança na linguagem, fazendo com que ela perca o acesso direto à materialidade real da voz que será velada pelo processo de significação (SCHWARZ, 2012).

O bebê grita devido a alguma tensão. Esse grito não é um apelo ou pedido, ele se configura apenas como uma tensão vocal de sofrimento. Somente terá sentido pela resposta da voz do Outro. Pela invocação do Outro, o significante entra no Real e produz o sujeito enquanto efeito da significação, o grito *puro* se torna grito *para*, como já o dissemos. A voz do Outro introduz a criança na palavra, fazendo-lhe perder a voz para sempre como objeto (VIVÈS, 2009a).

Na entrada da criança no simbólico, algo do ser do sujeito é perdido para sempre, pois é no campo da linguagem e da fala que o inconsciente se constrói e que a realidade psíquica se estrutura segundo o significante. O grito do bebê tem a função de fazer signo para o Outro materno. Ao considerar o grito do bebê, o Outro o inscreve no mundo da fala, consituindo a necessidade do bebê como demanda endereçada ao Outro. (CATÃO, 2009).

Quando um bebê grita, sua mãe logo lhe dá uma interpretação. Ele está com fome ou ele está com dor de ouvido. Como a criança não fala, não pode comunicar suas tensões ao Outro, ela grita. Grita para se livrar das tensões que o afligem. A todo o momento, a mãe tenta dar sentido aos gritos e manifestações do bebê, o introduzindo pouco a pouco na linguagem e na fala. Com tudo isso, com o Outro dando significação

ao seu grito, o sujeito precisa perder a voz para poder falar. A voz desaparece por trás do sentido.

A palavra faz calar a voz, que é o objeto do órgão da palavra. Para o sujeito advir, ele precisa ficar surdo ao canto da sereia, perder a voz como objeto e deixar surgir a fala. Essa surdez criará um ponto surdo ao timbre primordial sobre ao redor da qual a fala surgirá, o ponto surdo recalca sua voz para falar sem saber: a materialidade do som será velada pela significação (VIVÈS, 2009a, 2009b).

[...] o grito do infans é ouvido pela mãe como um apelo em que ela tenta ler uma demanda. É a sua voz que é interpretada como significante, ou seja, a voz é tomada como objeto primordial, como objeto perdido, a partir do momento em que ela dá uma significação a essa voz (VIVÈS, 2012, p. 22).

Os psicanalistas trabalharam muito pouco a questão da voz, mesmo a voz sendo tão privilegiada na clínica psicanalítica em detrimento do olhar, como podemos ver na passagem da hipnose para o divã, já que a voz emerge plenamente quando falta a imagem de quem chama (VIVÈS, 2009a). Lacan acrescentou à lista de Freud dois objetos pulsionais: a voz e o olhar. O estudo de Lacan mesmo sobre a voz é raro e escasso, não chegando a ser elaborado suficientemente, havendo mais trabalhos sobre a pulsão escópica (RUDGE, 2010).

A abordagem da voz como objeto pulsional, em Lacan, tem origem no estudo das alucinações psicóticas que invadem o sujeito. No campo pulsional, a pulsão invocante adquire uma estreita ligação com o significante e a fala, pois a emergência do sujeito é efeito do significante (VIVÈS, 2012).

A pulsão invocante sexualiza o corpo e pela via da significação, do significante, ela estabelece as relações do corpo com a linguagem que marcam o seu lugar de objeto pulsional, que se situa no limite entre corpo e linguagem (MALISKA, 2008).

A voz, entendida aqui como objeto *a*, que conecta a linguagem ao corpo e que é um resquício da relação do sujeito com o Outro pode ser pensada como a voz que não se pode dizer nem ouvir. Ela pode ser escutada, ter efeitos no corpo, mas não compreendida. Indica a presença do Outro com seu enigma e provoca o estranhamento. A voz passa pela fala. Rodeia o impossível de dizer, o silêncio (CALDAS, 2008). Para ouvir, compreender e falar, é necessário adquirir um ponto surdo só possível através do

esquecimento produzido pelo recalque originário (VIVÈS, 1989 APUD DIDIER-WEILL, 2012).

A pulsão invocante desnatura o corpo com a linguagem, a voz se distancia do objeto pulsional para se por como significante. A linguagem parasita o corpo. A voz chama o *infans* a vir como sujeito, mas ele deve se separar dela para realizar-se como sujeito. A voz deve ser contornada, cavando um lugar que permanece vazio e reenvia o enigma. A voz é estrangeira, mas o cativa (TRAVAGLIA, 2014).

Os ouvidos (zona erógena da pulsão invocante), segundo Lacan (1964), são no campo do inconsciente, o único orifício que não se pode fechar. Diferentemente do olhar, que não se volta para o sujeito, mas vai em direção ao outro para se fazer ouvir, daí há um retorno ao sujeito. O gozo aparece naquilo que se ouve do outro a partir do que lhe foi dito (MALISKA, 2008).

A zona erógena onde se inscreve o objeto voz da pulsão invocante é o ouvido. As zonas erógenas privilegiadas são assim denominadas porque apresentam a característica de orifício, e, como tal, provocam a abertura e fechamento, posição estrutural que, para além da anatomia da boca, ânus e olhos – que abrem e fecham seus orifícios – é própria daquilo que é inconsciente (MALISKA, 2008).

Nesse ponto, seria interessante lembrarmos a relação da voz com o supereu. Quando o bebê grita, ele tem acesso ao Outro, e a voz que vem do Outro é a manifestação de seu desejo e é igualmente o desejo que se tem dele (VIVÈS, 2009a, 2009b). A estrutura do Outro constitui um certo vazio. É nesse vazio que a voz surge como imperativo. O desejo do Outro assume a forma de uma ordem. A voz não é assimilada, mas incorporada (LACAN, 1964). Quando o pai grita, a criança não entende a fala, mas a voz com seu rugido (VIVÈS, 2012).

A voz que vem do Outro está inscrita na lei significante, dadas as características do supereu presentes na voz, a voz é do Outro. Será essa que limitará o excesso de gozo materno, que se levado ao extremo levará o sujeito à morte (MALISKA, 2008).

### 5.3 THEODORE E A FANTASIA DELA

Theodore trabalha em uma empresa, na qual sua função é escrever cartas de amor. Ele deve se passar pelos seus clientes e escrever cartas para os parceiros deles. E a isso ele se dedica com afinco, produzindo correspondências lindas, se prendendo aos detalhes. Na verdade, não seria certo dizer que ele escrevia, seria correto dizer que ele ditava as cartas. Já que há um programa no computador que torna possível que ele fale e as palavras apareçam na tela do computador.

Em uma das cartas, um homem pede a Theodore que lhe escreva uma carta para a mulher dele. A carta é feita toda plena de romance, detalhes e sutilezas. Theodore, por exemplo, escreve sobre o dente torto da esposa de quem lhe demandou a carta. Se passando pelo esposo, ele a elogia e coloca o dente torto como uma qualidade única.

Percebemos que Theodore se regozija com sua atividade. Nesse aspecto profissional de Theodore, nos lembramos de que Freud [1908 (1907)] acredita que para compreender a raiz do trabalho adulto devemos nos voltar para o brincar infantil. Antes a criança brincava; hoje, o adulto fantasia. Como o brincar ficou inapropriado para sua idade, agora ele fantasia situações infantis e proibidas de forma disfarçada em suas cartas.

Encontramos aí toda uma fantasia na área do trabalho. Suas atividades e interesses foram desviados para algo socialmente aceito. Percebemos também que ele, em suas cartas, se coloca como um terceiro da relação.

Outro ponto a ser analisado é que quando Theodore compra um Sistema Operacional, descobre Samantha e passa a se relacionar com ela. Notemos que para Theodore não é necessário um corpo material para ele se relacionar, muito menos para reconhecê-la. Eles conversam, brincam, passeiam e até transam. A relação entre os dois se passa por *Ela* – a voz. A partir desses pressupostos, vamos pensar o *Estádio do Espelho*, o objeto causa do desejo e a falta da relação de objeto.

Essa situação nos remete ao *Estádio do Espelho*, no qual o olhar do Outro nos dá uma imagem de completude e nos reconhece. Unifica imaginariamente nosso corpo, antes sentido como despedaçado. No estádio do espelho, como já vimos, a criança descobre sua imagem global e forma seu *Eu* a partir de sua imagem, conquistando um corpo como totalidade unificada (LACAN, 1949).

Nesse ponto, não podemos dizer que Samantha não existe por ela ser uma voz. Se ela é reconhecida por Theodore e pelos outros, ou seja, pelo Outro, ela tem uma imagem corporal, embora ela não tenha o formato humano, sendo antes referida a um aparelho (o que Theodore segura na imagem abaixo) ou ao computador. Percebemos que esse objeto como mais uma representação de um corpo humano. Essa questão de como ele se relaciona com Samantha se torna muito interessante, pois Theodore e o aparelho, no gráfico Z correspondem à relação  $a - a'$ . Embora nós veremos que nossa relação com o Outro não se dá com o corpo do outro (como imagem narcísica), mas pelo objeto  $a$ .



Figura 13

Se faz necessário lembrar que qualquer contato com um outro, qualquer prazer advindo desse contato não é algo evidente, mas algo traumático e só pode ser suportado na medida em que esse outro entre no quadro da fantasia (ZIZEK, 2010). Mesmo Theodore se relacionando com um sistema operacional é preciso que haja uma fantasia e um objeto que a cause.

Entendemos essa relação de Theodore e Samantha como duas pessoas ao telefonema, entretanto é claro que ela vai além desse exemplo, já que, Samantha pode ver pelas lentes de seu aparelho, pode consultar quaisquer livros, tem acesso a todas as informações, é onipresente e onisciente, quase um deus.

Para ilustrarmos o que Lacan nos diz sobre o *Estádio do espelho*, retornemos ao buquê invertido que mostra que “o corpo se organiza através do olhar do outro que o organiza (CABAS, 2005, p. 20-21)”.

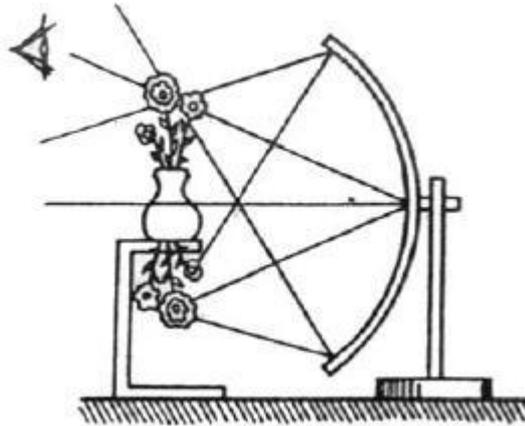


Figura 14

A partir desse reconhecimento que Theodore dá à Samantha, podemos concebê-la com uma imagem corporal. Até porque, como veremos mais à frente, não nos relacionamos com o corpo da outra pessoa, mas com partes destacáveis dele. Vemos que a voz exerce grande influência em Theodore, é por ela que ele é causado a desejar. Nesse ponto, entendemos a voz como um objeto causa do desejo: objeto *a*.

O objeto *a*, como já apresentamos, é o resquício da relação entre o Sujeito (\$) e o Outro (A). Na separação entre o sujeito e o Outro, perdemos uma parte, esquematizada na imagem abaixo.

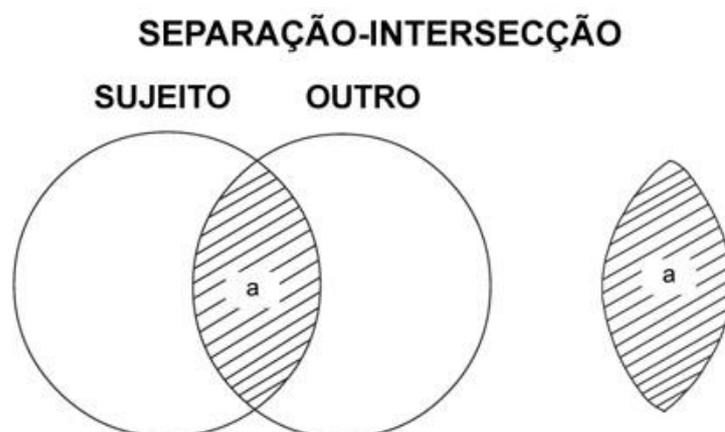


Figura 15

Como percebemos, o objeto  $a$  é o que sobra dessa unidade hipotética mãe-filho. A ligação entre o Outro e o Sujeito se estabelece apenas pelo objeto  $a$  (CARREIRA, 2009). O sujeito sustenta com o objeto  $a$  a ilusão de totalidade, ignorando sua divisão (FINK, 1988).

A fantasia, dessa forma, com sua álgebra  $\$ \diamond a$  “expressa a relação desejante entre o sujeito e o objeto causa do desejo (JORGE, 1988, p. 27)”. É na relação com o objeto causa do desejo que o sujeito se sente completo, é somente pela fantasia que o sujeito ignora sua divisão. É com o objeto  $a$  que o sujeito pode fantasiar uma integralidade e completude, ao mesmo tempo em que é causado a desejar. Quando o sujeito acha que encontrou o objeto do desejo, algo que o saciaria, na verdade ele encontrou um objeto que o faz desejar.

Como já vimos, foi com a operação de separação que o sujeito pôde desejar e ser desejado. Antes ele era somente desejado, objeto de gozo do Outro  $a \diamond \$$ , mas depois das operações de constituição do sujeito, ele pode agora ser objeto do Outro e ser um sujeito desejante  $\$ \diamond a$ .

Entendemos como objeto  $a$  as peças destacáveis e religadas ao corpo: seio, cíbalo, voz, falo e olhar (LACAN, 1966-1967), já que, é como pedaço de corpo que eles funcionam, lembrando que eles são um resto da dialética do sujeito com o Outro. Foram objetos que tiveram uma relação especial nos rituais com a mãe nos jogos de presença e ausência (OSCARIZ, 2003).

É a partir da voz que Theodore é causado a desejar. Desse resto, desse cavo que ele atinge o campo do Outro, com o qual ele constrói uma pessoa e fantasia.

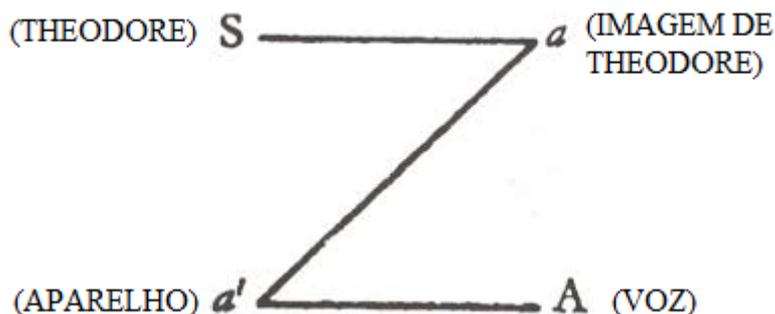


Figura 16

Enquanto Theodore se relaciona com Samantha de forma narcísica  $a' - a$ , é a relação  $A - S$  que nos interessa. Embora ele se relacione com a voz, ela também é percebida como imagem, como um outro. A relação com a voz como objeto  $a$  se passa na relação de  $A - S$ .

Como a relação que se estabelece é a falta de objeto, o sujeito se relaciona com seu inconsciente (o inconsciente é um discurso do Outro) (LACAN, 1966), com suas próprias fantasias sexuais, elas são as respostas que ele encontrou por causa da falta de objeto e de instinto. E essa relação com o Outro só pode ser estabelecida pelo objeto *a*.

Então é pela voz que Theodore se relaciona com o Outro e com o outro. Dessa forma, o sujeito se realiza sempre no Outro, seguindo uma suposta parte de si mesmo (LACAN, 1964).

Para Lacan a fantasia é uma organização capturada pela linguagem (OSCARIZ, 2003). Agora para explicar a gramática da fantasia, trazemos a ilusão de completude do sujeito e o contorno e retorno em circuito da pulsão. A partir desses pontos podemos trazer a fantasia paradigmática de Freud (1919) e perceber que a gramática da fantasia é a voz reflexiva do verbo – *Sou espancando pelo meu pai* – como *fazer-se comer, fazer-se ouvir, fazer-se olhar*, visto que, o sujeito recebe sua própria mensagem invertida do Outro. Assim, o gozo de Theodore apareceria naquilo que se ouve do outro a partir do que lhe foi dito.

Dessa maneira, a fantasia revela o assujeitamento ao significante e a produção do sujeito na tentativa de responder à falta do Outro, afinal de contas: o que o outro quer?– *Che vuoi?* (PACHECO, 2012). A voz que ele pronuncia, ao ditar suas cartas, é a voz que ele escuta em seu Sistema Operacional. Dessa forma, ele se quer fazer escutar.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa dissertação teve uma longa reviravolta e um árduo percurso. A princípio, pensamos em trabalhar a dúvida na neurose obsessiva e a fantasia. Realizamos uma revisão bibliográfica, lemos, estudamos e nos aprofundamos. Contudo, algumas reviravoltas de ordem subjetiva nos levaram a outros caminhos.

A partir desse corte, a dissertação tomou outro norte. Embora, já era de nossa intenção trabalhar com a temática da virtualidade e a intensa crítica que a cerca. Também era de nosso interesse trabalhar com a realidade psíquica, sempre deslumbrante, como percebemos especialmente na clínica. Já tínhamos os temas, só precisávamos de uma conexão, que surgiu com o filme *Her*, no qual Theodore se apaixona por Samantha, uma voz de um sistema operacional.

Acreditávamos ser importante estudar, como problema, se as relações virtuais também eram mediadas pela fantasia. Contudo, percebemos que esse problema não era tão interessante e relevante, já que, a fantasia se interpõe em todas as relações. E se as fantasias já se interpunham nas relações virtuais, e assim nos restava questionar como a fantasia era capturada na virtualidade. Começamos então, a questionar também a elipse do conceito de fantasia nos estudos de alguns teóricos sobre as relações estabelecidas pela *Internet*.

Esses questionamentos desembocaram no tema central de nossa pesquisa: como a fantasia seria capturada pela Internet. Trabalhamos, especificamente, no filme *Her* (Jonze, 2013), como a fantasia de Theodore seria capturada na virtualidade pelo Sistema Operacional chamado Samantha. Esse filme nos possibilitou estudar de forma pontual o objeto *a*, voz, que causa o desejo em Theodore.

Para responder a essa pergunta, propusemos três objetivos específicos – um estudo sobre a virtualidade, agregando o surgimento do computador e sua relação com a virtualização; um estudo abrangente sobre a fantasia em Freud e Lacan; e um estudo sobre a falta de objeto também nos mesmos autores.

Sobre a virtualidade, apresentamos vários autores, dos quais temos Castells, Lévy, Bauman e Nicolaci-da-Costa. Vimos o surgimento da Internet, primeiramente, como arma militar utilizada pelos Estados Unidos contra a União Soviética, logo após a Segunda Guerra Mundial, na Guerra Fria. O computador, antes enorme, era utilizado principalmente para cálculos avançados e para decifrar códigos. A *Internet* até então era uma forma de conexão que só havia nos departamentos de defesa e em algumas

universidades. Foi na década de noventa que *Internet* e virtualidade se fundiram e surgiram como computador pessoal com conexão.

Apresentamos o conceito de virtualidade, segundo Lévy, como uma força que existe em potência, precisando de um campo de atualização, bem como seu laço com a informatização. Levamos algum tempo para compreender e aplicar esse conceito, aparentemente fácil.

Passamos depois ao conceito de modernidade líquida proposto por Bauman para explicar sua concepção das relações na contemporaneidade e seu embate com Nicolaci-da-Costa, que questiona as ideias de Bauman. Segundo Bauman, vivemos em um tempo líquido em que não há compromisso, vivemos em rede da qual nos conectamos e desconectamos instantaneamente. Uma época na qual as relações virtuais ditam todas as relações.

Discordamos das idéias de Bauman, pois acreditamos que seus argumentos são muito frágeis. Ele generaliza seus argumentos com a liquidez das relações, pensa que o progresso tecnológico incluiria um progresso psicológico. Contudo, compreendemos que em cada época, os conflitos adquirem a coloração que a cultura propõe. E ainda, que o progresso tecnológico não transforma as relações das pessoas no que compete à dinâmica inconsciente do sujeito, como se o progresso tecnológico fosse algo independente. A tecnologia seria apenas um suporte que utilizamos para expressar nossos conflitos, nosso desejo. Dessa forma, a Internet será utilizada por cada um, em ressonância com o lugar que ela ocupa na dinâmica psíquica. A Internet, nesse sentido, seria mais um meio de realizar nossas fantasias, desejos e conflitos.

No terceiro capítulo, retornamos à Teoria da Sedução, proposta por Freud como etiologia das neuroses, na qual a neurose seria desencadeada por um abuso sexual de um adulto a uma criança. Com o amplo estudo de Freud sobre a fantasia (que tirou destronou a teoria da sedução), mais sobre as fantasias conscientes e pré-conscientes, percebemos que a fantasia regula todas as relações, sejam elas face a face ou tela a tela, para nos referenciar às relações virtuais. As fantasias formam nossa realidade psíquica que é a única realidade.

Além de apresentar os estudos de Freud, no chamado ciclo da fantasia, no qual ele percorre a fantasia por trás dos sintomas dos pacientes, estudamos também a importância da materialidade da fantasia paradigmática na vida dos sujeitos com a fantasia *Bate-se em uma criança*.

Em Lacan, abordamos a constituição do sujeito, com o Estádio do espelho e as operações de alienação e separação. No Estádio do espelho, podemos perceber a criança se identificando a uma imagem dita pelo Outro primordial (função, muitas vezes exercido pela mãe). Com a alienação, percebemos o momento em que a criança ocupa o lugar que foi destinado a ela no desejo dos pais, se submetendo ao simbólico e na separação, percebemos o momento em que a criança se separa desse lugar, sobrando entre o ela e o Outro o objeto *a*.

A constituição do sujeito foi um tópico extremamente importante para abordarmos o objeto *a* (objeto causa do desejo) e sua relação com o matema da fantasia  $\$ \langle \rangle a$ . A partir da operação de separação, pudemos perceber que o sujeito se relaciona com o Outro por meio de peças destacáveis do corpo: seio, fezes, olhar e a voz. O sujeito só se relaciona com o Outro por meio das pulsões parciais, isto é, não se relaciona com o Outro em sua totalidade.

Também retomamos a fantasia *Bate-se em uma criança* em Lacan. Para esse autor a fantasia é uma ficção que estrutura a realidade, por isso o sujeito “apanha” tanto na vida. É a posição que o sujeito se coloca na vida. A fantasia tenta responder ao enigma do Outro, o que o Outro quer? – *Che vuoi?* – é uma defesa simbólico-imaginária contra o real. A fantasia vai além do mundo interior e constitui as relações de sua vida.

O capítulo seguinte foi destinado à relação de objeto em Freud e Lacan. Nesse caso, percebemos que os dois autores colocam a falta de objeto determinado para a pulsão. Justamente por não sermos seres instintuais, mas pulsionais, o objeto da pulsão pode ser variável. Para essa resposta à falta de objeto fixo, Freud apresenta a bissexualidade infantil e Lacan propõe o objeto *a* – o objeto da falta. Para ele, a falta de objeto é a mola de toda a relação do sujeito com o mundo, não existindo um objeto harmonioso que a aplacaria, por isso somos seres desejantes, por causa da falta.

Por fim, respondemos ao problema proposto no qual a fantasia de Theodore é capturada na virtualidade pela voz de Samantha, velada pela fala. A voz, objeto perdido de Samantha, causa o desejo em Theodore. Theodore, ao abordar Samantha, aborda o objeto *a* – voz. Como já ressaltamos, só há acesso pelo Outro pelas vias das pulsões parciais. É revolvendo a voz para resgatar nela sua perda original que empenha a atividade pulsional de Theodore.

A voz de Samantha não é nenhum parceiro em particular, apenas a contrapartida de Theodore em sua fantasia. A fantasia é produto da transferência do objeto *a* para o campo do Outro, quando um investimento é historizado, vestido com as imagens e os significantes do discurso (ASSIS, 2014).

Com todo esse estudo, pudemos ver a relação simbólica na internet e questionar os autores que só viam o imaginário, ou que não havia reconhecimento do Outro. Percebemos que a fantasia se interpõe em todas as relações, sejam elas presenciais ou virtuais. A *Internet* será utilizada por cada sujeito de acordo com seu desejo e o desejo será causado pelo objeto *a*, até mesmo na virtualidade.

Sabemos que a falta se faz presente nessa dissertação. Alguns temas não puderam ser abordados como o amor e o gozo, por fugirem ao escopo do projeto. Também não discutimos o progresso tecnológico como suporte para a pulsão, com a dinâmica psíquica.

Entretanto, com a falta sentida nessa dissertação, alguns questionamentos emergiram para uma pesquisa futura, surgidos do dilema de como podemos discutir sobre o desejo, amor e gozo, bem como, sobre o progresso tecnológico e sua relação com a dinâmica psíquica a partir dos desdobramentos da possibilidade da captura da fantasia pela virtualidade em aplicativos de relacionamento.

## 7. BIBLIOGRAFIA

- ABEL, M. C. Verdade e fantasia em Freud. *Ágora*. Rio de Janeiro, n. 1, v. XIV, jan/jun 2011, p. 47-60.
- AMOEDO, S. H. F. *A relação da fantasia com o conceito de objeto a*. Ceará, 2009. 125p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Unversidade Federal do Ceará, 2009.
- ASSIS, M. Sobre o amor, o desejo e os parceiros. *Stylus Revista de Psicanálise*. Rio de Janeiro, n. 28, p. 91-96, 2014.
- BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- \_\_\_\_\_. *Amor líquido*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.
- \_\_\_\_\_. *Vida líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.
- \_\_\_\_\_. *Vida para consumo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.
- \_\_\_\_\_. *A arte da vida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.
- BIRMAN, J. *Estilo e modernidade em Psicanálise*. São Paulo: Ed. 34, 1997.
- CABAS, A. G. *Curso e discurso na obra de Jacques Lacan*. São Paulo: Centauro, 2005.
- CALDAS, H. Voz e olhar no ensaio sobre a cegueira. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*. Rio de Janeiro, v. 60, n. 3, 2008.
- CARREIRA, A. F. Algumas considerações sobre a fantasia em Freud e Lacan. *Psicol. USP*, São Paulo, v. 20, n. 2, jun/2009, p. 157-171.
- CASALEGNO, F. Fronteiras do real e do virtual. *Revista FAMECOS*. Porto Alegre, nº 11, dez, 1999, p. 117-123.
- CASTELLS, M. *A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- \_\_\_\_\_. *A sociedade em rede: A era da informação: economia, sociedade e cultura, v. 1*. São Paulo: Paz e Terra, 2013.
- CATÃO, I. *O bebê nasce pela boca: voz, sujeito e clínica do autismo*. São Paulo: Instituto Langage, 2009.
- CECCARELLI, P. R. A sedução do pai. *GRIFOS – Publicação anual do Inst. de Estudo Psicanalíticos – IEPSI – Belo Horizonte*, n. 18, out. 2001, p. 91-97.
- \_\_\_\_\_. R. Don Quixote e a transgressão do saber. *Revista Mal-estar e subjetividade*. vol. IX – N. 3, set/2009, p. 879-899.

\_\_\_\_\_. Considerações sobre pesquisa em Psicanálise. In:\_\_\_\_\_. *Psicologia: diálogos contemporâneos*. Melo & Júnior (org.) Curitiba: CRV, 2012, p. 137-146.

CECCARELLI, P. R.; LINDENMEYER, C. O pensamento mágico na constituição do psiquismo. *Reverso, Revista do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais*, ano XXXII, n. 63, 2012, p. 45-52.

DARRIBA, V. A falta conceituada por Lacan: da coisa ao objeto a. *Ágora*. Rio de Janeiro, v. VIII, n. 1, jan-jun/2005, p. 63-76.

DIDIER-WEILL, A. *Lacan e a clínica psicanalítica*. Rio de Janeiro: Contra capa, 2012.

DONNAMARIA, C. P., TERZIS, A. Sobre a evolução de vínculos conjugais originados na Internet. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 61, n. 3, 2009, p. 75-86.

DOR, J. *Introdução à leitura de Lacan: o inconsciente estruturado como linguagem*. Porto Alegre: Artmed, 1989.

ELIA, L. Psicanálise, clínica & Pesquisa. In:\_\_\_\_\_. *Clínica e pesquisa em psicanálise*. Sonia Alberti e Luciano Elia (org). Rio de Janeiro: Rios ambiciosos, 2000, p. 19-35.

FERRARI, I. F. A Psicanálise no mundo da ciência. *Psicologia em Revista*. Belo Horizonte, v. 8, n. 11, jun. 2002, p. 82-91.

FERREIRA-LEMONS, P. do P. Navegar é fantasiar: relações virtuais e psicanálise. *PSICO*, v. 42, n. 1, jan/mar, 2011, p 59-66.

FIGUEIREDO, A. C. *Vastas confusões e atendimentos imperfeitos: a clínica psicanalítica no ambulatório público*. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1997.

FINK, B. *O sujeito lacaniano – entre a linguagem e o gozo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

FREUD, S. Relatório sobre meus estudos em Paris e Berlim (1956 [1886]). In: \_\_\_\_\_. *Publicações Pré-psicanalíticas e Esboços Inéditos (1886-1889)*. Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 37-52. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 1).

\_\_\_\_\_. Histeria (1888). In: \_\_\_\_\_. *Publicações Pré-psicanalíticas e Esboços Inéditos (1886-1889)*. Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 75-98. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 1).

\_\_\_\_\_. Extratos dos documentos dirigidos a Fliess. Carta 69, 21 de setembro de 1897 (1950 [1892-1899a]). In:\_\_\_\_\_. *Publicações Pré-psicanalíticas e Esboços Inéditos (1886-1889)*. Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 309-311. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 1).

\_\_\_\_\_. Extratos dos documentos dirigidos a Fliess. Carta 67, 14 de agosto de 1897 (1950 [1892-1899b]). In:\_\_\_\_\_. *Publicações Pré-psicanalíticas e Esboços Inéditos* (1886-1889). Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 315. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 1).

\_\_\_\_\_. Extratos dos documentos dirigidos a Fliess. Carta 61, 2 de maio de 1897 (1950 [1892-1899c]). In:\_\_\_\_\_. *Publicações Pré-psicanalíticas e Esboços Inéditos* (1886-1889). Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 302. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 1).

\_\_\_\_\_. Extratos dos documentos dirigidos a Fliess. Rascunho L. Notas I, 2 de maio de 1897 (1950 [1892-1899d]). In:\_\_\_\_\_. *Publicações Pré-psicanalíticas e Esboços Inéditos* (1886-1889). Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 303-306. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 1).

\_\_\_\_\_. Extratos dos documentos dirigidos a Fliess. Rascunho M. Notas II, 25 de maio de 1897 (1950 [1892-1899e]). In:\_\_\_\_\_. *Publicações Pré-psicanalíticas e Esboços Inéditos* (1886-1889). Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 306-309. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 1).

\_\_\_\_\_. *Estudos sobre a Histeria* (1893-1895). Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 2).

\_\_\_\_\_. Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa (1896a). In:\_\_\_\_\_. *Primeiras Publicações Psicanalíticas* (1893-1899). Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 161-188. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 3).

\_\_\_\_\_. A etiologia da histeria (1896b). In:\_\_\_\_\_. *Primeiras Publicações Psicanalíticas* (1893-1899). Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 189-215. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 3).

\_\_\_\_\_. *A interpretação dos sonhos* (1900). Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 4).

\_\_\_\_\_. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). In:\_\_\_\_\_. *Um Caso de Histeria, Três Ensaios sobre a sexualidade e outros Trabalhos* (1901-1905). Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 119-231. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 7).

\_\_\_\_\_. Fragmentos da análise de um caso de histeria (1905[1901]). In:\_\_\_\_\_. *Um Caso de Histeria, Três Ensaios sobre a sexualidade e outros Trabalhos* (1901-1905). Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 15-116. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 7).

\_\_\_\_\_. Minhas teses sobre o papel da sexualidade na etiologia das neuroses (1906 [1905]). In:\_\_\_\_\_. *Um Caso de Histeria, Três Ensaio sobre a sexualidade e outros Trabalhos* (1901-1905). Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 261-272. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 7).

\_\_\_\_\_. Personagens psicopáticos no palco [1942 (1905 ou 1906)]. In:\_\_\_\_\_. *Um Caso de Histeria, Três Ensaio sobre a sexualidade e outros Trabalhos* (1901-1905). Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 295-302. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 7).

\_\_\_\_\_. Delírios e sonhos na *Gradiva* de Jensen [1907 (1906)]. In:\_\_\_\_\_. “*Gradiva*” de Jensen e outros Trabalhos (1906-1908). Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 15-90. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 9).

\_\_\_\_\_. Escritores criativos e devaneio (1908 [1907]). In: \_\_\_\_\_. “*Gradiva*” de Jensen e outros trabalhos (1906-1908). Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 135-143. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 9).

\_\_\_\_\_. Fantasias históricas e sua relação com a bissexualidade (1908a). In:\_\_\_\_\_. “*Gradiva*” de Jensen e outros Trabalhos (1906-1908). Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 147-156. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 9).

\_\_\_\_\_. Sobre as teorias sexuais das crianças (1908b). In:\_\_\_\_\_. “*Gradiva*” de Jensen e outros Trabalhos (1906-1908). Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 189-206. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 9).

\_\_\_\_\_. Algumas observações gerais sobre ataques histéricos [1909 (1908a)]. In:\_\_\_\_\_. “*Gradiva*” de Jensen e outros Trabalhos (1906-1908). Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 207-216. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 9).

\_\_\_\_\_. Romances familiares (1909 [1908b]). In:\_\_\_\_\_. “*Gradiva*” de Jensen e outros Trabalhos (1906-1908). Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 217-222. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 9).

\_\_\_\_\_. Análise de uma fobia em um menino de cinco anos (1909). In:\_\_\_\_\_. *Dois histórias clínicas (O “Pequeno Hans” e o “Homem dos ratos”)*. Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 10).

\_\_\_\_\_. Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico (1911). In: \_\_\_\_\_. *Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente, v. I*. Coordenação geral da tradução Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago, 2004, p. 95-97.

\_\_\_\_\_. Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor (1912). In: \_\_\_\_\_. *Cinco lições de psicanálise, Leonardo da Vinci e outros trabalhos*. Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 11).

\_\_\_\_\_. Totem e Tabu (1913). In: \_\_\_\_\_. *Totem e Tabu e outros Trabalhos (1913-1914)*. Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 13-174. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 13).

\_\_\_\_\_. À Guisa de Introdução ao Narcisismo (1914). In: \_\_\_\_\_. *Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente, vol. I (1911 -1915)*. Coordenação geral de tradução de Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago, 2004, p. 95-131. (Obras psicológicas de Sigmund Freud).

\_\_\_\_\_. Pulsões e destinos da pulsão (1915). In: \_\_\_\_\_. *Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente, v. I (1911 -1915)*. Coordenação geral de tradução de Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago, 2004, p. 133-173. (Obras psicológicas de Sigmund Freud).

\_\_\_\_\_. Conferência XXIII: Os caminhos da formação dos sintomas (1917 [1916-1917]). In: \_\_\_\_\_. *Conferências introdutórias sobre psicanálise (Parte III. Teoria geral das neuroses. 1917 [1916-1917])*. Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 361-378. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 16).

\_\_\_\_\_. História de uma neurose infantil (1918 [1914]). In: \_\_\_\_\_. *Uma neurose infantil e outros trabalhos*. Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 17).

\_\_\_\_\_. Uma criança é espancada – Uma contribuição ao estudo da origem das pererções sexuais (1919). In: \_\_\_\_\_. *Uma neurose infantil e outros trabalhos*. Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 67-153. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 17).

\_\_\_\_\_. Além do princípio do prazer (1920). In: \_\_\_\_\_. *Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente, v. 2 (1915 -1920)*. Coordenação geral de tradução de Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago, 2004, p. 123-198. (Obras psicológicas de Sigmund Freud).

\_\_\_\_\_. Psicologia das massas e análise do eu (1921). In: \_\_\_\_\_. *Psicologia das massas e análise do eu e outros textos*. Direção-geral da tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Cia das letras, 2011, p. 13-113. (Obras completas, 15).

\_\_\_\_\_. O problema econômico do masoquismo (1924). In: \_\_\_\_\_. *Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente, v. 3 (1923 -1938)*. Coordenação geral de tradução de Luiz

Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago, 2004, p. 103-124. (Obras psicológicas de Sigmund Freud).

\_\_\_\_\_. Um estudo autobiográfico (1925 [1924]). In: \_\_\_\_\_. *Um estudo autobiográfico, inibições, sintomas e ansiedade, análise leiga e outros trabalhos* (1925-1926). Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 15-78. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 20).

\_\_\_\_\_. O futuro de uma ilusão (1927). In: \_\_\_\_\_. *O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos*. Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 13-66. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 21).

\_\_\_\_\_. O mal-estar na civilização (1930). In: \_\_\_\_\_. *O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos*. Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 67-153. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 21).

GUEDES, D. F. P. Uma introdução ao conceito de objeto a. *Psicanálise & Barroco em revista*. Juiz de Fora, v.8, n.1, jul/2010, p. 159-174.

GUERRA, A. M. C. Profanação e Resistência: Psicanálise, pesquisa e intervenção social. In: \_\_\_\_\_. *Psicanálise, universidade e sociedade*. Heloísa Caldas e Sônia Altoé (orgs). Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2011.

JONZE, S. HER. Direção: Spike Jonze. Produção: Ellison Megan, Spike Jonze & Vincent Landay. Estados Unidos. *Warner Bros Pictures & Entertainment Film*, 2013. 126 min, DVD, legendado, cor.

JORGE, M. A. C. *Sexo e discurso em Freud e Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

\_\_\_\_\_. As quatro dimensões do despertar – sonho, fantasia, delírio e ilusão. *Ágora*. Rio de Janeiro, n. 2, v. VIII, jul/dez 2005, p. 275-289.

\_\_\_\_\_. Lacan e a escrita da fantasia. In: \_\_\_\_\_. *Escrita e Psicanálise*. Ana Costa e Doris Rinaldi (orgs.). Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2007.

\_\_\_\_\_. *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan, vol. 2: a clínica da fantasia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

\_\_\_\_\_. *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan, vol. 1: as bases conceituais*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

LACAN, J. O estádio do espelho como formador da função do Eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica (1949). In: \_\_\_\_\_. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998, p. 96-103.

\_\_\_\_\_. *O Seminário livro 1: Os escritos técnicos de Freud (1953-1954)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

\_\_\_\_\_. *O Seminário livro 2: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise (1954-1955)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

\_\_\_\_\_. *O Seminário livro 4: a relação de objeto (1956-1957)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

\_\_\_\_\_. *O Seminário livro 5: As formações do inconsciente (1957-1958)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

\_\_\_\_\_. *O Seminário livro 7: A ética da psicanálise (1959-1960)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

\_\_\_\_\_. *O Seminário livro 10: a angústia (1962-1963)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

\_\_\_\_\_. *O Seminário livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

\_\_\_\_\_. De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose (1966). In: \_\_\_\_\_. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

\_\_\_\_\_. *O Seminário 14: a lógica do fantasma (1966-1967)*. Recife, 2008 (publicação não comercial dos membros do centro de estudos freudianos de Recife).

LANZARIN, C. C. A fantasia e o baile de máscaras do final do milênio. *Psicol. cienc. prof.*, Brasília, v. 20, n. 3, Set. 2000, p. 28-33.

LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J.-B. *Fantasia originária, fantasias das origens, origens da fantasia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

LASCH, C. *A cultura do narcisismo: A vida americana numa era de esperanças em declínio*. Rio de Janeiro: Imago Editora LTDA, 1983.

LAURENT, E. Alienação e separação I. In: \_\_\_\_\_. FELDSTEIN, R; FINK, B; JAANUS, M. (Orgs) *Para ler o seminário 11*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997a.

\_\_\_\_\_. Alienação e separação II. In: \_\_\_\_\_. FELDSTEIN, R; FINK, B; JAANUS, M. (Orgs) *Para ler o seminário 11*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997b.

LÉVY, P. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 2010.

\_\_\_\_\_. *O que é o virtual?* São Paulo: Editora 34, 2011.

LIPOVETSKY, G. *A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo*. São Paulo: Manole, 2005.

LUCERO, A & VORCARO, A. Do vazio ao objeto : das ding e a sublimação em Jacques Lacan. *Ágora*. Rio de Janeiro, v. 16, abr/2013.

MALISKA, M. E. *A voz e o ritmo nas suas relações com o inconsciente*. Santa Catarina, 2008. 285p. Dissertação (Doutorado em linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, 2008.

MENEZES, P. P. O homem, o virtual e a psicanálise. *Núcleo psicanalítico de Aracaju*. Aracaju, 2014. Acesso:10/11/2015. <http://www.psicanalisearacaju.org.br/?pag=textos&idtexto=138&idcoluna=28>

MEZAN, R. A querela das interpretações. In: \_\_\_\_\_. *A vingança da esfinge: ensaios de Psicanálise*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

MOURA, D. F. G. *A paixão amorosa e a fantasia*. Rio de Janeiro, 2007. 182p. Dissertação (Mestrado em Psicanálise) – Programa de Pós-Graduação em Psicanálise, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2007.

NASIO, J-D. *A fantasia: o prazer de ler Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

NICOLACI-DA-COSTA, A. M. *Internet: a negatividade do discurso da mídia versus a positividade da experiência pessoal. À qual dar crédito? Estudos de Psicologia*, Rio Grande do Norte, 7(1), 2002, p. 25-36.

\_\_\_\_\_. Sociabilidade virtual: separando o joio do trigo. *Psicol & Soc*, Santa Catarina, 17 (2), mai/ago, 2005, p. 50-57.

OLIVEIRA, G. D. F. de & CECCARELLI, P. R. Realidade virtual v. Realidade Psíquica. In: \_\_\_\_\_. *Estudos de Psicanálise*. Belo Horizonte, v44, dez, 2015. p. 101-108.

OSCARIZ, C. M. *O sintoma e a clínica psicanalítica – o curável e o que não tem cura*. São Paulo: Via Lettera, 2003.

PACHECO, A. L. P. *Da fantasia de infância ao infantil da fantasia: a direção do tratamento na psicanálise com crianças*. São Paulo: Annablume, 2012.

PLATÃO. *Banquete*. São Paulo: Martin Claret, 2007.

PORCHAT, P. *Freud e o tese de realidade*. São Paulo: Casa do psicólogo – FAPESP, 2005.

ROSA, M. D. A pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos: metodologia e fundamentação teórica. *Revista Mal-estar e subjetividade*. Fortaleza, v. IV, n. 2, set/2014, p. 329-348.

RUDGE, A. M.. Voz no amor. *Psicol. clin.* Rio de Janeiro, vol.22, n.2, 2010, p 169-177.

SCHWARZ, C. *A voz e o abismo: considerações sobre o silêncio o e a pulsão invocante*. Porto Alegre, 2012. 112p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, 2012.

SOLLER, C. O sujeito e o Outro I. In: \_\_\_\_\_. FELDSTEIN, R; FINK, B; JAANUS, M. (Orgs) *Para ler o seminário 11*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997a.

\_\_\_\_\_. O sujeito e o Outro II.. In: \_\_\_\_\_. FELDSTEIN, R; FINK, B; JAANUS, M. (Orgs) *Para ler o seminário 11*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997b.

TRAVAGLIA, A. A. S. Autismo e os primórdios da palavra: pulsão invocante, corpo e linguagem. *Estilos clin.* São Paulo, v. 19, n.2, mai-ago/2014, p. 263-276.

VIVÈS, J-M. *A voz na clínica psicanalítica*. Rio de Janeiro: Contra capa, 2012.

\_\_\_\_\_. A pulsão invocante e os destinos da voz. *Psicanálise & Barroco em revista*. Juiz de Fora, v.7, n.1, jul/2009a, p. 186-202.

\_\_\_\_\_. Para introduzir a questão da pulsão invocante. *Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.* São Paulo, v. 12, n. 2, jun/2009b, p. 329-341.

ZIZEK, S. *Como ler Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.